

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM DIREITO**

PATRÍCIA STRAUSS RIEMENSCHNEIDER

**MATERNIDADE, CONSUMO E SUSTENTABILIDADE SOB A ÓTICA
ECOFEMINISTA**

**Caxias do Sul, RS
2016**

PATRÍCIA STRAUSS RIEMENSCHNEIDER

**MATERNIDADE, CONSUMO E SUSTENTABILIDADE SOB A ÓTICA
ECOFEMINISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Direito - Centro de Ciências Jurídicas da Universidade de Caxias do Sul - como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Professora Doutora Caroline Ferri.

**Caxias do Sul, RS
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

R556m Riemenschneider, Patrícia Strauss, 1976-
Maternidade, consumo e sustentabilidade sob a ótica ecofeminista /
Patrícia Strauss Riemenschneider. – 2016.
128 f. : il. ; 30 cm

Apresenta bibliografia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Direito, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Caroline Ferri.

1. Ecofeminismo. 2. Sustentabilidade. 3. Sociedades de consumo. 4.
Maternidade – Aspectos sociais. I. Título.

CDU 2. ed.: 141.72:502

Índice para o catálogo sistemático:

1. Ecofeminismo	141.72:502
2. Sustentabilidade	504.6
3. Sociedades de consumo	330.567.2
4. Maternidade – Aspectos sociais	2-457

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

**"MATERNIDADE, CONSUMO E SUSTENTABILIDADE SOB A ÓTICA
ECOFEMINISTA".**

Patrícia Strauss Riemenschneider

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Direito - Mestrado da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Direito, Área de Concentração: Direito Ambiental, Políticas Públicas e Desenvolvimento Socioeconômico.

Caxias do Sul, 16 de fevereiro de 2016.

Profa. Dra. Caroline Ferri (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Isadora Vier Machado
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Maria Carolina Rosa Gullo
Universidade de Caxias do Sul

Profa. Dra. Mara de Oliveira
Universidade de Caxias do Sul



CIDADE UNIVERSITÁRIA

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 - B. Petrópolis - CEP 95070-560 - Caxias do Sul - RS - Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 - CEP 95020-972 - Caxias do Sul - RS - Brasil

Telefone / Telefax (54) 3218 2100 - www.ucs.br

Entidade Mantenedora: Fundação Universidade de Caxias do Sul - CNPJ 88 648 761/0001-03 - CGCTE 029/0089530

Para Chloe e Mia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Caroline Ferri por todo o auxílio e paciência.

Agradeço ao meu marido, Chris McPherson pelo apoio e dedicação.

Agradeço aos meus pais Gilberto e Nice pela educação e amor que me proporcionaram.

Agradeço aos amigos Tatiana e Matthew pela hospitalidade e acolhimento nas noites de quintas-feiras em Caxias do Sul. Em especial pela taça de vinho, sempre a minha espera.

Agradeço, em particular, a minha filha Chloe. Por que foi através dela que consegui ver o mundo de forma diferente. Por causa dela, comecei a questionar tudo que me vinha sendo imposto sobre a maternidade: “deixar o bebê dormir sozinho”, “dar leite artificial”, “utilizar a praticidade dos industrializados”, “desmamar logo para não criar dependência”, etc.

A sociedade e todos ao meu redor faziam tais afirmativas. Mas tu filha, me ajudou a entender que um retorno aos instintos ancestrais e naturais da maternidade não só era e é o melhor para ti, como também era e é tudo o que tu precisavas.

Tu fostes a inspiração para este trabalho. Obrigada.

“A humanização do nascimento não representa um retorno romântico ao passado, nem uma desvalorização da tecnologia. Em vez disso, oferece uma via ecológica e sustentável para o futuro.”

Ricardo Herbert Jones

RESUMO

As sociedades ocidentais atuais tentam influenciar as mulheres e, em especial, as mães, sobre comportamentos e condutas na criação de seus filhos. Através de práticas enraizadas e estabelecidas, propagam que tudo que for derivado da tecnologia e do desenvolvimento é melhor e traria, como consequência, mais benefícios para a prole do que o for instintivo e natural. A prática de cesáreas agendadas, o uso de leite artificial, o desaconselhamento ao uso da cama ou cômodo compartilhado, bem como a utilização de alimentos industrializados e processados na nutrição dos filhos seriam, desta forma, práticas “modernas” e “contemporâneas”. Já, em contrapartida, o parto natural, o aleitamento materno, a prática da cama compartilhada, bem como a alimentação baseada em produtos naturais seriam condutas “anacrônicas”, “inconvenientes” e “ultrapassadas”. No entanto, as práticas atuais e derivadas do “desenvolvimento não só não trazem benefícios para a saúde dos filhos, como também não são práticas ditas “sustentáveis”. Possuem altos custos de produção, além de gerar resíduos e descarte degradando, assim, o meio ambiente e diminuindo os recursos naturais do Planeta. O Ecofeminismo entende que a mitigação do protagonismo feminino e a exploração da Natureza são consequências de um mesmo fenômeno: a dominação masculina sobre ambas que existe em sistemas de opressão, como o patriarcado. Através de várias premissas, coloca mulheres e Natureza em um regime de submissão: trata a mulher como incompetente e incapaz para o ato de parir e de cuidar da prole e a Natureza como uma mera fonte de recursos, apta a ser degradada e explorada. A Filosofia Ecofeminista embasa teoricamente, assim, o presente estudo, já que trata, dentro de suas diferentes correntes, sobre a falácia de que tudo que for “tecnológico” e “desenvolvido” seria melhor que o “natural” e “instintivo”, quando na verdade, o que ocorre, é exatamente o contrário: o retorno às origens e às práticas primitivas relativas à maternidade, além de ser sustentável, também é, infinitamente melhor para a saúde das futuras gerações.

Palavras-chaves: Consumo. Ecofeminismo. Sustentabilidade. Maternidade.

ABSTRACT

Current western societies try to influence women, particularly mothers; regarding their behavior and conduct in relation to the way they raise their children. Through practices ingrained and established, it is spread that everything derived from technology and development is better and consequently brings more benefits to the child than those which are natural and instinctive. The practice of arranged caesareans, the use of artificial milk, the non-use of a shared bed or room, as well as the use of industrialized and processed foods in the diet of the children to be, “modern” and “contemporary”. On the contrary, a natural birth, breast feeding and the practice of a shared bed, as well as foods based on natural products are “outdated”, “inconvenient” and “old-fashioned”. However, current practices derived from “development” not only fail to bring health benefits to the children, but are also not “sustainable” processes. They have high production costs, generate waste and harmful disposal to the environment and to the Earth’s natural resources. Ecofeminism understands the mitigation of female leadership and the exploration of nature are consequences of the same phenomenon; male domination over both that exists in systems of oppression as well as patriarchy. Through various assumptions which put women and nature in a regime of submission, treat women as incompetent and incapable of raising their children and nature as a mere source of resources, there to be degraded and exploited. The philosophy of ecofeminism theoretically underlies this, as does this study, and addresses within their different branches, the illusion that everything “technological” and “developed” is better than what is “natural” and “instinctive”, when in reality, what happens is the exact opposite; the return to our origins and primitive practices related to maternity, as well as being sustainable are infinitely better for the health of our future generations.

Key words: Consumption. Ecofeminism. Sustainability. Maternity.

LISTA FIGURAS

Figura 1 – Imagem da Mãe Terra	35
Figura 2 – Imagem do <i>outdoor</i>	59
Figura 3 – Imagem 1 – Leite artificial e brinquedo	62
Figura 4 – Congresso Virtual 2015. Congresso Brasileiro de Pediatria	63
Figura 5 – Portal Nestlé	64
Figura 6 – Heinz Papinhas – o mundo mudou. Seu bebê também	81
Figura 7 – Heinz Papinhas – uma nova geração de bebês	82
Figura 8 – Produtos destinados ao público infantil utilizando personagens.	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparativo entre as correntes do Ecofeminismo.....	43
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A FILOSOFIA ECOFEMINISTA	16
2.1 ECOFEMINISMO: CONCEITUAÇÕES E ORIGENS HISTÓRICAS	16
2.2 O SISTEMA PATRIARCAL SOB A LENTE ECOFEMINISTA	18
2.3 A “LÓGICA DA DOMINAÇÃO”	20
2.4 CORRENTES DO ECOFEMINISMO.....	22
2.4.1 Conexões históricas	23
2.4.2 Conexões Conceituais.....	24
2.4.3 Conexões empíricas	26
2.4.4 Interações Sócio-econômicas	27
2.4.5 Interações Linguísticas.....	31
2.4.6 Interações simbólicas e literárias	34
2.4.7 Interações Espirituais e Religiosas.....	36
2.4.8 Interconexões Epistemológicas.....	38
2.4.9 Interações Políticas.....	39
2.4.10 Conexões Éticas	41
2.2 QUADRO COMPARATIVO E CONCLUSÕES	42
3 A SOCIEDADE DE CONSUMO E A MATERNIDADE.....	46
3.1 A EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE DE CONSUMO	46
3.2 MATERNIDADE E CONSUMO	52
3.2.1 A mulher/mãe como provedora.....	53
3.2.2 A mãe consumidora.....	55
<i>3.2.2.1 Amamentação e desmame precoce.....</i>	<i>56</i>
<i>3.2.2.1.1 A sexualização do seio materno</i>	<i>58</i>
<i>3.2.2.1.2 A introdução de leite artificial</i>	<i>60</i>
<i>3.2.2.2 Nascimento natural e Nascimento cirúrgico.....</i>	<i>66</i>
<i>3.2.2.3 Cama compartilhada.....</i>	<i>70</i>
<i>3.2.2.3.1 O suposto risco de sufocamento</i>	<i>71</i>
<i>3.2.2.3.2 A suposta independência do bebê.....</i>	<i>74</i>
<i>3.2.2.4 Maternidade e alimentação.....</i>	<i>76</i>
<i>3.2.2.4.1 Alimentação Complementar e Consumo.....</i>	<i>80</i>
<i>3.2.2.4.2. Alimentação e Publicidade</i>	<i>84</i>

4 A MATERNIDADE SUSTENTÁVEL	88
4.1 SUSTENTABILIDADE: DEFINIÇÕES E CONCEITOS.	89
4.2 SUSTENTABILIDADE E ALEITAMENTO MATERNO	93
4.3 O NASCIMENTO SUSTENTÁVEL	98
4.4. A SUSTENTABILIDADE DA CAMA COMPARTILHADA	103
4.5 ALIMENTAÇÃO SUSTENTÁVEL.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores transformações na vida de uma mulher ocorre quando ela se torna mãe. Sua rotina, seu estilo de vida, seus padrões de sono, alimentação e comportamento são completamente modificados com a chegada do bebê.

A mudança é brusca, violenta e avassaladora: a recém-nascida mãe precisa aprender a lidar com o nascimento e criação da prole. Não há ensaios, não há treinos. E, acima de tudo, não há como voltar atrás.

A mulher, agora mãe, encontra-se, assim, em uma posição de extrema vulnerabilidade: seus hormônios do pós-parto estão ainda se adaptando ao fato de não haver mais um bebê dentro dela. Há tristeza, há euforia, há medo.

A progenitora se sente, muitas vezes, incompetente e incapaz para o ato de criação do filho. Na maioria das vezes não possui suporte emocional ou físico das pessoas que estão ao seu redor. Pelo contrário: o que ela recebe, frequentemente, são opiniões que a descredita como mulher e como mãe.

As sociedades industrializadas de consumo, cientes da fragilidade e do desamparo da genitora, tentam impor a ela condutas e comportamentos que a destituam de sua capacidade natural de cuidado e proteção da prole. Tentam convencê-la que as práticas ancestrais, naturais e simplesmente instintivas são atitudes anacrônicas e inconvenientes, que não cabem em um mundo “civilizado”, onde a tecnologia e o desenvolvimento seriam mecanismos “facilitadores” das práticas relacionadas à maternidade.

As mulheres, desta forma, embebidas em uma conjuntura cultural, econômica e social, acabam por se render às práticas consumistas, encontrando, na sociedade de consumo, subterfúgios e aparatos que possam substituir o cuidado natural com relação ao nascimento e criação de filhos.

Sucumbem à cirurgia cesariana previamente agendada, já que não confiam que seu corpo teria a aptidão de parir um filho. Acreditam que o médico, um “expert” e “conhecedor” da “moderna medicina” deverá fazê-lo no lugar dela. Ele saberá o que é melhor para a mulher. O médico será o protagonista do nascimento, enquanto que a mulher, amarrada e medicada, apenas assistirá passivamente a chegada de seu próprio filho.

Com o nascimento da criança, a mãe precisará agora alimentá-lo. A natureza presenteou o corpo da mulher com a possibilidade de produzir o melhor alimento para o início

de vida de um bebê – o leite materno - o “super líquido” que supre todas as necessidades afetivas, nutricionais e imunológicas do infante.

Tudo que uma criança precisa, até os seus seis primeiros meses de vida, é o peito da mãe. No entanto, a mulher é levada a acreditar que o alimento que produz não é o suficiente para sua prole. Que o seu leite “é fraco” e que, portanto, seu bebê está constantemente com fome. Que a amamentação irá deixar a criança dependente da mãe. Que os horários de lactação devem ser regulados, de forma a não permitir que o bebê passe muito tempo no peito da mãe.

Uma vez em casa, a mãe é então convencida que a criança, muitas vezes com dias de vida, precisa de “seu espaço”. Que o bebê deve ser colocado no berço e separado da pele, do cheiro e do contato da mãe, porque a independência de todos é muito mais importante, para as sociedades ocidentais industrializadas, que o apego que resultará da conexão entre mãe e bebê. A prática da cama ou cômodo compartilhado, assim, é enfaticamente desencorajada.

Quando então chega o momento da introdução de alimentos sólidos, a mulher/mãe também é influenciada pelas condutas comportamentais das civilizações ocidentais atuais. A condição materna é, desta forma, suggestionada a consumir alimentos industrializados, já que eles seriam “vanguardistas” e “contemporâneos” e, portanto, melhores para a saúde e o crescimento de sua prole.

Percebe-se, assim, um enaltecimento e uma glorificação de tudo que for derivado do tecnicismo, do desenvolvimento e da tecnologia.

As práticas ancestrais, que acompanham os seres humanos e, em especial as mulheres, não se encaixariam nos paradigmas das civilizações modernas. Desta forma, condutas tidas como “instintivas”, relativas à maternidade, como o parto natural, sem intervenções desnecessárias, o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses da vida da criança, a prática da cama compartilhada e a nutrição através de alimentos que não sejam processados são taxados de “inconvenientes”, “inoportunos” e “anacrônicos”.

Importa ressaltar que se poderia tratar sobre inúmeros assuntos relacionados com a maternidade e o consumo. No entanto, se optou pelo recorte de apenas quatro deles (parto natural, aleitamento materno, cama ou cômodo compartilhada e alimentação “natural”), por ter se encontrado melhor embasamento teórico sobre eles do que outros tópicos relacionados aos temas tratados neste trabalho.

A Filosofia Ecofeminista trata sobre a bivalente dominação que mulheres e Natureza sofrem dentro de sistemas de opressão como o patriarcado, por exemplo. Ambas são

colocadas em uma situação de inferioridade com relação ao sexo masculino e, uma vez, subordinadas, poderão ser exploradas e degradadas.

Inúmeras correntes Ecofeministas retratam a origem de tal dominação: histórica, ética, religiosa, etc. No entanto, duas vertentes se adequam e servem para fundamentar este trabalho: a corrente sócio-econômica e a corrente empírica.

A primeira descreve e critica a falsa percepção, existente nas sociedades industrializadas ocidentais, de que tudo que for “moderno” e “desenvolvido” seria melhor e traria mais benefícios que as práticas primitivas e originais. Assim, aplicando ao presente trabalho, o leite artificial seria melhor que o leite materno. A cirurgia cesárea seria superior ao parto natural, a separação entre mãe e criança seria mais adequada e aconselhável do que a prática da cama compartilhada e, por fim, a alimentação que tem por base alimentos processados, seria melhor que a nutrição “in natura” ou dita “caseira”. Tais assunções, no entanto, serão falseadas, como será demonstrado ao longo deste estudo.

Já a segunda corrente descreve que são as mulheres, em primeiro lugar, os sujeitos que são atingidos pela degradação ambiental. São elas e suas proles quem, em primeiro, sofrem com a ausência de água potável, com a poluição de rios e lagos, com o extenso uso de fertilizantes, sementes modificadas e venenos químicos em alimentos, por exemplo. Devido a isso, são também as mulheres/mães as primeiras a demandarem e a exigirem maior proteção ao meio ambiente e aos ecossistemas que as cercam.

Além disso, as práticas, ditas “contemporâneas” e relacionadas à maternidade, não são, de forma alguma “sustentáveis”. Necessitam, em geral, de produção em larga escala, consomem em abundância recursos naturais do Planeta, geram grandes quantidades de resíduos e de material a ser descartado.

Do contrário, as atitudes que levam em consideração os instintos ancestrais e primitivos da mãe não deixam os chamados “footprints” (pegadas). Como acima mencionado, o parto vaginal, o aleitamento materno, a cama compartilhada e a alimentação “in natura” seriam simples comportamentos naturais e genuínos da mulher/mãe e que, como consequência, acabam por respeitar os ciclos naturais dos ecossistemas, causando mínima degradação ambiental. São, desta forma, práticas absolutamente sustentáveis.

As sociedades ocidentais atuais tentam, assim, persuadir e convencer a mulher que tudo que for derivado da tecnologia e do desenvolvimento seria mais benéfico e vantajoso para sua prole do que as práticas autênticas e nativas relacionadas à maternidade. As correntes Ecofeministas, acima descritas, criticam veemente tais assunções, e asseveram exatamente o

contrário: tais práticas e comportamentos traduzem, na verdade, prejuízos e efeitos negativos para a mulher, para seus filhos e para o meio ambiente. Alia-se a isto, o fato que as práticas defendidas pelas sociedades de consumo não são, de forma alguma sustentáveis.

Este trabalho tenta, assim, relacionar quatro grandes pontos: maternidade, consumo, sustentabilidade e Ecofeminismo. Após breve introdução, os capítulos que se seguem tentam exatamente definir e conectar estes quatro tópicos.

O capítulo de número dois tratará, desta forma, sobre o embasamento teórico da Filosofia Ecofeminista: principais correntes, definições e autores relevantes.

Após, o capítulo seguinte, falará sobre a evolução da sociedade de consumo e de como, atualmente, a mulher/mãe acaba por sucumbir a práticas, relacionadas à maternidade, que serviriam para lidar com a sua alegada “incompetência” e “incapacidade” de parir e de cuidar de sua prole.

Em seguida, no último capítulo, será verificada, então, que as práticas que a sociedade de consumo tenta infligir na mulher/mãe são, na verdade, além de prejudiciais ao ato de nascer e de crescer dos filhos, também condutas que não são “sustentáveis”. Tais alegações terão por embasamento teórico, em especial, as vertentes do Ecofeminismo acima descritas.

Espera-se, assim, que ao final deste estudo, se possa concluir que a mulher/mãe, ao retornar às origens que a conectam ao seus instintos ancestrais e primitivos estará indo contra o que as sociedades industrializadas ocidentais preconizam sobre a maternidade. No entanto, ao fazer isso, estará praticando atitudes que atingirão dois objetivos: prover sua prole com o melhor início de vida que eles poderiam ter e, ao mesmo tempo, exercitar condutas que respeitarão o meio ambiente sendo, assim, sustentáveis. Tais comportamentos “sustentáveis”, reforçam, desta forma, o posicionamento da Filosofia Ecofeminista que enfatiza a valorização do “natural” e do “instintivo” em contrapartida ao “moderno e “desenvolvido”.

Aspira-se, desta forma, a confirmação da hipótese de que as atitudes comportamentais atuais relativas à maternidade não são sustentáveis e que condutas instintivas e originais, pelo contrário, seriam sustentáveis. Exatamente o que preconiza diversas vertentes da Filosofia Ecofeminista.

2 A FILOSOFIA ECOFEMINISTA

O Ecofeminismo incorpora uma variedade de bases teóricas, práticas e críticas com o intuito de compreender e, como consequência, resistir, às inter-relacionadas dominações que acometem mulheres e Natureza.¹

É um termo dito “genérico” para uma variedade de enfoques: as chamadas correntes Ecofeministas.

Apesar de haver diversas teorias, defendidas por várias Ecofeministas, há um ponto de concordância entre todas elas: a ocorrência da chamada “lógica da dominação”². Exercida sobre mulheres e Natureza e embasada no sistema patriarcal, a “lógica da dominação” torna ambas subordinadas e inferiores e, como consequência, sujeitas a opressão, exploração e dominação.

Para o Ecofeminismo as demandas ecológicas e femininas devem ser reunidas a fim de se repensar novos sistemas econômicos-sociais-culturais que não sejam embasados em subordinação e opressão. Somente com a liberação de um, se conseguirá a libertação do outro.³

Neste capítulo serão abordados os principais aspectos da Filosofia Ecofeminista: definições conceituais, principais autores, sua evolução histórica, além de uma análise das 10 principais correntes do Ecofeminismo.

Ao final do presente capítulo se poderá, assim, associar as correntes que são pertinentes para o presente trabalho e que servirão para embasar a correlação entre consumo, maternidade e sustentabilidade, tendo como “pano de fundo”, o Ecofeminismo.

2.1 ECOFEMINISMO: CONCEITUAÇÕES E ORIGENS HISTÓRICAS.

O Ecofeminismo entende que não existe solução para a crise ecológica e para a subordinação da mulher que não passe por uma mudança fundamental nas relações de dominação existentes nas sociedades modernas.

¹ EATEN, Lorentzen. **Ecofemism and globalization: exploring culture, context and religion**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield Publishers, 2004. p. 1.

² WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 68.

³ RUETHER, Rosemary. **New woman new earth: Sexist ideologies and human liberation**. Boston: Beacon Press, 1995. p. 204.

Historicamente, o Ecofeminismo teve seu marco inicial nos anos 1970 como movimento político. O nome é atribuído a escritora francesa “Francoise d’Eaboune” que sumariou as expressões “Ecologia” e “Feminino” em uma só.

D’Eaboune visualizava o futuro onde a Terra seria novamente respeitada: um lugar onde cidadãos não seriam categorizados como homens e mulheres, mas tratados, primeiramente, como seres humanos. Para que um mundo assim fosse possível, seria necessária a criação de novas relações entre homem e Natureza e entre homens e mulheres.

A partir dos escritos de D’Eaboune a Filosofia Ecofeminista se desenvolveu a fim de demonstrar as importantes e essenciais conexões entre as dominações feminina e Natureza, além de apontar eventuais caminhos para a liberação de ambas.⁴

No entanto, há autores que entendem que o efetivo início do movimento, e posteriormente da própria Filosofia Ecofeminista, ocorreu um pouco antes, em 1962, com a publicação do livro “Silent Spring” (Primavera Silenciosa) da escritora Rachel Carson.⁵ Foi o livro de Carson que iniciou e influenciou movimentos ambientais de protestos contra poluição e destruição do meio ambiente que, em 1970, culminaram na declaração do Dia da Terra.

Com inúmeros enfoques, encontra-se escritoras Ecofeministas com ideologias liberais, marxistas, socialistas, radicais e pós-modernistas.⁶ Com diversas ideologias, a Filosofia incorpora, assim, conceitos teóricos oriundos da ecologia e também advindos de estudos feministas. Suas definições são elaboradas baseando-se em fontes como filosofia, sociologia, religião, biologia e tecnologia.

Ecofeministas endereçam assuntos fundamentais como biotecnologia, destruição ambiental, produção de resíduos tóxicos, além de sugerir novas visões políticas e sociais para o mundo. Acima de tudo, trazem, sempre, a ligação entre mulher e a Natureza como fruto de um mesmo tipo de dominação.⁷

A integração da ecologia com o feminismo trouxe como consequência o fato de que a Natureza e, em particular, sua degradação, tornou-se um tópico “feminino”.⁸

⁴ NHANENGE, Jytte. **Ecofeminism: Towards integrating the concerns of women, poor people and nature into development.** Maryland: University Press of America, 2011. p. 98.

⁵ Ibid., p. 100.

⁶ EATEN, Lorentzen. **Ecofemism and globalization: exploring culture, context and religion.** Estados Unidos: Rowman & Littlefield Publishers, 2004. p. 3.

⁷ NHANENGE, Jytte. **Ecofeminism: Towards integrating the concerns of women, poor people and nature into development.** Maryland: University Press of America, 2011. p. 98.

⁸ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy.** Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 10.

“Feminizar” o tópico de estudo significar dizer que o entendimento dele contribuirá, de alguma forma, para a compreensão também da subordinação da mulher.⁹ Assim, racismo, classismo, especismo e colonialismo, por exemplo, são tópicos que podem ser “feminizados”. Ao compreendê-los, se entenderá e se poderá correlacionar com a dominação da mulher e se buscar formas para eliminá-la ou mitigá-la.

A Filosofia Ecofeminista está sem dúvida em busca de novas formas de pensar, desafiando o que a Filosofia clássica assume como verdade. Inclui, portanto posições que a tradicional Filosofia exclui. Para fazer isso, Ecofeminismo investiga os sistemas humanos de dominação. Parte do princípio que nenhuma forma de dominação pode ser justificada.

No âmbito Feminista, a Filosofia Ecofeminista utiliza a análise de gênero como ponto de partida para criticar a dominação. Seria impossível analisar dominação sem se ter um ponto de vista feminino. Somente com o enfoque em sexo, gênero e patriarcado poderá ser percebida a dominação de gênero existente, bem como seus efeitos.

Já em uma perspectiva ecológica, Ecofeministas utilizam o conhecimento sobre o mundo natural, bem como as interações entre humanos e Natureza. Qualquer tipo de análise que não inclua a Natureza como uma entidade “viva” não conseguiria explicar a exploração e a dominação.¹⁰

A gêmea dominação precisa, no entanto, ser identificada dentro do sistema patriarcal de opressão. Através da compreensão dos mecanismos do patriarcado, poder-se-á entender as razões pelas quais as mulheres e a Natureza são colocadas em uma posição de sujeição e dominação. Tais proposições serão analisadas no próximo tópico deste trabalho.

2.2 O SISTEMA PATRIARCAL SOB A LENTE ECOFEMINISTA

Para Warren, o patriarcado é um “sistema de dominação de mulheres por homens através de instituições (políticas, práticas, posições, papéis) comportamentos e maneiras de pensar que dão ao homem maior valor, privilégio e poder.”¹¹

A referida autora argumenta que há diversos tipos de estruturas conceituais advindas de um conjunto de valores, opiniões, julgamentos e atitudes que tendem a moldar como cada

⁹ NHANENGE, Jytte. **Ecofeminism: Towards integrating the concerns of women, poor people and nature into development.** Maryland: University Press of America, 2011. p. 99.

¹⁰ Ibid., p. 106.

¹¹ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy.** Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 64.

pessoa se enxerga dentro de sua comunidade e dentro do próprio mundo. Não todos, mas algumas estruturas possuem caráter opressivo como, por exemplo, o sistema patriarcal.¹²

Uma estrutura opressiva funciona de forma a explicar, manter e justificar relações de subordinação e dominação. No caso do patriarcado, o sistema existe para justificar a subordinação de mulheres com relação aos homens.

Para Warren há cinco características que podem ser destacadas em uma estrutura conceitual opressiva:

O **primeiro elemento** atribui grande valor para um enquanto que garante menos valor para o outro. Por exemplo: homens: “up” (acima) e mulheres: “down” (abaixo). Caucasianos: “up” e negros “down”. Cultura: “up” e Natureza: “down”. Ao invés de um se sobressair sobre outro, para autores Ecofeministas, o que deveria ser considerado é o acolhimento da diversidade e não a busca pela superioridade.¹³

Um sistema opressivo como o patriarcado, além de valorar um elemento em detrimento de outro, também estimula a prática de dualismos a fim de que existam elementos que se excluem e se opõem entre si. Esses dualismos são, por exemplo: homens/mulheres, brancos/negros, racional/emocional e cultura/Natureza. Essa **segunda característica** em um conceito de opressão, se integra com a primeira, acima descrita, fazendo com que se dê mais valor, como consequência, à racionalidade do homem de cor branca do que às emoções de mulheres negras, por exemplo.

A **terceira característica** comum entre as estruturas de opressão é o poder sobre outras pessoas e/ou sobre a Natureza. Para que se tenha a configuração de um sistema assim, é indispensável que haja injustificável subordinação de uma pessoa sobre outra, ou de uma pessoa sobre a Natureza.

Como **quarto elemento** temos a prática do “privilégio” que se mantém e se perpetua como sendo algo exclusivo dos “ups” e não dos “downs”.

O **último**, e mais importante elemento dentro das estruturas de opressão, como o próprio patriarcado, é a denominada “lógica da dominação”, que entende que após a construção dos conceitos de superioridade e inferioridade, será então possível que os “ups” dominem os “downs”.

Para o presente trabalho, que correlaciona maternidade, consumo e sustentabilidade, as cinco características dos sistemas de opressão (“ups and downs”, dualismos, subordinação injustificada, privilégio e lógica da dominação) atuam de forma a afastar e diminuir o que for

¹² WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 46.

¹³ GRAY, Elizabeth Dodson. **Green Paradise Lost**. Estados Unidos: Roundtable Press, 1981. p. 20.

natural e instintivo. Assim, valorizam e o uso da tecnologia e da ciência (cultura) a fim de desmerecer atitudes vocacionais que seriam ecologicamente mais sustentáveis (Natureza), por exemplo.

Tal circunstância pode ser verificada quando se conclui que as mulheres (historicamente as principais cuidadoras de suas proles) são levadas a acreditar, por exemplo, que o leite artificial, já que oriundo de práticas tecnicistas, seria melhor que o seu próprio leite, ou que os alimentos industrializados possuiriam melhores qualidades nutricionais que os alimentos colhidos na horta de suas próprias casas.¹⁴

Fica fácil de entender o porquê de tais premissas serem impostas como verdades no universo materno: tais axiomas são meras consequências de um sistema que premia o cientificismo masculino em detrimento do instintivo feminino.

Warren¹⁵, quando trata do sistema patriarcal, aprofunda os princípios nos quais tal estrutura é baseada. A autora trabalha, de forma exaustiva, sobre a quinta característica presentes em sistemas opressores: a denominada “lógica da dominação”, conjunto de conceitos e proposições a ancorar o patriarcado, é o estudo do próximo tópico deste trabalho.

2.3 A “LÓGICA DA DOMINAÇÃO”

A compreensão da chamada “lógica da dominação” de homens sobre Natureza e de homens sobre mulheres na vigência do sistema patriarcal é indispensável para o entendimento da Filosofia Ecofeminista.

Para Warren há 4 razões pelas quais a lógica da dominação dentro sistema patriarcal precisa ser compreendida.¹⁶

A **primeira razão** diz respeito ao próprio sistema de valores, antes já mencionado, que a autora chama de “ups and downs”. O sistema de valores está embebido na lógica da dominação como uma forma de premissa moral em que a superioridade justifica a subordinação.

¹⁴ No site destinado à alimentação infantil da empresa Heinz, por exemplo, o argumento publicitário principal utilizado pela fabricante, no intuito de vender alimentos industrializados, é a de que “o mundo mudou”, e como consequência, a alimentação de bebês e crianças também “deveria mudar”. Uma alusão de que as práticas antigas seriam anacrônicas e ultrapassadas e que as modernas seriam melhores e trariam maiores benefícios para as crianças. Disponível em: <<http://www.heinzpapelhas.com.br/?page=sache>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

¹⁵ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 54.

¹⁶ Ibid., p. 48.

Este raciocínio seria construído tanto como sendo uma afirmação, mas também como sendo um processo em que os homens são vistos como “superiores” e mulheres e Natureza como “inferiores”.

Na cultura patriarcal se constróem “inferiores” e, indo além, se usa a construída “inferioridade”, bem como se molda a “superioridade” para justificar a opressão.¹⁷

A **segunda razão** trata sobre como as diferenças, entre seres humanos e não humanos, homens e mulheres, são utilizadas de forma desviada pelo sistema patriarcal a fim de que sejam transfiguradas em dominação. Por exemplo: parte-se da premissa de que seres humanos são superiores a plantas e pedras. Ou que seres humanos possuem a capacidade de agir como seres conscientes, enquanto que pedras e plantas não possuem tal consciência.

O Antropocentrismo¹⁸ acata tais premissas e, baseando-se na diferença, justifica a dominação. No entanto, a superioridade moral de humanos sobre seres não humanos, se existir, não justifica, de forma alguma, a dominação de um por outro.¹⁹

A compreensão da lógica da dominação é, em **terceiro lugar**, fundamental no entendimento da opressão da mulher e da Natureza, já que, através de análises históricas, é visível que a moldura que desenha a subordinação de “inferiores” é exatamente o sistema patriarcal.

Carolyn Merchant, que faz uma análise histórica sobre as origens do patriarcado²⁰, mostra que nas sociedades ocidentais a mulher é associada com literatura, artes, Natureza, sensibilidade e corpo. Já o homem seria relacionado a cultura, razão, política e negócios. Desta forma, em uma sociedade patriarcal, o homem teria um papel de maior importância que o papel feminino.

A autora demonstra que há exceções e que é possível visualizar mulheres em situações de poder e supremacia. No entanto, ao assumir tais funções, a mulher tende a se masculinizar, já que na sociedade patriarcal, homens teriam maior “status” e maior “importância” que as mulheres.²¹

¹⁷ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 48.

¹⁸ Adota-se o conceito de Grün, pelo qual antropocentrismo é o princípio no qual o ser humano é o centro do Universo. GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental: A conexão necessária**. 11. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007. p. 27.

¹⁹ Ibid. p. 49.

²⁰ MERCHANT, Carolyn apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 50.

²¹ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 52.

A **quarta razão** pela qual se faz indispensável a compreensão da lógica da dominação é, exatamente, a dominação. A dominação que abrange não só mulheres, mas também a Natureza e a ligação que existe entre elas.

Instituições de opressão utilizam vários tipos de instrumentos para obter a submissão: violência, ameaças, colonização, “bullying”, exclusão. Através do uso de tais ferramentas, o sistema opressivo ganha forças e os “dominados” (mulheres e Natureza) a perdem. Como colocado por Simone de Beauvoir: “A superioridade é dada não ao sexo que dá a luz, mas ao sexo que mata”²².

A dominação existente nas sociedades atuais de mulheres e Natureza são interdependentes. Esta “união” é sustentada no domínio das “Naturezas inferiores” ao homem. A construção da superioridade masculina ao longo da história coloca o sexo masculino como perfeito, absoluto, universal. E uma vez na condição de superior, o habilita a dominar espécies humanas (mulheres) e não humanas (Natureza).²³

O Ecofeminismo, assim, tem seu embasamento, na compreensão e na perspectiva de mudança dos sistemas opressores e de seus corolários. Não, sem antes se ater a uma diversidade de interações e conexões, advindas de inúmeros escritoras, que contribuem para a construção da Filosofia Ecofeminista: São as denominadas correntes ecofeministas que serão objeto de exame em nosso próximo tópico.

2.4 CORRENTES DO ECOFEMINISMO

Os teóricos Ecofeministas acreditam que há importantes conexões entre a dominação injustificada de mulheres e Natureza. Eles, no entanto, discordam com relação a origem das conexões, bem como se essas ligações, na verdade, reforçariam (ou não) estereótipos referentes ao sexo feminino.

Warren afirma que as divergências são esperadas, já que, em qualquer corrente filosófica há pluralidade de posições e no Ecofeminismo, tal fato não é diferente.²⁴ A autora define 10 correntes como as principais vertentes da Filosofia Ecofeminista, que veremos a

²² BEAUVOUR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4ª edição, 1970. p 145.

²³ AGUINAGA, Margarita. **Ecofeminismo: mujer y pachamama, no solo es posible una crítica al capitalismo y al patriarcado**. América Latina em Movimento, 2010. Disponível em: <<http://corresponsalesdelpueblo.bligoo.com.ve/media/users/7/399988/files/27766/Ecofeminismo.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

²⁴ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 21.

seguir: históricas, conceituais, empíricas, sócio econômicas, linguísticas, simbólicas e literárias, espirituais e religiosas, epistemológicas, políticas e éticas.

As correntes serão estudadas levando em consideração três categorias principais de análise: (a) os autores mais relevantes que representam cada uma delas; (b) os conceitos e definições dados por cada autor para cada uma das correntes e (c) sua aplicação e consequências dentro do sistema de dominação simultânea que envolve mulheres e Natureza.

2.4.1 Conexões históricas

Informações e dados históricos são utilizados para embasar a corrente do Ecofeminismo que define as fontes da dominação de homens sobre mulheres e Natureza como relacionadas à situações inerentes à própria evolução histórica das sociedades.

O histórico sistema de opressão, derivado do patriarcado, seria a principal causa da destruição ambiental e da dominação feminina para os representantes desta linha de pensamento.

A origem **histórica** do sistema patriarcal é discutida entre os teóricos Ecofeministas. Riane Eisler, por exemplo, em seu livro *The Chalice and the Blade*²⁵ afirma que a dominação das mulheres e da Natureza pelos homens teve sua origem na invasão das Indo-European sociedades pelas tribos nômades.

Antes desta invasão, os patriarcas das famílias possuíam uma relação amistosa, cooperativa, igualitária e em parceria com humanos e não humanos (seria o apogeu do “Chalice”, que em português significa “Cálice”). Passa-se, a partir da invasão, para a “Lâmina” (“The Blade) em que o homem passou a ser então associado, para que possuísse a verdadeira masculinidade, com violência e dominação.

O poder da “lâmina” começou, como consequência, a ser idealizado e qualquer homem que não se enquadrasse nesse estereótipo seria visto como “afeminado”.

Já Carolyn Merchant em *The death of Nature*²⁶ identifica a revolução científica dos séculos 16 e 17 como sendo o ponto de virada, o momento decisivo para a “morte da Natureza”.

A autora observou que até o ano de 1500, aproximadamente, as interações com a Natureza eram organizadas em comunidades orgânicas. Afirma que a teoria orgânica é

²⁵ EISLER, Riane apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 22.

²⁶ MERCHANT, Carolyn apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 22-23.

baseada na identificação com a Natureza, no respeito a “mãe terra”: uma “mãe” que dá tudo que os seus filhos (humanos e não humanos) necessitam. Após 1500, essa visão orgânica foi substituída por uma visão reducionista da ciência moderna, que aceita a exploração da Natureza, a expansão industrial a todo custo e a subordinação da mulher.

Val Plumwood defende que as origens da dominação podem ser vistas na filosofia clássica grega que é assentada no racionalismo puro. Para esta autora o dualismo homem/Natureza é a raiz de todos os sistemas de opressão, indo mais além e afirmando que a ética em vigência desde os primórdios da Grécia antiga não seria a Antropocêntrica e sim a Androcêntrica (homem acima de todas as espécies humanas – mulheres e não humanas - Natureza). A crise ecológica que vivenciamos seria uma crise da cultura dominante e uma crise da razão, ou melhor, uma crise do que a cultura global dominante teve por bem chamar de razão.²⁷

A corrente histórica procura, assim, desenhar as origens do patriarcado e como consequência, as origens dos atuais sistemas de opressão. É pouco provável, no entanto, que se consiga definir as origens do patriarcado e/ou da dominação de mulheres e Natureza, já que entre os próprios teóricos Ecofeministas, há divergências a respeito do nascimento de tais conexões.

Outra forma de abordar as origens da dominação é feita através da análise de conceitos antagônicos. A teoria Ecofeminista baseada em conceitos duais será então o próximo objeto de estudo.

2.4.2 Conexões Conceituais

A corrente Ecofeminista denominada “**conceitual**” tem como maior expoente a escritora Val Plumwood, que também teoriza sobre a corrente histórica, acima detalhada.²⁸

Plumwood utiliza a idéia de “dualismos” para estabelecer as fontes conceituais que os modelos ocidentais vêm utilizando através da história e que traz, como consequência, a dominação de mulheres e Natureza.

Os valores bivalentes são especificadamente determinados pela dicotomia racionalidade/emoção e, seriam “pares disjuntivos”, já que ao invés de promoverem a complementação e a inclusão, acabam por fomentar a exclusão.

²⁷ PLUMWOOD, Val. **Environmental Culture**. The ecological crisis of reason. London: Routledge, 2002. p.5.

²⁸ Ibid.

A dicotomia não só taxa e especifica sujeitos em uma relação maniqueísta, mas também os coloca em uma escala de valores, com um sendo superior ao outro. Através da incorporação dos dualismos nas sociedades modernas, a cultura passou a ser superior a Natureza, assim como a razão sobre a emoção, o homem sobre a mulher, o corpo sobre a mente, o ser humano sobre a Natureza.

A denominada “teoria dos valores duais” advinda, da corrente conceitual, define que Natureza, emoções e mulheres estariam relegados a uma situação de oposição e de inferioridade aos “valores maiores”. Esta seria a base de inúmeras formas de dominação como o sexismo, racismo e especismo, por exemplo.

Os conceitos de opressão são caracterizados por noções de poder e relações de dominação, a fim de justificar a subordinação de um grupo e a superioridade de outro.

Para Val Plumwood a “teoria de valores duais” não passa de uma construção cultural e social. Os conceitos dualistas não são universais ou essenciais, não sendo, assim, dogmas imutáveis. Podem, portanto, serem modificados e até mesmo abolidos.

A dominação da Natureza e das mulheres somente poderá ser erradicada com uma total revolução nas estruturas éticas e sistemas sociais de opressão, como o patriarcado. Essa “sugestão” de transmutação profunda, levou algumas teóricas Ecofeministas a associarem os objetivos da Filosofia, baseados na corrente **conceitual**, a uma nova teoria: o chamado “Eco Socialismo”.²⁹

A corrente conceitual defende, assim, que a origem da dominação parte de definições duais que se excluem ao invés de se complementarem. Uma vez separados, um poderá ser colocado como superior, enquanto o outro como inferior.

Apesar de todas as correntes Ecofeministas serem fundamentais para a compreensão final deste estudo, para o presente trabalho, a corrente que será analisada a seguir, em especial, é considerada uma das mais importantes. Isso porque trabalha com elementos e informações empíricas de modo a demonstrar que as mulheres são, efetivamente, as primeiras a serem atingidas pela degradação ambiental.

²⁹ SALLEH, Ariel. Ecosocialismo-Ecofeminismo. **Revista Nueva Sociedad**, Buenos Aires, nº 122, 1992, p. 230. Disponível em: <http://nuso.org/media/articles/downloads/2190_1.pdf> Acesso em: 23 jul. 2015.

2.4.3 Conexões empíricas

Alguns teóricos Ecofeministas entendem que as conexões que levam à exploração de mulheres e Natureza podem ser visualizadas através de evidência e informação empírica.

É verificado, por exemplo, que mulheres, negros, pessoas de classes consideradas mais baixas, crianças e meio ambiente estariam todos conectados ao mesmo tipo de exploração e degradação.

O estudo de tais interações demonstram que estes grupos de pessoas e, no presente estudo, em especial as mulheres, são mais afetados por toxinas, agrotóxicos, radiações, poluição e degradação ambiental do que outras pessoas que não se enquadram nesses grupos.

Importante salientar que as mulheres não são as primeiras afetadas pela degradação ambiental devido ao fato de estarem “mais próximas” ou “mais conectadas” com a Natureza. São sim mais atingidas pelo fato de serem elas, historicamente, as principais cuidadoras da família, sofrendo de imediato as consequências decorrentes da deterioração do meio ambiente, conforme reiteradas argumentações de Vandana Shiva.³⁰

Para Rosângela Angelin³¹: “Por isso, elas se preocupam mais com a saúde da família, reivindicam água potável, alimentos saudáveis, condições de vida salubres.”

A transição de agricultura orgânica para grandes plantações, pode ser usado como exemplo da chamada “conexão empírica”, já que nesta transformação foram introduzidos pesticidas, produtos químicos, sementes geneticamente modificadas que, juntamente com o cultivo da monocultura, trouxeram efeitos devastadores ao meio ambiente.

Como consequência desta transição, se percebe as mulheres como um dos grupos mais afetados. Isso porque são as mulheres que, como regra, cuidam dos afazeres domésticos e estariam, portanto, mais próximas, da água, alimentos e da própria Natureza.

É demonstrado, percebido e “sentido” que as políticas públicas ambientais de países de primeiro mundo têm, na verdade contribuído para a inabilidade da mulher em conseguir continuar cuidando de sua família como antes fazia.³²

No exemplo dado, percebe-se que a falácia de que a agricultura familiar e orgânica não poderia sustentar o mundo ganhou corpo e a tecnologia passou a ser vista como sendo

³⁰ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 31.

³¹ ANGELIN, Rosângela. Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Estamos preparados? In: **Revista Eletrônica Direito e Política**: Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI. Itajaí, v.9, n.3, 3º quadrimestre de 2014. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica>. Acesso em: 21 dez. 2015.

³² WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 25.

superior ao conhecimento das mulheres que cuidavam de suas próprias plantações. Assim, foi alavancada a mentira de que tecnologia estaria acima do conhecimento acumulado há milhares de anos. Para Lutzenberger: “O mito mais insidioso da Moderna Sociedade Industrial é a ideia de que o progresso tecnológico necessariamente traz felicidade aos povos “primitivos”, que até então teriam sido inerentemente pobres”³³

As mulheres como sendo um dos principais sujeitos a serem atingidos pela exploração ambiental, vem por demonstrar também a necessidade de liberação e mitigação dos sistemas opressores vigentes. Na busca por uma alimentação sustentável, água potável e bem estar ambiental para si e sua família, as mulheres reivindicam mudanças estruturais nos sistemas opressores vigentes. Buscas estas que são ancoradas nas bases teóricas da Filosofia Ecofeminista.

O próximo tópico é de também extrema relevância para a compreensão deste trabalho, já que enfatiza as origens da dominação nas relações sócio-econômicas existentes nas sociedades atuais, sendo uma das correntes que este estudo adota como embasamento teórico.

2.4.4 Interações Sócio-econômicas

Esta corrente do Ecofeminismo defende que as razões da dominação da Natureza e simultaneamente da mulher advêm das próprias relações de exploração econômica existentes nas sociedades modernas. O nome mais expressivo desta linha de pensar é, sem dúvida, a Ecofeminista Vandana Shiva.

Para Shiva, que enfatiza suas ideias ecofeministas na crítica da transmutação de agricultura orgânica para tecnológica, a própria concepção de desenvolvimento tecnológico é baseada em falsas premissas.³⁴

Proposições enganadoras que asseveram que a Natureza seria improdutiva. Ou que a agricultura baseada nos ciclos naturais da Natureza seria somente para pessoas sem condições econômicas de adquirir os produtos que necessitavam. Ou ainda que a agricultura familiar não seria suficiente para alimentar a população do mundo.

Foi construída, assim, ao longo dos anos, a crença de que, por exemplo, um rio no qual as mulheres utilizam para suas necessidades de subsistência seria improdutivo. Ou então

³³ LUTZENBERGER, José Antônio. **Crítica Ecológica do Pensamento Econômico**. Porto Alegre, RS: L & PM, 2012. p. 21.

³⁴ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 3.

que uma floresta, intacta, precisaria de “desenvolvimento” e somente com a introdução da monocultura, se poderia torná-la então “desenvolvida” e “produtiva”.

A ideia da necessidade de tecnologia assim, passou a ser associada com benefícios e o trabalho de mulheres que antes poderia, sim, sustentar suas famílias, somente com a extração do que a Natureza lhes proporcionava, passou a ser então taxado de improdutivo, pobre e insuficiente.

O desenvolvimento seria, desta forma, um “mau desenvolvimento”. Algo que degrada o feminino, a conservação e os princípios ecológicos. Negligencia o trabalho da própria Natureza em se renovar, bem como das mulheres, em produzir de forma sustentável, todos os bens vitais para o seu sustento e de suas famílias. Denomina todo o trabalho que não traga lucro e capital como improdutivo.³⁵

Uma análise da chamada “modernização” das sociedades atuais, alcançada através do desenvolvimento econômico³⁶, ou como Shiva define: “mau desenvolvimento” demonstra que ela não trouxe benefícios para a grande maioria da população. Pelo contrário. A produção aumentou, mas a Natureza diminuiu.

A crise da pobreza no Hemisfério Sul se agrava com escassez de água, comida, abrigo e combustível. A crise, para Shiva, afeta as mulheres de forma mais severa. Primeiro porque as mulheres são as mais pobres dentro dos pobres. Segundo porque, juntamente com a Natureza, elas são as primeiras provedoras da sociedade.³⁷

O “mal desenvolvimento” seria uma violação da integridade do orgânico, quebrando o que estava interconectado e interdependente, na ânsia pelo crescimento econômico. A partir daí, dá-se início a um processo de exploração, desigualdade, injustiça e violência.

Ao fazer isso, rompe-se a unidade cooperativa entre homens e mulheres. Homens estão agora separados da Natureza e das mulheres. Não só separados, mas acima de ambos. O sintoma desta separação é a subjugação da Natureza e a dominação dos princípios femininos. Natureza e mulheres estariam, assim, reduzidos a objetos passivos, para serem usados e explorados pelos desejos incontroláveis do homem capitalista. Deixaram (mulheres e Natureza) de serem as criadoras e as provedoras da vida. Foram reduzidas agora de “sources”

³⁵ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 4.

³⁶ Shiva demonstra que o crescimento econômico é medido pelo “Gross National Product”, ou o Produto Interno Bruto. A autora critica a forma de mensuração, por várias razões. Acrescenta que o GNP não analisa, por exemplo, as consequências que a poluição de indústrias e empresas causam às mulheres e a suas formas de administrar suas vidas domésticas. Na verdade, GNP seria uma medida, de como o bem estar das mulheres e o bem estar da Natureza estão decaindo rapidamente com o crescimento de tal índice. *Ibid.*, p. 6.

³⁷ *Ibid.*

(fontes) para “resources” (recursos) neste fragmentado e anti-modelo chamado por Shiva de “mal desenvolvimento”.³⁸

Outra autora representativa desta corrente, Marian Mies, também relaciona a opressão feminina e da Natureza com as relações sócio-econômicas das sociedades atuais. Associa em especial o modo de produção capitalista ao patriarcado e utiliza a expressão dupla “capitalista-patriarcado”, como uma versão de divisão de gênero que daria ao homem controle e acesso a recursos que não seriam dados às mulheres.

Tanto quanto Shiva, Marian Mies também afirma que mulheres e Natureza seriam tratadas como recursos a serem explorados e sem essa bivalente dominação a classe dominante dentro do capitalismo não poderia ser criada e/ou mantida.³⁹

Mies toca em um ponto fundamental para a compreensão da Filosofia Ecofeminista, da corrente que enfatiza as relações sócio econômicas e, em especial, para o entendimento deste trabalho.

Para a autora há fundamentais diferenças entre o agir humano de praticar um ato (gerar e amamentar) e um ato de uma espécie não humana (gerar e amamentar).

O ato animal envolveria somente ação e reação. Já o ato humano envolveria um processo histórico com interação social e cooperação. O corpo humano feminino é assim dotado de um extraordinário poder de trazer algo novo para o mundo, com capacidade plena de nutri-lo. E essa capacidade deriva da plena e total consciência de praticar tais atos.

Mies entende que foram as mulheres quem, antes dos homens, desenvolveram uma relação de produção com a Natureza, porque também foram as mulheres as primeiras a possuírem uma forma de trabalho dentro da sociedade: o de “produzirem” (gravidez) crianças e o de “fabricarem” (amamentação) alimentos para seus filhos.

O corpo da mulher seria então inteiramente produtivo. Tão produtivo quanto a “mente” e as “mãos” dos homens, que também seriam usados para o trabalho masculino. Reforça, então, que o ato de gerar e alimentar sua própria cria é uma atividade social, já que a mulher se apropria do seu próprio corpo tanto quanto o do homem que, com sua força física, caça ou fabrica ferramentas.⁴⁰

³⁸ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 5.

³⁹ MIES, Maria. **Patriarchy and Accumulation on a world scale**. Women in the international division of labour. Londres: Redwood, 1994. p. 30.

⁴⁰ Ibid., p. 53-54.

Os atos de parir e amamentar não seriam, assim, meras consequências fisiológicas, mas sim, decisões conscientes. E, nesse sentido: “The activity of women in bearing and rearing children has to be understood as work”⁴¹.

Mies ressalta que a produtividade do corpo feminino é identificada, culturalmente, com a fertilidade como de qualquer outro animal não humano. Uma visão que é propagada e divulgada, em especial, por organizações que tratam sobre controle populacional. Esta definição fisiológica do ato de parir e amamentar seria exatamente o resultado do sistema patriarcal e capitalista quando incide sobre a divisão do trabalho entre gêneros, ao não considerar tais atos do corpo feminino como forma de trabalho.

A autora também exemplifica suas colocações através de relatos ao longo da história das sociedades em que a mulher utilizava, desde os seus primeiros tempos, formas de evitar a gravidez ou de substituir o leite materno por outro tipo de alimento.

Há suficiente evidência, a comprovar que mulheres em sociedades pré-patriarcais sabiam como controlar sua fertilidade, bem como o número de filhos, melhor do que faz hoje a mulher da sociedade moderna.⁴²

Mulheres nas sociedades antigas utilizavam plantas e ervas como métodos contraceptivos ou para induzir o aborto. Aponta Mies⁴³ que as mulheres da tribo “Bororo” no Brasil, utilizavam determinada erva para ficarem estéreis por determinado período de tempo. Outro método contraceptivo é o prolongado aleitamento da criança. Enquanto se amamenta a mulher reduz substancialmente a ovulação, a tornando infértil durante o período de aleitamento.

Ao fazer isso, se demonstra que a mulher não gera filhos e os alimenta assim como animais não humanos o fazem. Pelo contrário. Ela se apropria da força de gerar inerente ao seu próprio corpo, analisa e reflete através de experiências passadas e repassa seus conhecimentos para suas filhas. Isso significa que as mulheres não seriam vítimas de sua própria fertilidade, mas sim, conhecedoras e tomadoras de decisões conscientes sobre os atos de gerar e alimentar seus próprios filhos.

A mulher que precisa amamentar seus filhos também necessita de alimentos. Mies aponta que o fato de produzir leite para os filhos, fez da mulher também a primeira provedora

⁴¹ “A atividade das mulheres em parir e alimentar suas crianças precisa ser entendido como trabalho.” (tradução nossa). Ibid., p. 54.

⁴² MIES, Maria. **Patriarchy and Accumulation on a world scale**. Women in the international division of labour. Londres: Redwood, 1994. p. 54.

⁴³ Ibid., p. 57.

da família. Através de simples coleta de plantas, frutas, peixes, etc., a mulher conseguia se alimentar e, assim, amamentar suas crianças.

A primeira divisão de trabalho, por gênero, aponta a referida Autora, teria sua origem no fato de que a mulher era obrigatoriamente a responsável pela sua manutenção diária, bem como a de sua prole.

Com esta prática, percebe-se a mulher como responsável pelo primeiro e verdadeiro relacionamento produtivo com a Natureza, não em forma de dominação, como ocorre em sociedades patriarcais, mas sim em forma de cooperação.

Levando em consideração o enfoque de Mies em tornar a amamentação e o ato de parir como formas de trabalho e o de Vandana Shiva em arguir que as mulheres são as primeiras provedoras da sociedade, pode-se chegar à conclusão, tendo por base o Ecofeminismo, de que efetivamente são as mulheres as primeiras a serem afetadas pela degradação ambiental.

Isso porque, são as mulheres as primeiras a proverem alimentos para seus filhos, através do aleitamento materno e, posteriormente, também as primeiras, como regra, a fornecerem alimentação através de comidas sólidas, como frutas, verduras e carnes.

A preocupação da mulher-mãe em ter atitudes sustentáveis, assim, vai além da proteção global, mas sim parte de um instinto ancestral de proteção e cuidado com sua própria prole. Esta proteção leva a mãe a procurar, quando possível, opções de cuidados para com seus filhos que sejam ecológicas e sustentáveis, trazendo como consequência, uma prole mais saudável. Assunto que será pormenorizado no último capítulo deste trabalho.

No entanto, a linguagem também pode ser usada como forma de justificação da supremacia masculina e da inferioridade feminina e da Natureza, matéria que será analisado no próximo tópico.

2.4.5 Interações Linguísticas

O poder da linguagem é indiscutível. A maneira de denominar determinadas pessoas, grupo de pessoas ou a própria Natureza possui um papel extremamente relevante na formação do próprio conceito de nós mesmos perante a coletividade.⁴⁴

Esta corrente Ecofeminista entende que umas das origens da dominação patriarcal sobre Natureza e mulheres reside exatamente na linguagem.

⁴⁴ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 27.

A linguagem dos Americanos e Europeus é recheada de exemplos de expressões “sexistas-naturistas”, ou seja, palavreados que depreciam mulheres, animais e Natureza não-humana. Estes seriam menos valiosos, teriam menos “status” ou seriam menos importantes que o homem.

Pode-se citar, como exemplo, o fato de que mulheres são rotineiramente chamadas, de forma pejorativa, de algum tipo de animal como, por exemplo: “cadela”, “cobra”, “baleia”, “elefante”, “galinha”, “abelha-rainha”, etc.

“Animalizando” as mulheres seria uma forma de colocá-las no mesmo patamar que a Natureza, ou seja, abaixo dos homens.

Ao mesmo tempo, também se “feminiza” a Natureza. Pela mesma razão que foi mencionado acima, em uma sociedade patriarcal, em que mulheres são vistas como seres inferiores ao homem, ao equiparar a Natureza com a fêmea, seria possível então que ambas sejam colocadas abaixo do sexo masculino e, como consequência do próprio sistema patriarcal, sujeitas a dominação e exploração.

Assim, a “Mãe Natureza” seria “conquistada”. Os segredos “dela” seriam descobertos e colocados a serviço do “homem” para a ciência e desenvolvimento. O Planeta seria “fértil” e uma terra que não seja produtiva seria chamada de “infértil”, da mesma forma que uma mulher que não conseguiria conceber uma criança.⁴⁵

A dominação da mulher é, assim, explicada, pela sua “animalização”. Da mesma forma, a exploração da Natureza é verificada através de sua “feminização”.

Carol Adams, em “The Sexual Politics of Meat”, aborda que o poder da linguagem que feminiza a Natureza e vice-versa, descreve, reflete e perpetua a dominação patriarcal, já que a forma analógica utilizada é predominantemente cultural. O livro aborda vegetarianismo e feminismo e, ao mesmo tempo, também trata do poder e da força da linguagem utilizada dentro do sistema patriarcal.⁴⁶

Adams trata sobre a origem da cultura carnívora em conjunção com a ascensão do patriarcado e afirma que para que o animal se torne um alimento ele precisa ser “desnaturalizado” e “fragmentado”. Um animal⁴⁷ vivo não pode ser comido. Após a sua morte, o animal então virará “partes” que servirão de alimento para homens e mulheres. Com essa fragmentação, o animal deixará de ser “animal” e passará a ser “carne”. Não se comeria um animal, mas se comeria um “pedaço de carne”.

⁴⁵ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 27.

⁴⁶ ADAMS, Carol J. **Sexual Politics of Meat**. A feminist-vegetarian critical theory. Estados Unidos: Continuum, 2010. p. 31.

⁴⁷ ‘Aqui referidos como animais não humanos.

O mesmo aconteceria com o sexo feminino. Mulheres que são vítimas de estupro, por exemplo, frequentemente mencionam que se sentiram “apenas um pedaço de carne”. A mulher é equiparada a um animal através da “animalização”. Não se estupraria, assim, uma mulher, como não se comeria um animal. Mas se estupraria (mulher) e se comeria (animal) “apenas um pedaço de carne”.⁴⁸

O homem acima da Natureza e da mulher é um “ponto de vista” que é aceito como dominante nas sociedades atuais. E, tal aspecto, é também demonstrado na linguagem. A forma como se usa o máximo possível de expressões no gênero masculino, é um exemplo de tal fato. Assim como chamar alguém de “animal” seria um insulto, já que os animais não humanos são sempre, dentro do patriarcado, inferiores ao homem.

Adams traz um indicativo importante pertencente à Língua Inglesa: o fato de, quando o interlocutor se referir a um animal não humano, em inglês, se utiliza o vocábulo “it” e não as palavras “she” or “he” que são destinadas aos seres humanos.

Através da linguagem se pretenderia distanciar os seres humanos dos animais, em uma tentativa de esquecer, que homens e mulheres também são animais. “Referring to a non-human animal as an “it” strips him or her of dignity and perpetuates the view that other animals are objects, inferior things or property.”⁴⁹

O uso da palavra “it” para referência a animais não humanos seria tão errada quanto o uso do vocábulo “he” para situações genéricas ou plurais.⁵⁰

As origens do uso da “animalização” e “feminização” podem ser vistas desde as primeiras passagens bíblicas (Adão/Eva/”a” serpente) bem como no decorrer dos séculos, através de definições maniqueístas em que a mulher seria boa ou ruim, a perfeição divina ou uma encarnação diabólica.

De qualquer maneira, Warren salienta que a “animalização” não ocorre somente para mulheres. Homens também são equiparados a animais. No entanto, quando há tal comparação, em regra, ela não é feita através de um caráter pejorativo. Pelo contrário, são expressões utilizadas a fim de elogiar o sexo masculino como “coração de leão” ou “olho de

⁴⁸ ADAMS, Carol J. **Sexual Politics of Meat**. A feminist-vegetarian critical theory. Estados Unidos: Continuum, 2010.p. 67.

⁴⁹ “Referenciar animais não humanos como “it” retira dele ou dela a dignidade e perpetua a visão de que outros animais são objetos, coisas inferiores ou propriedade”. (tradução nossa). MOLA, Noreen. *Animals’ Agenda* *apud* ADAMS, Carol J. **Sexual Politics of Meat**. A feminist-vegetarian critical theory. Estados Unidos: Continuum, 2010.p. 95.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 93.

água”, por exemplo⁵¹, demonstrando que a linguagem é utilizada pelo patriarcado como uma das maneiras de manter a dominação existente de mulheres e Natureza. Não o contrário.

Através do uso da linguagem, como “animalização” de mulheres ou “feminização” da Natureza, se teria, por esta teoria, um dos pilares do sistema patriarcal, em que a dominação, seria justificada, dentre outros alicerces, também pela forma de comunicação e de expressão que cada sociedade utiliza.

Passa-se a analisar agora, outra corrente da Filosofia Ecofeminista, que entende que a literatura e a simbologia são as âncoras a sustentar a já mencionada “lógica da dominação”.

2.4.6 Interações simbólicas e literárias

Teóricos Ecofeministas, que incorporam o enfoque de conexões simbólicas para explicar a Filosofia Ecofeminista, enfatizam a Natureza associada à mulher em incontáveis situações.

O Planeta Terra seria comparado a uma fêmea benevolente ou a uma mãe que nutre seus filhos. Essa visão era utilizada como demonstração da sociedade “orgânica”, em que a Natureza era vista como “viva”, que deveria ser cuidada e respeitada. Enquanto se visualizasse o Planeta Terra como um organismo vivo e sensível, seria extremamente “antiético” praticar atos destrutivos contra estruturas consideradas vivas.

Merchant⁵² é a principal autora Ecofeminista que trata sobre os padrões simbólicos que conectam mulheres e Natureza. Para a autora:

One does not readily slay a mother, dig into her entrails for gold or mutilate her body, although commercial mining would soon require that. As long as the earth was considered alive and sensitive, it could be considered a breach of human ethical behavior to carry out such destructive acts against it.⁵³

Um exemplo desta simbologia é a associação da mulher grávida com a “mãe terra”, uma fêmea que nutre e cuida de seus filhos.⁵⁴ Esta associação simbólica, para autores como

⁵¹ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 28.

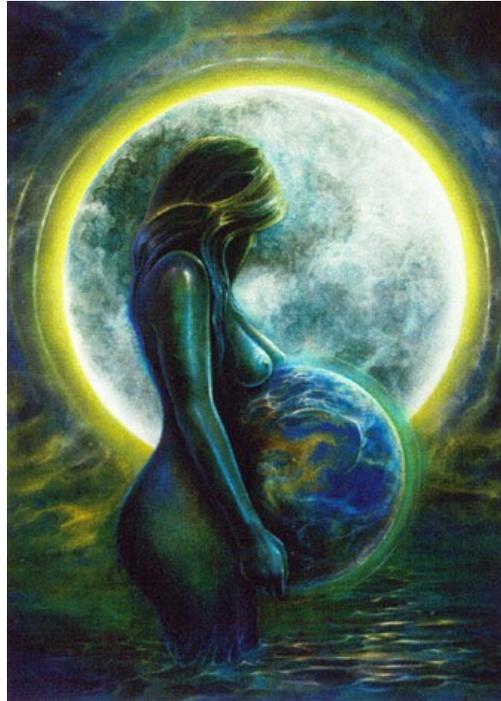
⁵² MERCHANT, Carolyn apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 28-29.

⁵³ “Não se escraviza uma mãe, não se escava as suas entranhas por ouro para mutilar seu corpo, apesar de que a mineração comercial brevemente irá requerer tal fato. Enquanto a terra for considerada viva e sensível, poderia ser então considerada uma brecha de comportamento humano ético para que não sejam realizados atos tão destrutivos contra ela.” (tradução nossa). MERCHANT, Carolyn apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 28-29.

⁵⁴ Imagem retirada, sem referência a créditos, do site: <

Merchant, demonstraria a conexão feminina ancestral aos valores intrínsecos da Natureza, além de integrá-las a uma mesma espécie de sistema.

Figura 1 – Imagem da Mãe Terra



Fonte: Google.

No entanto, com o desenvolvimento tecnológico e o crescimento industrial, as barreiras morais que talvez impediriam a exploração e a degradação da Natureza caíram por terra e passou-se a então a identificar o planeta com “tecnologia”, “máquina” e “desenvolvimento”.

A figura simbólica da mãe que aos filhos tudo supria e que representava a cultura orgânica, foi substituída por uma simbologia mecânica e tecnicista.⁵⁵ Essa substituição serviria para justificar a dominação de ambas, já que uma “mãe benevolente” (qualidade que serviria tanto para mulheres quanto para Natureza) não poderia ser “conquistada”. Já em um cenário em que a ligação entre as duas fosse afastada, em que a Natureza passasse a ser algo técnico e mecânico, a exploração e a dominação poderia ser então eticamente justificada.

Há também escritores Ecofeministas que se baseiam na literatura para demonstrar as conexões existentes entre mulheres, Natureza e suas conseqüentes dominações.

⁵⁵ MERCHANT, Carolyn apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 29.

Susan Griffin é uma das mais importantes representantes do enfoque literário ao Ecofeminismo. Em seu conhecido livro: “Woman and Nature: The Roaring Inside Her”⁵⁶ a autora trata sobre as ligações intrínsecas entre ambas.

He says that woman speaks with nature. That she hears voices from under the earth. That wind blows in her ears and trees whisper to her. That the dead sing through her mouth and the cries of infants are clear to her. But for him this dialogue is over. He says he is not part of this world that he was on this world as a stranger. He sets himself apart from woman and nature.⁵⁷

Neste consagrado livro, Griffin explora a identificação da mulher com o Planeta Terra, além de colocar ambas como vítimas do modelo patriarcal. Em forma de prosa poética, Griffin traz uma maneira impactante de demonstrar o Ecofeminismo, abrindo caminhos para uma nova forma de literatura e interligando mulheres e Natureza. Ao invés de descrever cenários e paisagens “pastorais”, em que as mulheres seriam meras expectadoras, a literatura Ecofeminista apresenta um verdadeiro encontro, integração e uma conexão indissociável entre mulheres e Natureza.

Através de simbologia e literatura, esta corrente Ecofeminista procura assim identificar e compreender as origens dos sistemas de dominação, ora através da transmutação da figura da “mãe-terra” para um conceito “tecnológico” (simbólicas), ora através de escritas literárias que demonstram a integração entre o feminino e a Natureza (conexões literárias).

Será analisada agora outra corrente Ecofeminista que encontra justificativa na dominação de mulheres e Natureza através de origens espirituais e religiosas.

2.4.7 Interações Espirituais e Religiosas

Elizabeth Dodson Gray foi uma das primeiras escritoras Ecofeministas a examinar os papéis que a religião e a espiritualidade possuem no alavancar das tradições patriarcais nas culturais ocidentais.

Em seu livro “Green Paradise Lost” Gray defende que a hierarquia destrutiva entre gêneros e Natureza possui raízes bíblicas. Aponta que a mulher é “criada” após e abaixo do homem, já que teria sido originada de uma das costelas do corpo masculino. Nas descrições

⁵⁶ “Mulher e Natureza: o rugir dentro delas”. (tradução nossa)

⁵⁷ “Ele diz que mulher fala com a Natureza. Que ela escuta vozes originadas embaixo da terra. Que o vento sopra nos seus ouvidos e que as árvores sussurram para ela. Que o canto morto atravessa sua boca e o choro das crianças são claros para ela. Mas para ele este diálogo acabou. Ele diz que ele não é parte deste mundo, que ele foi colocado neste mundo como estranho. Ele se coloca separado da mulher e da Natureza.” GRIFFIN, Susan. **Woman and Nature: The roaring inside her**. New York: Harper and Row, 1978. p. 15.

bíblicas, as crianças surgem após a criação da mulher, sem nenhum tipo de referência ao fato de o corpo feminino as tê-las gerado.⁵⁸

Após o homem, as mulheres e as crianças, foram então “criados” os animais não humanos, sem qualquer tipo de espírito e, em ordem de importância, abaixo dos animais humanos. E, por fim, plantas, rios e montanhas.⁵⁹

Gray traz uma importante consequência decorrente da “ordem de criação” trazida na bíblia: Os primeiros a serem criados, dentro da visão espiritual e religiosa, estariam mais próximos de Deus, enquanto que os últimos, mais distantes. Essa pirâmide de dominação mostra que quanto mais alto o sujeito estiver dentro desta ordem, mais superior será com relação aos demais.

Apesar do enfoque de Gray ser Ecofeminista, a escritora teoriza ao afirmar que a dominação, decorrente das conexões religiosas que orientam a tradição ocidental, não se restringe somente a subjugação das mulheres. O mito da criação também coloca crianças, animais, plantas e a própria Natureza abaixo do homem. Uma vez colocados em patamar inferior poderão ser maltratados, violados, vendidos, sacrificados ou mortos para a conveniência do “ser espiritual maior”: o homem, que estando mais próximo de Deus, justificaria a prática dos referidos atos.⁶⁰

Teóricos Ecofeministas com enfoque nesta corrente defendem a necessidade de uma grande reforma ou até mesmo uma “revolução” nas religiões tradicionais. É discutido, inclusive, a necessidade de criação de novas religiões que não possuam o “desvio patriarcal” que as religiões ocidentais atuais defendem.

Warren menciona que as Ecofeministas “espirituais” foram as primeiras a ganharem destaque nos Estados Unidos. E, como em qualquer teoria, também não há um consenso sobre ela entre suas defensoras.

Há escritoras que defendem apenas uma reforma ou uma “re” conceituação das religiões cristãs atuais a fim de garantir práticas sustentáveis e não sexistas. Outras mistificam e romantizam a Natureza com um retorno às religiões indígenas, enaltecendo suas práticas e crédulos.

São unânimes, no entanto, em apontar que a origem da dominação de mulheres e Natureza, seria a crença em dogmas religiosos que permitem a superioridade de um em detrimento de outro.

⁵⁸ GRAY, Elizabeth Dodson. **Green Paradise Lost**. Massachusetts: Roundtable Press, 1981, p. 3.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Ibid., p. 6-7.

Já a próxima corrente Ecofeminista trata o próprio “conhecimento” como fonte primária de dominação. Estudo que será realizado no próximo tópico.

2.4.8 Interconexões Epistemológicas

Muitas Ecofeministas endereçam o “conhecimento” a fim de explicar as dimensões da dominação gêmea do homem sobre mulheres e Natureza.

As escritoras epistemológicas Ecofeministas entendem que o primeiro passo para se compreender o mundo como ele realmente é, seria abraçar o subjetivo, incorporar valores pessoais e reconhecer a interdependência entre sociedade e ciência.

Lori Gruen, uma das representantes desta corrente Ecofeminista, entende que o “conhecimento” está sempre influenciado por valores, contexto histórico e social do “observador” e que, ao invés de serem combatidos, deveriam ser incorporados na construção da ciência.⁶¹

Sandra Harding, outra defensora desta corrente entende, que não existe conhecimento neutro ou objetivo e o que é considerado como “abstrato” ou “isento” é impregnado, na verdade, de valores e julgamentos.

Se não, como explicar a maneira sexista e Androcêntrica em que são descritos os fenômenos da Natureza e da vida social? Ciência, que nós tomamos como paradigma de conhecimento, estaria sempre desviada e recheada de valores individuais e/ou coletivos.⁶²

Harding defende que o Ecofeminismo epistemológico deve incluir e aceitar como conhecimento as experiências pessoais, bem como acatar que estas experiências são nada mais do que o produto de uma multiplicidade de eventos que precederam e o moldaram.

Também reconhece conhecimento como algo social e geograficamente situado e, por consequência, algo específico, muitas vezes, somente do conhecedor em uma particular posição social e em uma determinada cultura. Como há muitas visões que podem partir de cada pessoa, detentora de conhecimento, haverá muitas visões que se juntarão para formar um “tapete de conhecimento”.

⁶¹ GRUEN, Lori. **Toward an Ecofeminist moral epistemology**. In: Ecological Feminism. New York: Routledge, 1994. p. 134.

⁶² HARDING, Sandra. **Rethinking Standpoint Epistemology: What is strong objectivity?** In: Feminism Epistemologies. New York: Routledge, 1993. p. 54.

A diversidade de respostas é bem-vinda, em oposição, a visão objetiva e unicista da ciência cartesiana, que aqui se opõe. A heterogeneidade na coleção de “conhecimentos” melhora e enriquece a compreensão do mundo e de nós mesmos.⁶³

O conhecimento, assim, nunca será estanque, nunca estará completo. Pelo contrário: enquanto experiências pessoais continuarem a serem levadas em consideração, o conhecimento continuará a ser construído.

As histórias identificam, unificam e dão significado para o conhecimento. Tanto quanto música é barulho que faz sentido, uma pintura são cores que fazem sentido, também a história é vida que faz sentido. Ouvindo, avaliando, valorando e aprendendo através de histórias de outros é como o conhecimento é construído dentro de uma estrutura Ecofeminista.⁶⁴

Já para a próxima corrente Ecofeminista, não se pode pensar somente nas causas da dominação. Também é necessário que haja reivindicações de modo a modificar substancialmente os enfoques das atuais políticas públicas que atentam para mulheres e Natureza.

2.4.9 Interações Políticas

Ecofeminismo sempre teve algum tipo de conexão com movimentos políticos, já que entende que é necessário pressionar os “policy makers” a fim de atender as preocupações e demandas tanto de mulheres quanto da Natureza.

Os tópicos são os mais variáveis: vão desde as preocupações gerais com o meio ambiente, o uso de produtos químicos em alimentos, o tratamento dado aos animais, a forma como se desenvolve tecnologia, até a poluição de determinado rio ou da atmosfera em lugares específicos e que trazem prejuízos e danos imediatos (em especial às mulheres que utilizam a Natureza e seus recursos como principal fonte de sobrevivência).⁶⁵

A Ecofeminista Stephanie Lahar entende que os objetivos políticos do Ecofeminismo englobam a desconstrução dos sistemas de opressão sociais, econômicos e políticos, bem como a reconstrução de formas viáveis socialmente, que incluam mulheres e Natureza em um real e não meramente formal igualdade.

⁶³ HARDING, Sandra. **Rethinking Standpoint Epistemology**: What is strong objectivity? In: *Feminism Epistemologies*. New York: Routledge, 1993. p. 54.

⁶⁴ WALL, Chloe. **The Nature of Knowledge**: Toward an Ecofeminist Epistemology. In: *Metamorphosis*. Canadá: Council of Public Liberal Arts Colleges (COPLAC), 2002. p. 6.

⁶⁵ WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 35.

The relation of ecofeminist theory to political activism is ideally informative and generative and not one of either prescribing or “owning” particular actions. Ecofeminist theory advocates a combined politics of resistance and creative projects, but the specific enactment of these is a result of dialogue between the individuals involved and the actual situation or issue.⁶⁶

A relação do Ecofeminismo com o ativismo político é, assim, precipuamente, informativa. Não ordena determinadas formas de demandar a inclusão de políticas que beneficiem mulheres e Natureza, mas sim advogada uma combinação dialética de resistência política que visa a beneficiar e tutelar ambas.⁶⁷

Através da informação sobre os danos causados e sofridos em mulheres e na Natureza, pretende-se o empoderamento feminino, a sensibilização da coletividade e o despertar do poder público a fim de que sejam incluídos na agenda, políticas que visem instrumentalizar o que a Filosofia Ecofeminista defende.

Para Noel Sturgeon, o Ecofeminismo seria um movimento social, já que para a autora, “movimento social” significa exatamente o fato de haver pessoas que contestam a hegemonia das relações de poder e que almejam uma transformação na construção das próprias identidades masculinas e femininas.⁶⁸

Além de informar e empoderar a sociedade, o Ecofeminismo, como movimento, também tomaria ações diretas como greves, boicotes, demonstrações, passeatas, lobbying, etc, sempre dialogando com a teoria Ecofeminista sobre Natureza, mulheres, raça, pobreza, etc., mas também buscando repercussões práticas advindas com a aplicação de referida teoria.

A próxima e última corrente Ecofeminista trata sobre o “dever” como fator decisivo na aplicação de políticas públicas relacionadas à mulheres e Natureza. Será o nosso próximo tópico de estudo.

⁶⁶ “A relação entre ativismo político e a teoria ecofeminista é idealmente informativa e generativa e não é aquela que pretende prescrever ou “possuir” ações particulares. Ecofeminista teoria advoga uma combinação de políticas de resistência com projetos criativos, mas o resultado específico é decorrente do diálogo entre os indivíduos envolvidos naquela específica situação ou problema”. (tradução nossa); LAHAR, Stephanie apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000. p. 35-36.

⁶⁷ LAHAR, Stephanie. **Ecofeminist Theory and Grassroots Politics**. In: *Ecological Feminist Philosophies*. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 15.

⁶⁸ STURGEON, Noel. **Ecofeminist Natures: Race, gender, Feminist theory and Political action**. New York: Routledge, 1997. p. 4.

2.4.10 Conexões Éticas

Muitas leituras Ecofeministas advêm da linha ética, em que se advoga que o estudo do “dever” precisa levar em conta um enfoque feminino, retirando-se o desvio androcêntrico existente.

Chris Cuomo é uma das representantes das interações éticas dentro da Filosofia Ecofeminista e demonstra em seu livro “Feminism and Ecological Communities”⁶⁹ que onde há preocupação com outros que não sejam a própria pessoa, estar-se-á enfrentando um problema ético.

O conceito de ética é usado para situar uma determinada categoria de “problemas” humanos: os interesses de outras pessoas e os valores morais que levam os agentes a tomarem decisões de acordo com um critério compreendido como apropriado.

A autora remete a Aristóteles ao afirmar que a concepção de respostas éticas para determinadas relações ou situações é que, em fato, envolve escolha entre “bom” ou “ruim” e “certo” ou “errado”.⁷⁰

As regras concernentes a conceitos éticos, além do significado do “certo” ou “errado” vêm sendo discutidas ao longo da história e, em especial, na atualidade, em que movimentos sociais que defendem liberação e mudanças políticas passam a questionar tais regramentos.

Pessoas que não sejam homens, que não sejam brancas, que não sejam privilegiadas, ou que não sejam pessoas (Natureza) vêm sendo, ao longo da história das sociedades e, em especial, da filosofia, representados de forma inadequada e insuficiente.

Esta situação leva a própria ética a ser questionada, já que ética deveria, ostensivamente, promover a justiça e o bom comportamento.⁷¹No entanto, como a história mostra, argumentos éticos podem ser moldados a fim de justificar diversos tipos de dominação.

Em esforços para incluir de forma adequada mulheres, negros, crianças, trabalhadores, ecossistemas e a Natureza como um todo, inúmeras agendas feministas e ambientalistas surgiram a fim de questionar os modelos éticos existentes.

⁶⁹ CUOMO, Chris J. **Feminism and ecological communities**. An ethic of flourishing. London: Routledge, 1998. p. 2.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ Ibid., p. 3.

O Ecofeminismo com ênfase em ética pretende incluir grupos e indivíduos subordinados ao modelo androcêntrico existente sem, contudo, cair na armadilha do reducionismo ou universalismo.

Cuomo defende novas maneiras de pensar e de avaliar ações pessoais e políticas, que irão desafiar os atuais modelos que seriam opressivos e destrutivos. Isso não será possível se não for analisado, em profundo, questões de dominação e exploração de mulheres, negros, trabalhadores de classes baixas, lésbicas e gays, levando em conta também os legados do colonialismo sobre tortura de animais em laboratórios e o despejo de resíduos tóxicos em rios.⁷²

A Filosofia Ecofeminista pretende compreender as conexões existentes entre mulheres e Natureza, oferecendo críticas sobre os caminhos que os mundos sociais e ecológicos atuais, por serem tendenciosos e desiguais ao gênero não oferecem e, além disso, articular perspectivas sobre uma nova ordem mundial que seja mais ecológica e mais feminina.

Como um movimento que possui preocupação com justiça social, o Ecofeminismo considera a significância da **ética** em problemas ecológicos, como a saúde ambiental, a preservação da vida selvagem e o desenvolvimento econômico, que atingem, de forma bivalente, mulheres e Natureza.

2.2 QUADRO COMPARATIVO E CONCLUSÕES

Para fins didáticos, traz-se um quadro comparativo entre as dez correntes do Ecofeminismo que foram tratadas, a fim de sumarizar seus principais representantes, bem como suas essenciais definições conceituais.

⁷² CUOMO, Chris J. **Feminism and ecological communities**. An ethic of flourishing. London: Routledge, 1998. p. 4.

Quadro 1 - Comparativo entre as correntes do Ecofeminismo

<u>1 – Corrente Ecofeminista:</u>	<u>2 – Principal (is) autor (es):</u>	<u>3 – Conceituação:</u>
Histórica	Riane Eisler e Carolyn Merchant	Origem da dominação de mulheres e Natureza teve início com a invasão das tribos nômades. A violência foi associada com “masculino” e quem não agisse de tal forma seria “afeminado”
Conceituais	Val Plumwood	Origem da dominação se dá através de dualismos: razão x emoção, homem x mulher, cultura x Natureza.
Empíricas	Vandana Shiva	As mulheres são, historicamente, as mais atingidas pela degradação ambiental.
Sócio Econômicas	Vandana Shiva e Marian Mies	O “desenvolvido” e “tecnológico” é considerado como sendo melhor e que traz mais benefícios para a atual civilização. Tudo que for natural e instintivo é taxado de improdutivo e ultrapassado.
Linguística	Carol Adams	A “animalização” da mulher é uma das formas encontradas para justificar e manter a dominação sobre mulheres e Natureza.
Simbólicas e Literárias	Carolyn Merchant e Susan Griffin	Defende a ligação simbólica existente entre mulheres e o Planeta Terra, a denominada: “mãe-terra”. Com relação a literatura, o Ecofeminismo traz escritos que valorizam a conexão entre mulheres e Natureza.

Continua.

Quadro 2 - Comparativo entre as correntes do Ecofeminismo (conclusão)

<u>1 – Corrente Ecofeminista:</u>	<u>2 – Principal (is) autor (es):</u>	<u>3 – Conceituação:</u>
Espirituais e Religiosas	Elisabeth Dodson Gray	Origem da dominação é baseada na crença em dogmas religiosos que permitem a superioridade de um em detrimento de outro.
Epistemológicas	Lori Gruen e Sandra Harding	A origem da bivalente dominação está associada ao que se entende por “conhecimento”. Este, é influenciado por valores e julgamentos parciais do “observador”.
Políticas	Stephanie Lahar e Noel Sturgeon	Ecofeminismo teria em sua base uma origem política, já que pretende reformular práticas que perpetuam a dominação de mulheres e Natureza.
Éticas	Chris Cuomo	O “dever” agir de forma a promover justiça e igualdade social precisa ser reformulado, já que mulheres e Natureza não vêm, ao longo da história, sendo devidamente representados.

Fonte: Autora.

As correntes Ecofeministas, assim, retratam as origens das conexões entre mulheres e Natureza, além de enfatizarem também que a dominação de uma não existe sem a outra.

No entanto, para o propósito deste trabalho, que tenta relacionar a maternidade com consumo e sustentabilidade, duas correntes serão utilizadas: **Empírica e Sócio-econômica.**

Ambas tratam sobre a valorização do “inovador”, “tecnológico” e “moderno” pelas sociedades ocidentais atuais em detrimento do “instintivo”, “natural” e “ancestral” (corrente sócio-econômica). Além disso, também demonstram que são as mulheres, como primeiras provedoras de suas famílias, as pessoas que são mais atingidas pela degradação ambiental (corrente empírica).

As correntes serão, assim, utilizadas, de forma a dar suporte teórico para as argumentações que serão feitas nos próximos capítulos: o uso de leite artificial em prejuízo ao leite materno, a prática de cesáreas desnecessárias em contrapartida ao parto natural, etc. Exemplos que assolam as sociedades atuais ocidentais, em especial no Brasil, com a indicação de que por serem “contemporâneos” e “vanguardistas” seriam melhores que as práticas e condutas realizadas por gerações passadas.

Também será demonstrado que a sociedade de consumo e suas convenções tentam convencer a mulher/mãe a adotar hábitos e costumes que sigam ditames “modernos” e “tecnológicos”. No entanto, será ilustrado que tais condutas além de não serem sustentáveis também não trazem benefícios para a mãe e para sua prole se comparado com outras atitudes “sustentáveis”.

O próximo capítulo trata, desta forma, de como a sociedade de consumo procura influenciar a recém-nascida mãe a ignorar seus instintos naturais de maternidade e a adotar práticas consumistas nos cuidados de sua prole.

3 A SOCIEDADE DE CONSUMO E A MATERNIDADE

A evolução da sociedade de consumo⁷³ passou por inúmeras fases, que serão vistas a seguir. O último ciclo, em especial, o denominado hiperconsumo, representa a ênfase nos valores materiais, bem como na consolidação do consumo não só como necessidade, mas também como ostentação e acúmulo.

Na era do hiperconsumo tudo virou objeto de compra e venda. Consome-se a qualquer hora e em qualquer lugar. O consumo é rápido e descartável. Em um momento, determinado bem é essencial e, no próximo, este mesmo bem já se tornou obsoleto.

A maternidade não ficou imune às propagações da sociedade de consumo. Atos instintivos como amamentar ou parir foram substituídos por formas mais rápidas e simples que podem ser compradas, agendadas e entregues para a mãe consumidora (leite artificial e cirurgias cesáreas agendadas, por exemplo).

Em uma sociedade voltada para a rapidez, liquidez e fugacidade, o parto natural e a amamentação, atos típicos de uma maternidade dita “sustentável” parecem terem se tornado atos anacrônicos e ultrapassados.

3.1 A EVOLUÇÃO DA SOCIEDADE DE CONSUMO

A evolução da sociedade de consumo ocorre, para Lipovetsky⁷⁴ em três fases diversas: a primeira fase teria começado por volta dos anos de 1880 e terminado em 1945 com o fim da Segunda Guerra Mundial. Nas três décadas do período pós-guerra outra fase teria se desenvolvido: o chamado ciclo fordista. Já o último ciclo, denominado hiperconsumo, teria se iniciado após o término da era Ford.

Em todos ciclos de consumo a exploração exacerbada de recursos naturais se destaca. A produção para o consumo ou o consumo que necessita de produção não vislumbra as consequências da extração descomedida. Pelo contrário: a subtração de bens naturais e a

⁷³ Adota-se aqui a definição de sociedade de consumo de Bauman: “A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pode alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está “plenamente satisfeito” – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados. BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 63.

⁷⁴ LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007. p. 26.

degradação do meio ambiente eram (e são) vistos como uma pequena moeda a ser paga para que se atinja o desenvolvimento das nações e, como consequência, o bem estar e qualidade de vida de toda a sociedade.

No **primeiro ciclo de consumo**, com início por volta de 1880 e término em 1945, é possível destacar o declínio dos pequenos comércios locais que são trocados por grandes mercados que, capitaneados por novos meios de transporte e de comunicação, alcançavam um maior número de localidades e de pessoas.

Começa a expansão da produção em grande escala, a rapidez na produção de bens e a diminuição nos custos de sua elaboração.

Associando o primeiro ciclo de consumo ao estudo do meio ambiente, percebe-se desde logo o antagonismo existente entre a necessidade de produção para posterior consumo e a proteção ambiental.

Se as sociedades de caça e coleta, sem classes sociais, concebiam suas comunidades como parte da Natureza, que deveria ser respeitada, isso já não acontece no universo capitalista, em que a exploração de uma classe por outra é a sua própria tônica.

Assim, se antes o homem estava integrado à Terra, integrado à Natureza e ao Meio-Ambiente, podendo retirar toda sua necessidade de sustento desses elementos, agora, liderado pelo sistema capitalista, fez-se necessária a sua separação.

Indispensável que o homem não tenha acesso a recursos naturais. Imprescindível que haja escassez. Como consequência, o homem precisa usar de sua força de trabalho para então conseguir adquirir produtos necessários à sua manutenção.

A mecânica da escassez é a essência do modo de produção capitalista. Para Porto Gonçalves⁷⁵

O fundamento da relação da sociedade com a Natureza sob o capitalismo está baseado na separação, a mais radical possível, entre os homens e as mulheres, de um lado, e a Natureza, de outro. A generalização do instituto da propriedade privada, ao privar a maior parte dos homens e das mulheres do acesso aos recursos naturais, cumpre um papel fundamental na constituição do capitalismo.

Surgida a sociedade de classe, a exploração de uma classe sobre a outra levou, quase que simultaneamente a dominação e exploração da Natureza.⁷⁶

⁷⁵ PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da Natureza e a Natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 288.

⁷⁶ FOLADORI, Guillermo. **Limites do Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 108.

Não que as sociedades anteriores à ascensão do capitalismo não degradassem a Natureza. O faziam, mas em ritmo necessário as suas básicas necessidades, concedendo tempo para que os ecossistemas pudessem se regenerar. No entanto, com a Revolução Industrial do século XVIII, permitindo a expansão imperialista, e a destruição de povos pré-capitalistas, além da possibilidade de transportar recursos naturais de um hemisfério para o outro, a pilhagem da Natureza foi espetacular.⁷⁷

A dominação da Natureza e, como consequência, sua degradação, nada mais é do que um sintoma de uma crise de civilização, definida por um modelo de modernidade em que há o predomínio do desenvolvimento do racionalismo tecnológico sobre a organização da Natureza.⁷⁸

Já o **segundo ciclo** de consumo, a denominada economia fordista, é marcada pela elevação do nível de produtividade e pela celeridade de sua produção.

Se o primeiro ciclo de consumo permitiu acesso à bens duráveis, a segunda fase o aprimorou, garantindo o acesso a um grande número de pessoas.

A sociedade de consumo de massa é edificada e solidificada neste ciclo. Há a ênfase no conforto material. É a fase do presente. De não poupar, mas de esbanjar. De liberação, e não de restrição.

Lipovetsky⁷⁹ identifica a economia fordista e as consequências dela como uma “sociedade do desejo”, em que o consumo não é mais visto como pecado, mas sim como solução. Surge aqui um novo modelo de vida: a centralização nos valores materiais. Para Pereira⁸⁰:

Nessa seara foi idealizada a exigência de que se fizesse do consumo uma forma de vida, que a compra e o uso de bens fossem um ritual; que a satisfação espiritual e a satisfação do ego fossem buscadas no consumo; que as coisas fossem consumidas, destruídas e descartadas em um ritmo cada vez maior. Esse novo método para o desenvolvimento econômico foi aceito e imposto imediatamente.

⁷⁷ FOLADORI, Guillermo. **Limites do Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 110.

⁷⁸ LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 3ª ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 17.

⁷⁹ Para o autor há uma verdadeira e profunda mutação cultural durante a economia fordista. Toda a resistência às frivolidades é esquecida e homens e mulheres sucumbem ao desejo de consumir. Seria o “vírus da compra”, a paixão pelo novo, a febre por objetos, a adesão ao modo de vida privatizado. LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007. p. 36).

⁸⁰ PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe; PEREIRA, Mariana Mioranza Koppe. **Hiperconsumo e a ética ambiental**. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; HORN, Luiz Fernando Del Rio. (Orgs.). *Relações de consumo e meio ambiente*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. p. 13.

Outro importante pilar do estado fordista baseava-se na possibilidade de fabricação de bens duráveis tão baratos que qualquer trabalhador poderia adquiri-los. No entanto, a fim de se conseguir tal objetivo, a Natureza, e suas limitações, nunca foram levados em conta.

De onde viriam os materiais necessários para a confecção de bens? Ou então: para onde iriam os dejetos causados por sua produção? Tais perguntas não precisavam ser respondidas, já que homens e mulheres tinham agora acesso a produtos e serviços que melhorariam suas qualidades de vida.

A economia fordista era baseada na utilização de combustíveis fósseis, tanto que este período também é chamado por inúmeros autores de “Capitalismo de Estado Fossilista-Fordista.”⁸¹

Ocorre a transformação geográfica da produção, em que com o uso de máquinas a vapor na fabricação de bens duráveis e também nos meios de transporte fez com que a matéria pudesse estar em um local e a produção e outro.

Enfim, com o uso da máquina a vapor nos transportes, a agricultura, passa a usar mais os adubos industrializados e menos o esterco orgânico e, no lugar do animal para a tração, usa máquinas, ou seja, no lugar de cavalos, as máquinas de seus cavalos-vapor. Começamos a assistir à substituição da agricultura orgânica pela agricultura mecânica e química.⁸²

No entanto, as possíveis aquisições da era Ford começaram a não ser o bastante para homens e mulheres consumidores, que não estavam mais satisfeitos com os bens que todos poderiam possuir. Agora, não se queria mais ter um produto que todos os demais possuíam e sim um produto que fosse único e exclusivo.

Uma época individualista e consumistas recai sobre a sociedade liberal. É chegada a época do “hiperconsumo”⁸³.

No **terceiro ciclo**, que a sociedade ocidental industrializada vive atualmente, a chamada era do “hiperconsumo”, a liberdade individual é grandemente valorizada e as atitudes comportamentais de consumo são realizadas tendo em vista mais o bem estar e lazer do indivíduo do que as suas próprias necessidades de sobrevivência.

O consumo é determinado, neste terceiro ciclo, muitas vezes, pelos próprios produtores que, através de estratégias de marketing, manipulam e convencem homens e mulheres a acreditarem que certos produtos são realmente essenciais para o seu bem viver.

⁸¹ PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da Natureza e a Natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 33.

⁸² Ibid., p. 28.

⁸³ LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007. p. 37.

Em contrapartida, o que se consome também é decretado pelo próprio indivíduo, que ao “sair para fazer compras” transforma o simples ato de comprar bens, com o dinheiro derivado de sua força de trabalho, em um “ato social”, em um empoderamento e até mesmo em um aumento de sua autoestima.

Não faltam opções e ofertas ao hiperconsumidor. Um dos mecanismos que alavancaram o consumo desenfreado foi a criação de marcas que são muitas vezes associadas a um estilo de vida ou até mesmo a um tipo de comportamento. O indivíduo adquire produtos e serviços a fim de “encaixar” neste ou naquele grupo ou classe social.

O consumo também é emocional, sensorial. Lojas e grandes magazines estimulam a compra de bens e serviços através de música, odores e cenografias. As compras são festivas, são locais de felicidade. No ato de comprar, além de se adquirir o objeto de seu desejo, também há diversão e entretenimento – é o “funshopping”.⁸⁴

Na sociedade de consumo de massa não existe horários para o ato de consumir. Há formas eletrônicas de aquisição – através da rede mundial de computadores - homens e mulheres podem comprar sem sair de casa, sem sair de seus locais de trabalho.

Podem ainda comprar em trânsito: de seus próprios aparelhos móveis de telefonia, através de aplicativos desenvolvidos que já acondicionam o número do cartão de crédito do consumidor. Com um simples “ok” o ato de consumir é finalizado. O consumo não pode parar. Não dorme ou descansa: há grandes empreendimentos que abrem 24 horas por dia durante os 7 dias da semana a espera do consumidor.

E quando o consumidor pensa que, finalmente, muitas vezes com grande esforço de seu trabalho, conseguiu adquirir o bem que tanto desejava, eis que surge uma nova versão daquele mesmo produto e o bem recém adquirido, já pode agora ser considerado obsoleto e ultrapassado. A renovação da oferta faz com que os produtos sejam substituídos por protótipos mais avançados em uma velocidade espantosa. É a sedução do consumidor pela novidade em uma sociedade fluída, líquida e fugaz.⁸⁵

As alegrias do consumo são propagadas e divulgadas como sendo as consequências naturais do indivíduo. Na linha de pensamento da sociedade de consumo atual quem não pode comprar também não pode ser feliz.

⁸⁴ LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007. p. 49.

⁸⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 45.

Na terceira fase, ora em análise, o individualismo se sobrepõe ao coletivo. A satisfação do “eu”, do hedonista-consumidor, é o que importa. Marin ao tratar do hiperconsumo em uma sociedade sistêmica conclui que

De fato, a sociedade, abreviada pelo tempo que a tecnologia oferecia, mas encantada com as possibilidades que o mercado lhe apresenta, criou necessidades ingentes, outrora anônimas. O senso de coletivo esvaiu-se. A selva de pedra passou a ser o paradigma, e a Natureza permanece ao estandarte dos fins de semana e feriados, numa inútil tentativa de “purificação” do homem.⁸⁶

As preocupações com o consumo e com a ecologia parecem, para a sociedade de consumo, cada vez menos importante. Com os modos de produção atuais, aliados à tecnologia moderna, que encorajam o crescimento contínuo, veloz e a qualquer custo, a produção e o consumo serão sempre mais importantes que os efeitos que tais atos podem gerar para o meio ambiente.⁸⁷

E nesta linha de pensamento, é possível também verificar que a própria maneira de criação de filhos seja também fortemente influenciada pela sociedade de consumo.

Partindo-se da assunção de que ninguém está imune ao consumo, já que ninguém é inatingível às práticas que ditam “o que todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser”⁸⁸, as recém-nascidas mães também são influenciadas, por valores consumistas presentes nas sociedades ocidentais atuais, que as levam a praticar atos e condutas que são para elas publicizados como “melhores”, “modernos” e que trariam mais benefícios para seus filhos.

Condutas que valorizam o uso de leite artificial em detrimento do leite materno, cirurgias cesáreas agendadas em contrapartida ao parto natural, alimentação industrializada ao invés de comidas “in natura” são exemplos de comportamentos destinados para a mulher/mãe que são expostos como práticas que seriam “modernas” e “melhores” na criação da prole.

Será visto que o consumo de tais bens não só não traz benefícios para os filhos, como também não são, de forma alguma, sustentáveis, já que não respeitam os ciclos naturais de produção e são realizados e produzidos de forma a causar exploração e degradação ambiental.

Nos tempos atuais os valores globais de consumo criaram desconexão, esquecimento e descarte. Instintos naturais e ancestrais das mães, como ter partos vaginais sem intervenções médicas desnecessárias, amamentação em livre demanda para seus filhos, além de uma

⁸⁶ MARIN, Jeferson; BATISTA, Ildemar; CAPITANI, Rodrigo. **A efetividade normativa e Direito Ambiental:** o hiperconsumo hedonista numa perspectiva sistêmica. *In:* Revista Direito Ambiental e Sociedade. Vol., 1, n. 1 (jan.-jun. 2011). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2011. p. 106.

⁸⁷ CASTORIADIS, Cornelius. **Uma sociedade à deriva.** Paris, França: Editora Ideias e Ideias, 2007. p. 305.

⁸⁸ BAUMAN, Zygmund. **Vida para o consumo:** a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 73.

alimentação saudável e sustentável estão em completa oposição a estes valores. Eles representam um retorno às origens, conexão e lembrança, que não cabem em uma sociedade de consumo em que quase sempre não há tempo para tanto.

Um dos episódios mais vulneráveis para uma mulher, no entanto, envolve o nascer do seu filho. Hormônios, dores, o desconhecido, pressão de familiares, amigos, sociedade, para que a mãe consiga conduzir a maternidade de forma “correta”. Aproveitando-se desta vulnerabilidade, a sociedade de consumo influencia enormemente a maternidade e suas práticas, como será visto no próximo tópico de estudo.

3.2 MATERNIDADE E CONSUMO

Um dos momentos de maior fragilidade na vida de uma mulher é, sem dúvida, após o nascimento de seu filho. A vida pretérita será abandonada com a simultânea descoberta de uma nova vida, em que liberdade e autonomia são palavras usadas somente para refletir o passado.

A sociedade de consumo então, aproveitando-se desta superveniente vulnerabilidade impõe ou tenta impor padrões de comportamento e consumo a serem seguidos pelas novas mães. Para Baker

Vulnerabilidade do consumidor é um estado de impotência que resulta de um desequilíbrio nas interações mercado ou do consumo de mensagens de marketing e produtos. Ocorre quando o controle não está nas mãos de um indivíduo, criando uma dependência de fatores externos (por exemplo, os comerciantes) para criar a equidade no mercado. A vulnerabilidade real resulta da interação de estados individuais, características individuais, e das condições externas dentro de um contexto onde as metas de consumo podem ser dificultadas e a experiência afeta a percepção pessoal e social dos trabalhadores independentes.⁸⁹

Marketing e consumo, ancorados na vulnerabilidade feminina, advinda com a recém-chegada maternidade, constroem assim imagens sobre o que seria a maternidade, com o que as mães deveriam se importar e como deveriam se comportar.

A maneira como as mães consomem bens e serviços definem, desta forma, seu tipo de maternidade, bem como são vistas e julgadas pela sociedade a que pertencem.⁹⁰

⁸⁹ BAKER S. M.; GENTRY J. W.; RITTENBURG T. L. **Building Understanding of the Domain of Consumer Vulnerability**. Journal of Macromarketing, v. 25, n. 2, 2005. p. 134.

⁹⁰ O'DONOHUE, Stephanie; HOGG, Marga; MACLARAN, Pauline; MARTENS, Lydia e STEVENS, Lorna. **Motherhoods, markets and consumption: the making of mothers in contemporary western cultures**. New York, NY: Routledge, 2014. p. 1.

A identidade materna é assim construída por vários atores além da própria mãe. Elementos socioculturais, econômicos, e até mesmo ambientais. Aliados ao marketing e consumo são todos influenciadores na personificação da maternidade pela mulher.

Mas se poderia tentar identificar os fatores que levariam à construção da identidade materna na atual sociedade ocidental de consumo? A resposta não é simples e deriva de uma série de considerações a serem feitas. Assunto que será tratado no próximo tópico.

3.2.1 A mulher/mãe como provedora

A mulher/mãe é frequentemente identificada como sendo a original/primitiva provedora da família. É a mulher que estaria conectada através da história com a vida doméstica, alimentando e cuidando de sua família.

Vandana Shiva, que representa a corrente sócio-econômica do Ecofeminismo, argumenta que a mulher produz e reproduz vida não de forma meramente biológica, mas também através de um papel social em providenciar a subsistência para si e para sua família.⁹¹

Apesar de historicamente inúmeras comunidades terem sido colonizadas e como consequência os homens terem então começado a participar das atividades de subsistências (ainda que de forma destrutiva e em caráter de dominação), as mulheres continuaram exercendo o papel de provedoras, fomentando a ligação entre Natureza e sua própria subsistência.

Entende Shiva que o princípio da sustentabilidade, inerente às mulheres e mães, tem um aspecto, assim, cultural e histórico e não meramente biológico.⁹²

Outra autora que também representa as interações sócio-econômicas do Ecofeminismo, Maria Mies, entende que as mulheres possuem um relacionamento produtivo com a Natureza, já que elas não só coletam e consomem, mas também exercem um papel ativo na própria produção destes bens.⁹³

Mies relata a interação das mulheres com a Natureza em vários aspectos: a) Esta interação seria recíproca, já que as mulheres concebem de seus próprios corpos, da mesma forma que a Natureza produz e se reproduz; b) Apesar de as mulheres também se apropriarem da Natureza a fim de plantar, utilizar e consumir, a forma de apropriação não constitui uma

⁹¹ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 41.

⁹² Ibid.

⁹³ MIES, Maria. **Patriarchy and Accumulation on a world scale**. Women in the international division of labour. Londres: Redwood, 1994. p. 30

relação de dominação e sim uma relação paritária; c) Como “geradoras de novas vidas” as mulheres também se tornam as primeiras produtoras para suas próprias subsistências (amamentação para prole e alimentos oriundos da coleta para a família). Neste último caso, as mulheres seriam, assim, as inventoras da primeira espécie de economia produtiva, trazendo como consequência o início da produção social e a criação de relações sociais entre as sociedades.⁹⁴

No entanto, apesar de as mulheres historicamente estarem enquadradas no papel de primeiras provedoras, que as conecta instantaneamente à Natureza e, como consequência, ao desejo de uma sociedade sustentável (que nos remete ao tema deste trabalho) com o crescimento de sistemas de opressão, como o patriarcado, por exemplo, a Natureza passou a ser simplesmente uma fonte de riqueza. O trabalho da mulher passou então a ser improdutivo, ficando alheio ao enquadramento e aos paradigmas da sociedade industrial.

The transforming, productive power was associated only with male western labour and economic development became a design of remodeling the world on that assumption. The devaluation and de-recognition of nature's work and productivity has led to the ecological crises; the devaluation and de-recognition of women's work has created sexism and inequality between men and women. The devaluation of subsistence, or rather sustenance economies, based on harmony between nature's work, women's work and man' work has created the various forms of ethnic and cultural crises that plague our world today.⁹⁵

Shiva argumenta também que o trabalho da mulher como provedora, oriunda de uma agricultura orgânica e descentralizada, por exemplo, se tornou, na sociedade ocidental atual, praticamente invisível. Degradação e violência causadas pela dominação seriam visíveis. Já balanço e harmonia na extração de produtos, que são experiências artesanais, não seriam suficientes para alimentar e prover para a população mundial sendo, desta forma, dentro do pensamento atual, inúteis formas de extração.⁹⁶

Cada mulher em cada residência trabalha, assim, de forma invisível, para prover o necessário para sua família. Este trabalho oculto e imaterial é exatamente a ligação entre a Natureza e as necessidades do ser humano, preservando os ciclos ecológicos e conservando a

⁹⁴ MIES, Maria. **Patriarchy and Accumulation on a world scale**. Women in the international division of labour. Londres: Redwood, 1994. p. 30

⁹⁵ “A transformação do poder produtivo foi associado somente com o trabalho do homem ocidental e o desenvolvimento econômico se tornou o desenho em remodelar o mundo sobre aquela assunção. A desvalorização o (des) reconhecimento do trabalho da Natureza e sua produtividade liderou a crise ecológica; já a desvalorização e o (des) reconhecimento do trabalho da mulher criou sexismo e desigualdade entre homens e mulheres. A desvalorização da subsistência, ou economia de sustentação, baseada na harmonia entre o trabalho da Natureza, o trabalho da mulher e o trabalho do homem criou as várias formas de crises éticas e culturais que infestam nosso mundo hoje.” (tradução nossa). SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 41-42.

⁹⁶ Ibid., p. 42.

vida humana através da satisfação de suas necessidades básicas como comida, nutrição e água.⁹⁷

Sendo as mulheres historicamente as primeiras provedoras das sociedades ocidentais e sendo este papel, ainda mantido nos dias atuais e, em especial no Brasil, (como donas de causa e cuidadoras da prole)⁹⁸ não é de difícil interpretação o fato de que a sociedade de consumo e marketing as utiliza como alvo das forças do mercado, de forma a tentar influenciar seus comportamentos de consumo.

Soma-se a isso, o fato de que a mulher que se torna mãe se encontra, como já mencionado, em uma situação de extrema fragilidade e vulnerabilidade, fazendo, dela, assim, a presa perfeita para o consumo de bens ligados à maternidade, que será tratado a seguir.

3.2.2 A mãe consumidora

A atual geração de mães ocidentais cresceu sendo bombardeada por publicidade e marketing incentivando o consumo de bens e serviços. As mensagens que receberam a vida inteira terão, sem dúvida, forte influência, em suas práticas de maternidade, em seu comportamento e em seus atos de consumo.

Em uma sociedade em que praticamente tudo pode ser comprado e vendido, a maternidade e suas necessidades também viraram “comodities” (mercadorias).⁹⁹

Bebês saudáveis e mães vulneráveis são extremamente valiosos para as forças do mercado de consumo.

Para as mães é oferecida uma vasta gama de soluções para a recém-chegada e turbulenta maternidade, que vão desde utensílios para alimentação, parto, sono, recreação e cuidados com a criança.

⁹⁷ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 42.

⁹⁸ “Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, o PNDA 2006, a comparação de horas de trabalho doméstico para homens e mulheres mostra que estas últimas têm uma dupla e pesada jornada de trabalho. A estruturação das horas de trabalho doméstico segue perfil bastante diferenciado entre homens e mulheres e a comparação de seus resultados, mantendo constantes as características dos indivíduos por gênero, mostram a desvantagem feminina em sua possível produtividade ao longo do tempo”. MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo e SHIRATORI, Ludmila. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?** In Revista de Estudos Feministas, Florianópolis: 352, maio-agosto/2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n2/15.pdf>> Acesso em: 02 dez. 2015.

⁹⁹ TAYLOR, Janelle; LAYNE, Linda e WOZNIAK Danielle. **Consuming Motherhood**. Londres: Rutgers University Press, 2004. p. 12.

Propagandas mostram as mães, no uso destes produtos, com semblantes felizes e serenos, em uma alusão de que tais bens seriam extremamente eficazes para a criação de seus filhos¹⁰⁰.

Todas essas práticas e “soluções” são propagadas pela atual sociedade de consumo ocidental como sendo hábitos normais e frequentes, que a grande maioria das mulheres/mães praticam ou deveriam praticar.

Assumem, no entanto, características não sustentáveis, já que incentivam a produção e descarte de embalagens, o uso de hormônios em bovinos (para a produção de leite artificial) aumentando a emissão de gases que colaboram para o efeito estufa, incentivando a manufatura de uma vasta gama de ingredientes, artefatos e provisões que farão parte do “arsenal” destinado à maternidade.¹⁰¹

A lista de produtos relacionados à maternidade, que será retratada a seguir, é vasta: leites artificiais, nascimento de filhos através de cirurgias cesáreas agendadas, separação entre mãe e bebê, alimentação industrializada, etc. Tudo para “facilitar” a nova vida da mulher com a recém-chegada maternidade.

3.2.2.1 Amamentação e desmame precoce

Bebês continuam, através da história, nascendo sempre a partir do mesmo ambiente: o ventre de suas mães. A partir do momento em que nasce uma criança, nasce também a sua necessidade, quase que imediata, de leite materno. A amamentação é, assim, tão antiga quanto o próprio ato de nascer: “Por 35 milhões de anos os primatas permaneceram salvos por estarem perto de suas mães dia e noite. Perdê-las de vista ocasionaria sua morte.”¹⁰²

Relata-se que no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, os filhos de indígenas eram amamentados, ao menos durante um ano e meio. Enquanto durava a amamentação, eram transportados sempre com suas mães, em pedaços de pano. Assim como acontece com os

¹⁰⁰ THOMAS, S. G. **Buy, Buy Baby**: How consumer culture manipulates parents and harms young minds. Orlando, Flórida: Houghton Mifflin Harcourt, 2007. p. 15.

¹⁰¹ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p. 213-214.

¹⁰² HRDY, S. B. **Mother Nature**: Natural Selection and the Female of the Species. Londres: Chatto & Windus, 1999. p. 97.

demais mamíferos não humanos, as índias alimentavam e protegiam seus filhos de todos os possíveis perigos.¹⁰³

O recém-nascido, assim, necessita, instintamente de contato e proximidade com sua mãe. Não está ainda adaptado às variações de temperatura, luzes, barulhos, odores e sensações do mundo exterior. Precisa da familiaridade da pele e do cheiro da mãe, oferecendo a ele segurança e proteção em um ambiente totalmente novo.

São irrefutáveis todos os benefícios que a amamentação traz para a criança (matéria que será tratada no próximo capítulo). Além de ser extremamente importante por seu caráter nutricional e biológico, a amamentação também envolve uma relação humana, de toque, de vínculo e de apego.

Além disso, o ato de amamentar desafia os sistemas de opressão, em que mulheres e Natureza estão inseridas. Ao amamentar a mulher tem a “audácia” de alimentar uma criança com seu próprio corpo, sob sua própria autoridade e, em especial, sem a necessidade de nenhuma outra pessoa ou de nenhum outro tipo de aparato.¹⁰⁴ Volta às origens e segue seus instintos mamíferos e ancestrais. Desafia, assim, a falácia de que tudo que é “moderno” ou “vanguardista” seria melhor do que práticas naturais e autênticas, conforme argumenta Vandana Shiva.¹⁰⁵

Também atua de forma sustentável, já que o ato de amamentar não necessita de intermediários: não há custos de produção e não há descarte.

A Organização Mundial da Saúde recomenda aleitamento exclusivo, sem nenhum tipo de líquido ou alimento até os 6 meses da crianças e amamentação prolongada até, no mínimo 2 anos de idade.¹⁰⁶ No entanto, a média, em especial no Brasil, de amamentação exclusiva é de apenas 54 dias.¹⁰⁷

Sem dúvida, são vários os fatores que influenciam no chamado desmame precoce de mães e crianças: retorno prematuro ao trabalho, falta de apoio da família, introdução de bicos artificiais como mamadeiras e chupetas, etc.

¹⁰³ BOSI, Maria Lúcia Magalhães e MACHADO, Márcia Tavares. **Amamentação: um resgate histórico**. Cadernos ESP. Vol. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/4-9-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2015.

¹⁰⁴ REMER, Molly. **Breastfeeding as an ecofeminist issue**. Pathways to family wellness. Disponível em: <<http://pathwaystofamilywellness.org/The-Outer-Womb/breastfeeding-as-an-ecofeminist-issue.html>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

¹⁰⁵ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988, p. 3.

¹⁰⁶ WORLD HEALTH ORGANIZATION. Nutrition. Exclusive breastfeeding. Disponível em: <http://www.who.int/nutrition/topics/exclusive_breastfeeding/en/>. Acesso em: 03 dez. 2015.

¹⁰⁷ BRASIL. Ministério da Saúde. Tempo médio de aleitamento materno aumentada 296 para 342 dias em nove anos. Agosto, 2009. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/pacsauade/not_03082009.php>. Acesso em: 03 dez. 2015.

Iremos trabalhar com algumas destas hipóteses de modo a demonstrar as razões pelas quais a amamentação termina, em especial no Brasil, de forma extremamente prematura.

Duas hipóteses serão assim levantadas, derivadas da influência da publicidade sobre a maternidade e que levariam as mulheres a pararem de amamentar: 1) a sexualização do seio materno e 2) a introdução de leite artificial.

3.2.2.1.1 A sexualização do seio materno

A primeira hipótese argumenta que os seios que fornecem alimento e abrigo para os filhos também são vistos, na atual sociedade ocidental, como partes do corpo feminino ligados à erotização e a sexualização. A dupla característica pode ser colocada dentro do dualismo existente entre Natureza (amamentação) e cultura (sexualização) já descrito por Val Plumwood¹⁰⁸ na corrente conceitual do Ecofeminismo, neste trabalho retratada. Tal fato também é descrita por Sandre-Ferreira:

Essa dupla representação dessa parte específica do corpo feminino se insere na tradicional oposição antropológica entre Natureza e cultura. Considerado em termos da Natureza, o ser humano é classificado como um animal mamífero e, portanto, as mamas das 'fêmeas' humanas têm uma função específica, ligada à alimentação da sua 'cria'. Mas o *homo sapien* é um animal cultural, e no mundo da cultura o seio feminino pode perder a preeminência biológica de sua função e tornar-se a base de diferentes representações, como a caridade, e aquela que nos interessa de perto neste artigo, o erotismo.¹⁰⁹

Desta forma, os seios da mulher, que possuem função biológica e natural de alimentar a prole, ficam relegados a, em primeiro lugar, satisfazer as necessidades sexuais advindas em decorrência da erotização do seio materno.

Em sistemas de opressão, como o patriarcado, esta parte específica do corpo feminino também é controlada, de forma a estabelecer e regular o seu uso, bem como sua função, em uma notória aplicação da corrente conceitual Ecofeminista, em que o natural (amamentação) é menos importante que a cultura (erotização).

Na atual sociedade de consumo, assim, é perfeitamente possível a publicidade de produtos ligados à erotização dos seios femininos. É até mesmo aceitável a nudez dos seios da mulher, quando destinados à sua objetificação. No entanto, quando expostos em público com

¹⁰⁸ PLUMWOOD, Val. **Environmental Culture**. The ecological crisis of reason. London: Routledge, 2002. p.5.

¹⁰⁹ SANDRE-PEREIRA, Gilza. **Amamentação e Sexualidade**. In: Revista de Estudos Feministas. Vol. 11. Número 2. Florianópolis. Julho/Dezembro 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200007> Acesso em 03 dez. 2015.

a função de alimentar seus filhos, a mulher é, muitas vezes, denegrida, humilhada e se sente constrangida pela prática de tal ato.¹¹⁰

A imagem, retratada abaixo, ironiza a dualidade dos seios femininos quando diz: “Amamentar?! Isto é um Shopping Center! Nós não podemos permitir que mulheres deliberadamente mostrem seus seios!!” (tradução nossa).¹¹¹ A figura demonstra um exemplo de uma situação que permite a exposição de seios para fins sexuais (cartaz com seios descobertos atrás da mulher que amamenta), mas não a exposição dos mesmos para fins de alimentação.

Figura 2 – Imagem do *outdoor*



Fonte: Google.

O constrangimento que muitas mulheres são submetidas por amamentarem seus filhos, acaba por levar ao desmame precoce. Afinal, é muito mais aceitável, nos dias de hoje, e na sociedade ocidental, que uma criança seja alimentada com um leite artificial, através de

¹¹⁰ São inúmeros e frequentes os relatos de mães que são constrangidas e até mesmo impedidas de amamentar em público. Exemplos: 1) ESTUDANTE proibida de amamentar no campus da universidade. **Consultor Jurídico**. 05 set. 2015. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2015-set-05/faculdade-indenizar-aluna-foi-proibida-amamentar>>. Acesso em: 03 dez. 2015; 2) ROMERO, Maria. Mãe é constrangida por amamentar em restaurante. **Revista Cidade Verde**. 20 out. 2015. Disponível em: <<http://cidadeverde.com/noticias/204923/mae-e-constrangida-por-amamentar-em-restaurante-na-zona-leste-e-grupo-faz-mamaco>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

¹¹¹ Imagem sem alusão ao autor retirada de: <https://www.google.com.br/search?q=seios+amamenta%3%A7%C3%A3o+e+sexualiza%3%A7%C3%A3o&espv=2&biw=784&bih=703&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj7gfOtgHJAhXCDJAKHZUFAu4Q_AUIBygC&dpr=1#imgcr=es5u0BauxWPG0M%3A>. Acesso em: 03 dez. 2015.

uma mamadeira, do que o seja através dos seios da mãe. Estes devem ser reservados para a erotização e sexualização.

3.2.2.1.2 A introdução de leite artificial

A segunda hipótese, aqui trazida, que leva as mães a não mais amamentarem seus filhos é exatamente a introdução de leite artificial.

Há indicações de que a substituição de leite materno por outros tipos de alimentos acontece já há muito tempo. Há referências na Grécia no ano de 888 a. C, em que mães aparecem segurando mamadeiras em desenhos nas ruínas do Palácio de Ninevah, no Egito.¹¹²

Muito frequente nos séculos XVII e XVIII, quando uma mãe não conseguia amamentar seu filho, por razões físicas ou por razões sociais da época¹¹³, uma outra mulher iria então amamentá-lo: eram as chamadas “amas de leite”. Assim, o leite que a criança consumia continuava a ser o leite humano.

Em 1915 nos Estados Unidos foi então criada a chamada “fórmula infantil”, um composto preparado através de leite artificial e dezenas de outros componentes, que surgiram como “tábua de salvação” para as mulheres que não conseguiam ou não desejavam amamentar.

A fórmula infantil, em “substituição” ou “alternativa” ao aleitamento materno, assim, é um fenômeno relativamente recente nas sociedades ocidentais atuais. Em um corpo social em que tudo, ou quase tudo, pode ser vendido ou comprado, o próprio alimento de recém-nascidos, bebês e crianças, também passou a ser mercantilizado. Para Rea

Nos séculos e séculos de história da humanidade, não existira até então o problema de escolher um alimento industrializado disponível para bebês. A amamentação fora a regra, e quando não feita pela própria mãe o era pelas amas-de-leite ou em raras

¹¹² REA, Marina Ferreira. **Substitutos do Leite Materno**: Passado e Presente. *In*: Revista de Saúde Pública, São Paulo, 24 (3), 1990. p. 241. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/23740-27431-1-PB.pdf>. Acesso em: 04/12/2015.

¹¹³ A autora traz como exemplo de “razão social” em não amamentar, o fato de que na Inglaterra, no século XVIII, praticamente todas as mulheres que tinham condições financeiras recusavam-se a amamentar seus filhos. As “amas de leite” era então trazidas ou contratadas para que pudessem alimentar os filhos da burguesia. REA, Marina Ferreira. **Substitutos do Leite Materno**: Passado e Presente. *In*: Revista de Saúde Pública, São Paulo, 24 (3), 1990. p. 241. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/23740-27431-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2015.

ocasiões diretamente de outros animais: a vaca, a cabra e a ovelha eram os animais mais usados, por sua docilidade.¹¹⁴

A amamentação, portanto, antes uma regra, passou agora a ser uma “opção”. A indústria alimentícia e farmacêutica aproveitando-se da fragilidade materna e do novo produto recém lançado, passou a promover agressivamente a fórmula infantil. Contudo, para que um produto seja adquirido e consumido, é indispensável que ele seja necessário.

Começa então a perversa crônica de como as indústrias alimentícias e farmacêuticas tornaram o consumo da fórmula infantil em algo praticamente indispensável nas prateleiras das mães nas sociedades ocidentais atuais.

Com o avanço do consumo e da publicidade, se começou a perceber que muitas mulheres se tornavam inseguras quando se tornavam mães, sem saber se estavam agindo de forma correta ou não.

As falácias que rondam a amamentação como “leite fraco” e “pouco leite” começaram a se disseminar, fazendo com que as mães passassem a questionar a real nutrição do leite materno, além de seus benefícios.

O marketing agressivo de empresas como Nestlé e Johnson começou a aparecer em diversas áreas. Por exemplo: os nomes dados para os vários tipos de leite artificial variam de “supreme”, “premium” até “comfort” e “fortificado”. Diversos “adjetivos” são assim conferidos ao nome do leite sintético de forma não só a denominá-lo, mas também o qualificá-lo como “reconfortante” e “supremo”. Tudo isso enquanto o leite materno é “somente” leite materno.

Alia-se a este fato que a fórmula infantil pode ser livremente comprada em mercados e farmácias, muitas vezes com promoções que incluem, juntamente com a compra do leite, algum tipo de brinquedo para a criança, como mostra a imagem abaixo¹¹⁵:

¹¹⁴ REA, Marina Ferreira. **Substitutos do Leite Materno**: Passado e Presente. *In*: Revista de Saúde Pública, São Paulo, 24 (3), 1990. p. 242. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/23740-27431-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2015.

¹¹⁵ Imagem retirada do site: <<http://portuguese.alibaba.com/product-gs/ce-baby-milk-infant-formula-promotion-gift-of-miniature-bear-led-night-light-60254405215.html>> Sem alusão no site aos direitos autorais pela imagem. Acesso em: 05 dez. 2015.

Figura 3 – Imagem 1 – Leite artificial e brinquedo



Fonte: Google.

Também pode-se citar amostras grátis de leite sintético entregues às mães na própria maternidade, publicidade ostensiva nos meios de comunicação, etc.

No entanto, nenhum outro meio de divulgação, a fim de conquistar o mercado de alimentação infantil, é mais vantajoso, e ao mesmo tempo mais perverso, do que a influência de fabricantes de fórmulas infantis nos próprios profissionais da saúde. E nenhum golpe é mais “baixo” que esse.

A indústria de leite sintético se promove, em especial, através do patrocínio de congressos de pediatria, financiamento de reuniões científicas, pesquisas, viagens, bolsas de aperfeiçoamentos, estadias e inscrições em seminários para profissionais da saúde infantil em luxuosos resorts.

Também presenteia os profissionais que lidam com pediatria e puericultura com uma vasta gama de regalias que vão desde agendas, canetas, fitas métricas para medição dos bebês em consultório, balanças para peso de crianças, muitas e muitas latas de leite artificial, etc. Tudo isso com o inconfundível logotipo da empresa que os fornece.

Com um forte apelo psicológico, as mães, já vulneráveis, vão aos consultórios pediátricos e visualizam inúmeras marcas de produtos destinados ao bebê e acabam por se convencer que esses produtos não podem ser prejudiciais aos seus filhos. Afinal, se o próprio pediatra, um “expert” nos cuidados com a infância, os usa, por que não as mães?

Um exemplo da “promiscuidade” entre a indústria de produtos destinados à infância e a sociedade médica, é demonstrado no site oficial da própria Sociedade Brasileira de

Pediatria. Ao entrar no site da “SBP” se encontra, na primeira página, seus principais “patrocinadores”: Nestlé e Johnson&Johnson¹¹⁶.

Figura 4 – Congresso Virtual 2015. Congresso Brasileiro de Pediatria



Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria – SBP.

Ao entrar no link “Nestlé Nutrition” se encontra um “hot site”, especial e exclusivamente dedicado à classe médica. Após o ingresso nesta área reservada, o profissional da saúde poderá escolher entre diversos temas oferecidos pela empresa como Cursos Nestlé, Educação Continuada e Área para médicos em formação (residentes), como também mostra a imagem abaixo¹¹⁷:

¹¹⁶ SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA - SBP. Disponível em: <www.sbp.com.br>. Acesso em: 05 dez. 2015.

¹¹⁷ Site da NESTLÉ NUTRITION: Disponível em: <www.nestlenutrition.com.br>. Acesso em: 05 dez. 2015.

Figura 5 – Portal Nestlé

Fonte: Nestlé.

A forma feroz de publicidade e tentativa de ganho de mercado da indústria do leite sintético atinge, assim, as mães de forma indireta. Primeiro utilizando como alvo os profissionais de saúde, a quem a grande maioria das mães confia e acredita sem qualquer tipo de questionamento.¹¹⁸

¹¹⁸ Segue trecho do relato do pediatra Daniel Becker, disponível na página Pediatría Integral sobre o “Curso Nestlé de Atualização em Pediatría”, realizado anualmente e sem custos aos profissionais da pediatría no Brasil. A edição de 2012 foi no Rio de Janeiro: “Imaginem a cena: milhares de adultos fazendo filas para comer papinhas de bebê requentadas em réchauds de aço inox. Médicos se acotovelando para devorar leitinhos infantís açucarados e biscoitos de aveia e mel. Centenas de respeitáveis profissionais ansiosos para responder um joguinho de perguntas e ganhar bichinhos de pelúcia; jogando dadinhos gigantes para ganhar picolés de graça.

Estas cenas não pertencem a alguma comédia dos Trapalhões ou a um pesadelo de pais esgotados. São reais e colocam, de forma muito eloquente – e caricatural, neste caso – uma faceta pouco conhecida da medicina.

A relação entre indústria farmacêutica e médicos é sempre problemática. A necessidade de colocar o lucro antes da saúde, do benefício social ou ambiental está ainda no DNA da empresa privada. Existem mudanças no horizonte, mas são lentas e ainda restritas a poucas corporações. Se o lucro vem antes de tudo e o poder é quase ilimitado, como no caso da indústria farmacêutica, a ética- inclusive a dos médicos – e o bem estar do público são vítimas fáceis [...] Ora, uma coisa é propaganda lúdica, bem humorada. Mas o que vi ali foi um show de infantilização simplesmente inacreditável. Uma empresa se propondo a tratar pediatras como crianças e pediatras assumindo esse papel de forma caricatural. Assim fica muito fácil imaginar como a Nestlé se inscreve no imaginário destes profissionais. Como eles de forma inconsciente transformam a empresa numa “Grande Mãe” que os ama, e portanto, merece amor filial. Uma mistura genial de marketing e psicanálise, que para alguém que conseguia ver este cenário um pouco “do lado de fora”, parecia um

A classe médica, uma vez influenciada pelo marketing agressivo de tais indústrias mostra as consequências desta ingerência na prescrição, quase sempre desnecessária, de fórmula infantil. E quanto mais fórmula, menos leite materno.

Ainda que muitos profissionais aceitem as “regalias” fornecidas pelas indústrias de fórmula infantil e demais produtos destinados à infância, e aleguem que, mesmo assim, não se sujeitam à interferência da indústria farmacêutica e alimentar, é certo que somos todos, de uma forma ou de outra, influenciados pela publicidade. Para Sampaio¹¹⁹

A propaganda seduz nossos sentidos, mexe com nossos desejos, resolve nossas aspirações, fala com nosso inconsciente, nos propõe novas experiências, novas atitudes, novas ações. Por mais defesas que possamos construir, por mais barreiras que levantemos, sempre há o anúncio que fura o certo, o comercial que ultrapassa os muros, a ideia que interfere na nossa vontade. Apesar de buscarmos a racionalidade do ceticismo, de incentivarmos a defesa da indiferença, sempre há uma mensagem publicitária que nos atrai, interessa e convence.

A publicidade que atinge sim, a todos, pode passar despercebida por muitos indivíduos das classes médicas. No entanto, ao receitar a fórmula infantil, influenciados, muitas vezes, pelo ostensivo marketing das indústrias alimentícias e farmacêuticas, fazem por iniciar um ciclo vicioso que leva ao desmame precoce: o bebê, ao ingerir o leite artificial, deixa de estimular o peito da mãe na produção do leite materno, interrompendo, assim, o ciclo natural da livre demanda. Com o passar dos dias ou semanas, o leite materno acaba por secar, por falta de estímulo, restando à mãe somente recorrer a sua única salvação: a fórmula infantil de maneira exclusiva.

Amamentar é, sem dúvida, uma questão feminista ou mais ainda: Ecofeminista¹²⁰. Ao amamentar a mãe vai contra os sistemas de opressão, como o patriarcado, que quer impor que o seio materno deve ser visto de forma sexualizada e erotizada. Ao amamentar a mulher/mãe não se apega a horários pré-estabelecidos. Pelo contrário: se liberta de um sistema que quer impor o controle sobre seu corpo e sobre seus instintos mamíferos e ancestrais. Ao amamentar a mãe está respeitando os ciclos naturais de preservação da espécie e mais ainda: respeitando o meio ambiente, porque a amamentação é uma prática integralmente “sustentável”.

verdadeiro show de horror.” PEDIATRIA INTEGRAL. Disponível em: <www.pediatriaintegral.com.br>. Acesso em: 05 dez. 2015.

¹¹⁹ SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z**. Como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso. 3 ed. Revista e atualizada, Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 26.

¹²⁰ REMER, Molly. **Breastfeeding as an ecofeminist issue**. Pathways to family wellness. Disponível em: <<http://pathwaystofamilywellness.org/The-Outer-Womb/breastfeeding-as-an-ecofeminist-issue.html>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

A característica de sustentabilidade do leite materno em contraposição ao leite sintético será analisada em nosso último capítulo deste trabalho. Contudo, já se pode argumentar, ainda que brevemente, que a amamentação não deixa nenhum tipo de pegada ecológica, nenhum “footprint”.

Sabe-se a sua origem. Viaja seguro e diretamente da fonte para seu consumidor. Não envolve embalagens e descarte. Não há equipamentos, produtores, transportadores ou vendedores envolvidos entre produção e consumo (como ocorre com o leite artificial).

É natural, é ecológico, é sustentável. E é gratuito. Talvez estejam aqui expostas as razões pelas quais a sociedade capitalista ocidental atual ser tão contrária a sua prática.

De qualquer forma, em um mundo em que quase tudo vira objeto de compra e venda, como ocorre nas coletividades ocidentais globalizadas, não só o alimento de bebês e crianças pode virar mercadoria. Também a forma como se nasce pode se tornar um bem que pode ser comercializado e consumido, temática que será objeto de estudo no próximo item.

3.2.2.2 Nascimento natural e Nascimento cirúrgico

As práticas consumistas podem ser vistas como tendo uma grande influência na forma de escolha de parto nas sociedades ocidentais modernas. As mulheres são submetidas a uma grande pressão para equilibrar trabalho/maternidade/relacionamentos/afazeres domésticos e aparentemente uma das formas encontradas para lidar com a complexidade da vida atual seria um aumento no consumo de bens e serviços relacionados à maternidade, já tratados neste trabalho.

Com o consumerismo enraizado em inúmeras práticas das sociedades ocidentais modernas, a forma de nascer não poderia ficar ilesa.

Apesar das grandes mudanças comportamentais, econômicas e sociais que o mundo ocidental sofreu ao longo dos anos, a forma de nascer continua a mesma. Bebês sabem nascer e mulheres sabem parir.

Em uma perspectiva de evolução do processo de nascimento, pode-se afirmar que a biologia humana relacionada ao ato de nascer não mudou em nada, desde a “Época da Pedra”.¹²¹

¹²¹ HASTIE, Carolyn. **The birthing environment**: A sustainable approach. In: DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p.143-144.

No entanto, na metade do século XX uma grande mudança foi introduzida nas formas de nascer antes conhecidas: o nascimento foi removido dos domicílios das mulheres e levados para o hospital: um lugar tradicionalmente reservado para os enfermos.

Mulheres em trabalho de parto, assim, foram retiradas dos lugares em que se sentiam seguras, com todos os seus sistemas de apoio e suporte e colocadas para ganhar seus filhos em uma cama de hospital, quase sempre sozinhas.¹²²

Um evento antes natural e fisiológico, advindo de uma mulher saudável, passou a ser tratado como doença. Assim, os nascimentos passaram a ocorrer em hospitais com intervenções clínicas, muitas vezes desnecessárias, levando a grandes cirurgias abdominais (cesáreas) e fazendo crescer os índices de nascimentos por este método, em especial no Brasil.

Pregnant women are viewed not so much as sources of human regeneration, as the “raw material” from which the “product” – the baby – is extracted. In these circumstances, the physician rather than the mother comes to be seen as having produced the baby. What seems significant is that the caesarean section, which requires the most medical “management” and the least “labour” by the uterus is often considered to provide the best products.¹²³

O enfoque medicamentoso e intervencionista do nascimento aumentou os custos de serviços de maternidade sem ao, mesmo tempo, igualar os ganhos para a segurança do nascimento da criança.¹²⁴

Combinado a esta linha de pensamento, e influenciado pela política neoliberalista dos anos 1980 e 1990 no mundo, o Banco Mundial passou a enxergar saúde em termos de mercadoria que poderia ser comprada e vendida.

Embasado neste discurso, o parto natural/cesariana passou a ser visto como uma escolha individual e decorrente do estilo de vida de cada família. Se a forma como se nasce pode ser enquadrada como uma “commodity” (mercadoria), então ela também pode ser negociada e agendada, de maneira a se enquadrar nas datas e nas situações que melhor agradem os envolvidos.

¹²² HASTIE, Carolyn. **The birthing environment**: A sustainable approach. In: DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p. 143-144.

¹²³ “Mulheres grávidas são vistas não só como fontes de regeneração humana, mas como o “material cru” em que o produto – o bebê – é extraído. Nestas circunstâncias, o médico e não a mãe é considerado como quem produziu o bebê. O que parece significativo é que a cirurgia cesárea, que requer muita “manutenção” médica e pouco “trabalho” do útero e da mulher, é frequentemente considerado como ser a que oferece o melhor produto.” (tradução nossa). MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 26.

¹²⁴ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p. 112.

O grande número de cirurgias cesáreas agendadas e desnecessárias no mundo mas, em especial, no Brasil¹²⁵ é sem dúvida um fenômeno multifatorial, mas que atesta a incidência dos valores de consumo nas sociedades atuais. A forma de nascer passou assim, a ser também uma escolha de compra, disponível para pais, hospitais e médicos.

As cirurgias cesáreas são, assim, “compradas” através de pacotes ou planos, que podem ser parcelados em inúmeras vezes. Há opções de cesarianas agendadas com “buffets” para convidados. Também é possível que se escolha o chamado “aquário”, em que familiares e convidados podem assistir o nascimento do bebê através de uma parede de vidro ou telas de televisão ao vivo.¹²⁶

Para Odent¹²⁷

A cesariana como um bem de consumo é recente na história da humanidade. Não há nenhum modelo cultural. Enquanto isso, podemos estudar as principais características das diferentes culturas em relação à forma como os bebês nascem, explorando as bases de dados especializados. Quanto mais necessidade uma sociedade tem de desenvolver a agressividade e a capacidade de destruir a vida, mais invasivos são os rituais e as crenças culturais no período de nascimento.

Desinformação da mulher sobre os reais benefícios de um parto natural, pressão de médicos e hospitais para que se faça uma cirurgia cesárea, a valorização do tecnológico e medicamentoso em detrimento do instintivo e genuíno (como pondera Vandana Shiva¹²⁸ quando trata sobre a valorização do “moderno” sobre o conhecimento dos nativos) todos associados com a sociedade de consumo atual, dentre outros fatores, podem ser apontados como algumas das razões pelas quais as cirurgias cesáreas têm aumentado no mundo e, em especial no Brasil.

Shiva e Mies também apontam que a civilização patriarcal, através do uso e da super valorização da tecnologia, tenta convencer a todos que as mães não são mais necessárias no

¹²⁵ Enquanto a Organização Mundial da Saúde recomenda que o número máximo de cirurgias cesáreas não ultrapasse o percentual de 15%, no Brasil a percentagem na Rede Pública é de quase 60%. Na rede privada o número sobe ainda mais chegando, em alguns hospitais particulares, a índices de 88%. Em países Europeus como a Inglaterra, o percentual é bem menor: as intervenções cesáreas não ultrapassam o percentual de 22%.

Percentuais extraídos do Inquérito sobre parto e nascimento concluído em 2014 pela Fundação Oswaldo Cruz. AGÊNCIA FIOCRUZ DE NOTÍCIAS. Brasil é campeão em cesarianas no mundo, revela estudo da Fiocruz. 05 jun. 2014. Disponível em <<http://www.agencia.fiocruz.br/brasil-%C3%A9-campe%C3%A3o-em-cesarianas-no-mundo-revela-estudo-da-fiocruz>>. Acesso em: 12 abr. 2015. E Dados do SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE DO REINO UNIDO – NHS. Focus on: caesarean section. Disponível em <http://www.institute.nhs.uk/quality_and_value/high_volume_care/focus_on%3A_caesarean_section.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

¹²⁶ KNOPLEC, Carla. Parir é uma festa. **Revista Veja**. São Paulo, 13 mai. 2014. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/materia/servicos/festa-na-maternidade/>> Acesso em: 09 set. 2015.

¹²⁷ ODENT, Michael. **A cesariana**. Paris: Editora Saint Germain, 2004. p. 64.

¹²⁸ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988, p. 3.

ato de nascimento, substituindo o rito de parir um filho por uma cirurgia abdominal, através do uso de aparatos técnicos.

Patriarchal civilization is the effort to solve one problem of the male gender, namely the fact that men cannot produce human life on their own. They are not the beginning. They cannot produce children, particularly sons, without women. Mothers are the beginning. This was still evident to the old Greeks. Mothers are “arche”, the beginning of human life. Therefore men invented technology for which mothers are not necessary.¹²⁹

Na corrente sócio-econômica da Filosofia Ecofeminista, Shiva e Mies apontam a extrema valorização que as sociedades ocidentais atuais dão para o “conhecimento técnico” em detrimento do “conhecimento nativo”. Aquele seria visto como “expert” ou “especialista”, enquanto que este último seria taxado de “ignorante”.

Shiva, em particular, relata a experiência pessoal que teve quando de sua gravidez: Já em trabalho de parto, deparou-se com um médico que insistia que seu filho nascesse através de cesariana, já que, segundo suas alegações o “nascimento seria difícil”. O médico argumentava que ele possuía o “conhecimento” necessário para chegar a tal conclusão e que “anos de estudo e experiência” o levavam a defender a cirurgia cesárea.

Como mãe, Shiva continua, lhe foi negado ter qualquer tipo de opinião ou “conhecimento” sobre o assunto, já que não detinha o “status” e a “instrução” do referido médico. Recusando-se a seguir os conselhos do médico, a autora conta que abandonou o hospital em que se encontrava e dirigiu-se para outro, onde encontrou acolhimento e atenção. Como se esperava, o nascimento foi tranquilo, realizado através de parto natural, sem intervenções ou traumas.¹³⁰

O enaltecimento do “moderno” e “tecnológico” em contrapartida ao “instintivo” e “natural” são tópicos centrais nos estudos da Filosofia Ecofeminista. Tal análise pode, notoriamente, ser utilizada e aplicada na forma que as sociedades ocidentais vangloriam as cirurgias cesáreas (por serem realizadas por um “expert”) e desacreditam o parto natural (ato fisiológico e advindo do protagonismo feminino).

¹²⁹ “A civilização patriarcal é o esforço de resolver o problema do gênero masculino, precisamente o fato de que homens não podem produzir vida humana sozinhos. Eles não são o começo. Eles não conseguem produzir crianças, particularmente filhos homens, sem mulheres. Mulheres são o começo. Isto era evidente para os Gregos antigos. Mães são o “arco”, o começo da vida humana. Como consequência, os homens inventaram tecnologia, para qual as mulheres não seriam necessárias” (tradução nossa). MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 10.

¹³⁰ Ibid., p. 23-25.

Importa ressaltar também que práticas como cesáreas desnecessárias não são benéficas para mãe e filho e tampouco representam uma atitude com caráter de sustentabilidade.

No último capítulo, será demonstrado, assim, como o parto natural é uma via muito mais ecológica e sustentável que a cirurgia cesárea. Brevemente podemos mencionar que um parto vaginal, sendo um acontecimento meramente fisiológico, irá dispensar a medicalização, a internação, bem como todo o equipamento médico necessário para uma cirurgia cesárea, além de produzir menos resíduos e descartes.¹³¹

A influência das forças do consumo, marketing e publicidade, atingem, como já exposto, a forma de alimentar os filhos (leite materno x leite artificial), além da própria maneira como esses filhos nascem nas atuais sociedades ocidentais (parto natural x cirurgia cesárea). Tais forças possuem ingerência, também, nas formas comportamentais de criação e organização das famílias, determinando, muitas vezes, a separação, dentro da própria casa entre mães e filhos, como será visto a seguir.

3.2.2.3 Cama compartilhada

Antes de nascer, o nascituro estava em um local onde se sentia seguro, com temperatura constante, com ruídos serenos e sendo alimentado pelo cordão umbilical.

O ato do nascimento promove uma ruptura entre o conhecido e o desconhecido, já que o bebê agora está no mundo exterior e seu corpo, seu sistema nervoso e biológico estão tentando se adaptar a esta nova realidade.

A ligação entre estes dois mundos é representada, para o bebê, na figura materna. A mãe, com sua voz familiar, com seu cheiro particular e com o seu peito, através da amamentação, dará ao bebê a segurança de que tanto precisa para enfrentar o novo mundo que pouco antes era para ele ignorado. É esperado, portanto, que o bebê não fique longe de sua mãe em seus primeiros meses e até anos de vida.

A antropologia trata a cama compartilhada, ou o fato de a mãe estar próxima ao bebê durante o sono, como sendo uma necessidade básica e essencial do recém-nascido. São práticas instintivas e ancestrais realizadas há milhares de anos pelos mamíferos. A proximidade entre bebê e mãe seria uma mera questão de sobrevivência do recém-nascido.

¹³¹ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p.89.

No entanto, na maioria das culturas ocidentais não é o que acontece.¹³² Os bebês são separados das mães e colocados, muitas vezes, com horas de vida, em um ambiente distinto e isolado, em uma tentativa de já demonstrar e garantir ao recém-nascido sua própria “independência”. Também se separa o filho da mãe por pensar que a mãe poderá sufocar a criança ou causar a ela danos durante o sono. Ambas as razões (risco de sufocamento e “independência” do bebê) serão analisadas nos próximos tópicos deste estudo.

Importa ressaltar, contudo, que a prática de a mãe dormir próxima ao seu filho retrata o apego aos instintos maternos, ancestrais e naturais da mulher. Uma retomada e uma valorização de condutas e comportamentos nativos e originais.

Em contrapartida, o distanciamento e o afastamento da criança e da mãe, simboliza a aparente necessidade de independência do bebê e a valorização de técnicas “modernas” e “contemporâneas” em detrimento do orgânico e natural. Este enaltecimento ao “moderno” é um dos pontos principais da corrente sócio-econômica de Shiva¹³³, que critica severamente a falsa percepção, existente nas sociedades atuais ocidentais, de que tudo que é “desenvolvido” e “tecnológico” seria melhor que práticas “naturais” e “orgânicas”.

3.2.2.3.1 O suposto risco de sufocamento

A primeira hipótese trazida pela qual a mãe se distancia de seu filho e não dorme próxima a ele se baseia em razões médicas, decorrentes de suposições de que dormir juntamente com os pais, poderiam levar as crianças a morrerem sufocadas.

A grande disseminação dessa ideia, é atribuída a um artigo, de cunho científico, publicado em 23 de setembro de 1999, na revista estadunidense “The Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine” denominado “Hazards Associated with Children Placed in Adult Beds” (Perigos Associados com a Colocação de Crianças nas Camas dos Adultos – tradução

¹³² Não foram encontrados dados oficiais sobre a porcentagem de “co-sleeping” em sociedades ocidentais e não ocidentais. Sabe-se, no entanto, que em sociedades ocidentais a prevalência do “co-sleeping” é bem menor que nas demais, por razões médicas, mas em especial, fundamentalmente culturais. MOSKO, S., McKENNA, J., DICKEL, M. e HUNT, L. **Parent-infant co-sleeping: the appropriate context for the study of infant sleep and implications for sudden infant death syndrome (SIDS) research.** J Behav Med 1993; 16. p. 589. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8126714?access_num=8126714&link_type=MED&dopt=Abstract>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹³³ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism.** Londres: Zed Books, 1993. p. 48.

livre)¹³⁴ e que foi reproduzido por muitos meios de comunicação, bem como pela comunidade médica.

Este estudo revisava as mortes de crianças norte americanas menores de 2 anos entre os anos de 1990 e 1997, tendo encontrado 515 mortes de infantes que dormiam juntamente com os adultos. Dentre essas mortes, 121 teriam ocorrido devido a um adulto ter sufocado, sem intenção, a criança durante período de sono profundo. Outras 394 mortes teriam se dado devido ao “aprisionamento” da criança enquanto estava dormindo, seja por roupas de cama, colchões e até lençóis. O infante não conseguia se libertar e acabava sufocado.

A mencionada pesquisa provocou um grande receio em milhões de pais que tiveram acesso a ela (em especial através de TV's, jornais e revistas, que a vincularam¹³⁵) sendo, ao final reduzida a uma simples conclusão: “não durma com seus filhos”. A partir daí, as razões médicas que eram dadas para não se utilizar cama compartilhada com os filhos, passaram a ser então embasadas através deste estudo científico. Assim, muitos pais que gostariam de compartilhar a cama com seus filhos passaram a deixá-los em berços, separando o bebê da mãe e do resto da família.

Tal estudo foi, no entanto, muito debatido e contestado por pesquisadores e, em especial, antropologistas, que defendiam a cama compartilhada, por inúmeras razões.

É descrito, por exemplo, que o referido estudo não levou em conta as causas do sufocamento das crianças que dormiam na mesma cama que seus pais. Assim, foi verificado posteriormente, de forma a questionar seriamente o resultado da pesquisa, que muitos dos pais que sufocaram as crianças tinham ingerido bebidas alcóolicas ou substâncias tóxicas e até medicamentos, que os deixavam em estado profundo de sono. Muitos deles também dormiam com as crianças em sofás, não havendo espaço suficiente para todos, aumentando o risco de asfixia. Também se reportou a existência de colchões de água que, por serem extremamente macios, não ofereciam a segurança necessária para a criança.¹³⁶

Apesar de extremamente contestada, a afirmação decorrente da referida pesquisa, de que “dormir com crianças era algo extremamente perigoso”, quase que concomitantemente a

¹³⁴ NAHAMURA, Suad; WIND Marilyn e DANIELLO, Mary Ann. **Review of Hazards associated with children placed in adult beds.** Arch Pediatric Med. 1999, p. 153. Disponível em: <<https://www.cpsc.gov/PageFiles/108058/kidbeds.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹³⁵ Exemplos de Jornais da época que vincularam o estudo científico. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=1091&dat=20020527&id=rBJIAAAAIBAJ&sjid=d4UNAAAI BAJ&pg=2934,1283119&hl=pt-BR>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹³⁶ Informações trazidas no artigo de: McKENNA, James, BALL, Helen; GETTLER, Lee. Mother-infant co sleeping, breastfeeding and sudden infant death syndrome: what biological anthropology has discovered about normal infant sleep and pediatric sleep medicine. In: **American Journal of Physical Anthropology.** Yearbook of Physical Anthropology Vol. 50. 2007, p. 142. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.20736/epdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

sua divulgação, ela assumiu uma posição de verdade quase universal, sendo adotada como orientação por inúmeras academias de pediatrias pelo mundo.¹³⁷

Na verdade, para os defensores da prática da cama compartilhada, o controverso estudo deveria, a partir de suas conclusões, não ser usado como forma de proibição de “co sleeping” e sim como maneira de oferecer orientações de como ser exercida a cama compartilhada de forma segura (com espaço suficiente para todos, em colchões de densidade ideais para bebês e crianças e com pais que não estejam sob o efeito de alguma substância que os leve ao sono profundo, por exemplo)¹³⁸.

Não se está, contudo, afirmando, que não há riscos ou até mesmo fatalidades envolvendo crianças que dormem com os pais. No entanto, segundo recentes estudos, é possível encontrar um maior número de crianças que vieram a falecer sozinhas em berços do que dividindo a cama com seus pais. São casos, por exemplo, de ocorrência da chamada Síndrome da Morte Súbita.¹³⁹

A SMLS (Síndrome da Morte Súbita do Lactente) é conceituada como uma morte inesperada, que ocorre em crianças menores de um ano de idade e que não possuem nenhuma causa clínica definidora do óbito. A morte se dá em um local onde está dormindo a criança (berço, cama, etc.) “[...] não existindo previamente nenhum sinal consistente indicando que o bebê está em risco de vida”.¹⁴⁰

A prática do “co sleeping” tem sido, inclusive relatada, como forma de evitar a SMSL. Isso porque pesquisadores sugerem que a maneira como a sociedade ocidental isola o bebê e o faz dormir separado da mãe vai contra seus desenhos biológicos e, por isso, poderia até aumentar o risco de SMSL.¹⁴¹

¹³⁷ Recomendações da Academia Americana de Pediatra, que traz como indicação que não se deve compartilhar a cama com o recém-nascido, bebê ou criança. Disponível em: <<http://www.onondagachildfatalityreview.com/pdf/AAP-guidelines.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹³⁸ Informações sobre “co sleeping” de forma segura, retirados do site do Pediatra Dr. Sears (www.askdrsears.com). Disponível em: <<http://www.askdrsears.com/topics/health-concerns/sleep-problems/faqs-about-sleep-problems/safe-co-sleeping-research>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹³⁹ Pesquisa retratada no artigo: BLAIR, Peter, FLEMING, Peter; SMITH, Iain. Babies sleeping with parents: case-control study factors influencing the risk of sudden infant death syndrome. **Revista BMJ**. 1999, p. 1. Disponível em: <<http://www.bmj.com/content/319/7223/1457.short>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹⁴⁰ NUNES, M.; PINHO, A.; AERTS, D., *et al.* **Síndrome da Morte súbita do lactente: Aspectos clínicos de uma doença subdiagnosticada**. In: **Jornal da Pediatria**, vol. 77, n. 1, 2001. p. 29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v77n1/v77n1a09.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹⁴¹ McKENNA, J. **An anthropological perspective on the sudden infant death syndrome (SIDS): the role of parental breathing cues and speech breathing adaptations**. *Med Anthropol*, 1996. p. 20. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/toc/gmea20/10/1>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

Reiteradas pesquisas¹⁴² mostram que o contato na cama com a mãe, durante o sono, faz com o que o bebê seja sempre estimulado, seja pelo toque, pela temperatura corporal, pela respiração da mãe, pelos ruídos da inspiração e expiração, etc. Todos esses estímulos induziriam o infante a não parar de respirar ou a se movimentar de forma a se defender do colapso respiratório, que é a razão pela qual as crianças com SMSL vêm a óbito.

Em sociedades passadas, em que a cama compartilhada ou a mãe dormindo próximo ao bebê era a regra, a dependência entre mãe e bebê era valorada e não vista como um problema a ser resolvido. Assim, o fato de o bebê acordar diversas vezes por noite também era visto simplesmente como uma espécie de padrão de sono e não como uma espécie de transtorno ou patologia.

A prática de “co sleeping” também auxilia na amamentação do infante, já que a mãe não precisa levantar inúmeras vezes e se dirigir até onde se encontra o bebê para alimentá-lo.

Mencionadas práticas são relatadas em diversos estudos, com preponderante enfoque em antropologia, e demonstram os benefícios da adoção de condutas que existem há milhares de anos entre os mamíferos.¹⁴³

Como trata Shiva¹⁴⁴, no entanto, a valoração do primitivo ou instintivo é deixada de lado, havendo preponderância no enaltecimento de comportamentos decorrentes do “desenvolvimento” e do “tecnicismo”. Separar um bebê da mãe seria, assim, uma forma de independência e de segurança para as sociedades ocidentais modernas.

Se a primeira razão apresentada para que ocorra a separação entre mãe e bebê possui aspecto médico, a **segunda** razão possui enfoque eminentemente cultural.

3.2.2.3.2 *A suposta independência do bebê*

As sociedades ocidentais modernas valoram a independência, a autonomia e a liberdade. A importância que se dá para tais aptidões também é refletida no recém-nascido.

¹⁴² Informações trazidas no artigo de: McKENNA, James; BALL, Helen; GETTLER, Lee. Mother-infant co sleeping, breastfeeding and sudden infant death syndrome: what biological anthropology has discovered about normal infant sleep and pediatric sleep medicine. *In: American Journal of Physical Anthropology. Yearbook of Physical Anthropology Vol. 50. 2007, p. 142.* Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.20736/epdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

¹⁴³ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth.** Londres: Routledge, 2011. p. 259.

¹⁴⁴ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism.** Londres: Zed Books, 1993. p. 48.

É frequente encontrar mães que se orgulham de informar que seus bebês, com poucos dias de vida, “já estão dormindo sozinhos nos seus berços e em seus próprios quartos”, demonstrando que o recém-nascido já seria, de uma certa forma, “auto suficiente”.

Também é reiterada a informação de mães que dizem que os bebês estão dormindo sozinhos porque se quer “reestabelecer a vida conjugal” ou que para que a vida sexual com o parceiro (a) não seja “prejudicada” ou “atrapalhada” com o novo integrante da família, dormindo com o casal.

São questões fundamentalmente culturais, que fazem com que de forma forçada e prematura, a criança fique separada da mãe, sem muitas vezes estar preparada para tanto. Uma vez a criança “independente” e “soberana”, a mãe poderá retornar ao mercado de trabalho, reconquistar o espaço perdido nos meses em que se afastou de sua atividade produtiva e, como consequência voltar ao consumo, beneficiando assim todo o sistema de produção a que pertence. Para McKenna¹⁴⁵:

As we have seen, in the majority of contemporary world cultures mothers and fathers do not appear to expend time nor energy reading about different philosophies underlying their choice for social rather than solitary sleeping arrangements for their infants or debating how to get the baby to fall or stay asleep. In fact, the idea of placing the infant to sleep alone, and expecting it to fall asleep away from the comfort and safety of its mother’s body, is alien for the majority of parents. Yet, in the postindustrial west, “modern, healthy, normal” infant sleep means solitary sleep.

As mães, assim, influenciadas por razões médicas (suposto aumento de mortes causadas por sufocamento) e culturais (necessidade de “independência” tanto da mãe como do recém-nascido) acabam por renegar e ir contra seus ancestrais e naturais instintos: estar com seu filho, protegê-lo, cuidá-lo e alimentá-lo.

O caráter instintivo da maternidade é então relegado, já que, nos tempos modernos, tudo “evoluiu”, tudo “ficou mais fácil”. Como consequência esta mãe não pode e não deve ter

¹⁴⁵ “Como temos visto, na maioria das culturas ocidentais contemporâneas mães e pais não parecem perder tempo ou energia lendo sobre as diferentes filosofias que estariam por trás de suas escolhas sociais em optar por escolher arranjos que deixem o bebê dormir e adormecer de forma solitária. De fato, a ideia de colocar o infante dormindo sozinho e esperar que ele adormeça longe do conforto e segurança do corpo da mãe é regra para a maioria dos pais. Sim, porque no ocidente pós-industrial, uma criança “moderna, saudável e normal” é aquela que dorme solitária.” (tradução nossa). McKENNA, James, BALL, Helen; GETTLER, Lee. Mother-infant co sleeping, breastfeeding and sudden infant death syndrome: what biological anthropology has discovered about normal infant sleep and pediatric sleep medicine. *In: American Journal of Physical Anthropology*. Yearbook of Physical Anthropology Vol. 50. 2007, p. 150. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.20736/epdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

pensamentos anacrônicos, que não condizem com o mundo tecnológico e “avançado” de nossas sociedades, como argumentam Shiva e Mies.¹⁴⁶

São várias as razões pelas quais há a separação entre mãe e bebê. Retratar aqui, apenas duas delas. Ambas ligadas, de uma certa forma, ao enfoque principal deste capítulo, que trata sobre a influência do consumo, da publicidade e das forças de mercado na maternidade.

Importa ressaltar, no entanto, que o consumo aqui não seria o responsável, em um primeiro momento, pela separação entre mães e bebês. Incidiria sim, nas consequências desta separação: o fato de que o bebê, uma vez “independente” da mãe, fará com que essa mesma mãe possa retornar para as suas atividades produtivas o mais rápido possível.

Em um sistema de produção de acumulação, em vigor nas sociedades capitalistas ocidentais modernas, que enfatiza a percepção do lucro, algo tão “simples” e “ínfimo” como a maternidade, não poderia atravancar o caminho da produtividade.

Dentre as várias influências e ingerências que a mulher/mãe recebe da sociedade atual de consumo, na definição de sua identidade materna, uma das mais incisivas, sem dúvida, estaria relacionada aos alimentos que tanto mãe, quanto prole acabam por consumir. Nem sempre os mais saudáveis e, devido ao enfoque do presente trabalho, nem sempre os mais sustentáveis. Tópico este que será nossa próxima matéria de estudo.

3.2.2.4 Maternidade e alimentação

Em uma análise crítica, pode-se dizer que o consumo é o resultado de forças manipulativas de elites capitalistas através do uso de marketing e propaganda.¹⁴⁷ Ainda que se argumente que ninguém irá consumir (caso não se queira consumir) é notória a influência da publicidade nas atitudes comportamentais de consumo nas sociedades ocidentais atuais. Tanto que notoriamente, vastas quantias são gastas em propaganda e marketing, em um claro sinal das consequências e do alcance que tais institutos possuem na conduta dos consumidores.

Necessidades são criadas e bens e serviços que seriam outrora dispensáveis, tornam-se imperativos de aquisição de determinado grupo ou classe social. Através deste entendimento, pode-se então analisar a força do mercado publicitário e consumerista na

¹⁴⁶ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 48.

¹⁴⁷ BEAHM, Janine. **A Mother's Love: A Narrative Analysis of Food Advertisements in an African American Targeted Women's Magazine**. Florida, USA: University of South Florida, 2012. p. 8.

influência do padrão de comportamento das mães, em especial quando relacionados à alimentação de sua prole.

Além de uma análise relacionada às forças de consumo que influenciam na alimentação de mães e seus filhos, como acima comentado, também se fará uma correlação com a teoria Ecofeminista denominada de “sócio-econômica”, que possui uma perspectiva diretamente ligada à agricultura e alimentação.

Em um livro de Ruth Sidel, denominado “Women and Children Last” (Mulheres e Crianças por Último)¹⁴⁸ a autora menciona sobre o conhecido desastre do navio “Titanic”, em que mulheres e crianças foram as primeiras a serem salvas na noite do naufrágio. No entanto, ressalta Sidel, foram salvas as que se encontravam nas primeiras e segundas classes do navio. A maioria das mulheres e crianças que estavam na terceira classe não sobreviveram.

Tal percepção é trazida pela autora ao comparar as sociedades atuais de consumo: tanto quanto o “Titanic”, no mundo contemporâneo, apesar de existirem luxuosas lojas de departamentos, suntuosos restaurantes, etc., quando os desastres ambientais ocorrerem, não haverá “coletes salva-vidas” para todos e, sem dúvida, as primeiras a serem atingidas e a não serem resgatados serão as mulheres e as crianças pertencentes às regiões mais pobres do globo.

Tal analogia pode ser usada especificadamente para este tópico. Nesse sentido, o enfoque de Vandana Shiva na Filosofia Ecofeminista trata, dentre inúmeros aspectos, de como as mulheres são as mais atingidas pela degradação ambiental e, em particular, como a exploração da Natureza atinge as mulheres e suas proles em relação aos alimentos, água e nutrição.¹⁴⁹

Shiva e Mies relatam que, em especial no final do século XX, cada desastre ambiental parece ser um experimento, com crianças como cobaias, mostrando para todo o mundo os efeitos mortais de substâncias tóxicas, que são produzidas e incorporadas diariamente nas rotinas diárias das famílias.¹⁵⁰

Acrescentam que o patriarcado mantém, ou tenta manter, tais fatos em silêncio, mas as mulheres/mães não podem e não devem ignorar tais fatos que ameaçam elas próprias, bem como suas famílias. Isso porque, além das próprias mulheres, as crianças, sem dúvida, são extremamente atingidas pela toxicidade de muitas substâncias e como consequência, são as que adquirem inúmeras doenças relacionadas à periculosidade de tais elementos.

¹⁴⁸ SIDEL, Ruth. **Women and Children Last**. Nova York: Penguin, 1987. p. 24.

¹⁴⁹ MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 5.

¹⁵⁰ Ibid., p. 82.

Shiva e Mies trazem como exemplo o “Love Canal”, a conhecida tragédia ambiental ocorrida nos Estados Unidos.

Em meados dos anos 70 o “Love Canal” foi objeto de atenção mundial, ao ser descoberto que a empresa “Hooker Chemical Company” havia enterrado naquela área, aproximadamente 22.000 toneladas de lixo tóxico. Posteriormente, as terras foram vendidas pela empresa química para a “Niagara Falls City School”, que necessitava de espaços para construção de inúmeros escolas.

Jornalistas locais começaram a divulgar, já no final da década de 70, a ocorrência de defeitos congênitos em inúmeros bebês que nasceram e cujas mães residiam próximas ao canal. Foram encontrados problemas como cabeça, pés e mãos bem maiores que os normais, além de muitos outros problemas como epilepsia, câncer, deficiências mentais, etc. Além disso, se percebeu que praticamente nenhum tipo de vegetação crescia na área afetada pelos dejetos químicos. Também foi descoberto que as substâncias químicas atingiram os bebês através do leite materno das mães que estavam expostas a tais toxinas.

Os relatos sobre a tragédia demonstram que foram as mães residentes no “Love Canal”, as primeiras a se mostrarem irredutíveis com os problemas existentes, bem como as primeiras a demandarem respostas do poder público e das autoridades competentes: “It was the mothers of children threatened by death and disease who first raised the alarm and who kept the issue alive”¹⁵¹

Para Shiva e Mies a marginalização das mulheres e o desmantelamento da biodiversidade andam de mãos dadas. A perda de bens ambientais é o preço pago no modelo patriarcal de progresso que pressiona para o cultivo de monoculturas, uniformidade e homogeneidade, ressaltando sempre, que são as mulheres (e seus filhos) quem sofrem os maiores efeitos relacionados a danos ambientais, em especial ligados à toxicidade de substâncias, como no exemplo do “Love Canal”, bem como no (mau) uso de químicos em alimentos e água.

O trabalho das mulheres que respeitam os princípios ecológicos da Natureza e seus ciclos naturais é visto como improdutivo e insuficiente. Somente a produção em massa possuiria um caráter de sofisticação que poderia alimentar a população mundial.¹⁵²

¹⁵¹ “Foram as mães das crianças ameaçadas pela morte e por doenças quem primeiro se manifestou e quem primeiro manteve o problema vivo”. MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 83.

¹⁵² MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 164.

A agricultura tradicional, com sua infinidade de adaptações culturais e ecológicas, estava perfeitamente inserida nas leis dos sistemas vivos. Ela operava dentro dos grandes e pequenos ciclos da Ecosfera. Os nutrientes eram reciclados, a energia era obtida localmente. Os campos eram adubados com esterco e resíduos orgânicos, ou com adubação verde. A energia dos animais de tração provinha da forragem e do pasto. [...] Um esquema que podia continuar andando para sempre. [...] Só foram desbaratadas pela agroquímica e pela chamada Revolução Verde.¹⁵³

As plantações uniformes (monoculturas), no entanto, acabam por exterminar a diversidade dos sistemas biológicos, bem como os estilos de vida de pessoas que sobrevivem da multiplicidade da floresta e da agricultura, antes existentes.

A agricultura moderna trabalha com ciclos abertos e com recursos não renováveis. Os adubos vêm de minas que se esgotam, como é o caso dos fosfatos. Minas que, frequentemente, estão em outros continentes, obrigando ao transporte por mar de milhões de toneladas de materiais. Ou, como é o caso dos adubos nitrogenados, eles são produzidos com enorme consumo de energia – petróleo, gás natural, carvão natural ou turfa, energia elétrica. Os venenos agrícolas, igualmente, vêm do petróleo ou do carvão, e pressupõem enormes complexos de indústria química.¹⁵⁴

Importa questionarmos então, o porquê de a grande maioria das pessoas, pertencentes às sociedades ocidentais de consumo, mesmo sabendo dos efeitos que produtos químicos (por exemplo, agrotóxicos) têm sobre a Natureza e sobre elas próprias, mesmo assim continuam seguindo passivamente o que lhes é imposto, adquirindo produtos que se sabe são de longe ideais para o consumo de sua família e que, ao mesmo tempo, levam à destruição ambiental.

Mies e Shiva argumentam que em tais sociedades há o predomínio de pessoas que esperam que a ciência e a tecnologia tragam soluções para problemas ambientais derivados, por exemplo, do uso de venenos agrícolas e a prática da monocultura, ao invés de tomarem suas próprias providências e repensarem seus padrões de produção e de consumo.¹⁵⁵

Com a sociedade de consumo aceitando as premissas impostas pelos sistemas de dominação (patriarcado e capitalismo) as indústrias modernas produzem, assim, infinitos produtos com a finalidade de diminuir o tempo gasto entre preparação e utilização. Muitos deles direcionados à mulher/mãe.

Como se espera o retorno da mulher, agora mãe, ao mercado de trabalho, trazendo como consequência, a ausência de tempo para atividades relacionadas à alimentação, a indústria disponibiliza uma infinidade de bens e serviços que servirão para que o alimento dado a sua prole, antes colhido de maneira orgânica e preparado pela própria mãe ou

¹⁵³ LUTZENBERGER, José Antônio. **Crítica Ecológica do Pensamento Econômico**. Porto Alegre, RS: L & PM, 2012. p. 24.

¹⁵⁴ LUTZENBERGER, José Antônio. **Crítica Ecológica do Pensamento Econômico**. Porto Alegre, RS: L & PM, 2012. p. 25.

¹⁵⁵ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 75.

comunidade sem o uso de produtos químicos, agora seja simplesmente comprado na prateleira de um grande supermercado, por exemplo.

Claro que, para que o alimento seja saboroso e possa durar por um longo tempo sem refrigeração em latas ou vidros, faz-se necessário a adição de “algumas” quantidades de corantes, conservantes e outros tantos produtos químicos.

Um claro exemplo é a própria divulgação e publicidade de alimentos industrializados destinados a suprir as necessidades do bebê quando do começo de sua alimentação através de sólidos, que será tratado no tópico seguinte.

3.2.2.4.1 Alimentação Complementar e Consumo

Após os 6 meses de amamentação exclusiva, o bebê pode começar a introdução de alimentos sólidos. Até o primeiro ano de vida, no entanto, o leite materno continua sendo seu principal alimento, com a alimentação sólida atuando de forma complementar.¹⁵⁶

Se a indústria farmacêutica e alimentar se aproveita da fragilidade e vulnerabilidade da recém-nascida mãe, para propagar os “benefícios” do leite artificial, também o faz na divulgação (não menos agressiva) de alimentos feitos para bebês e crianças, com enfoque em praticidade e funcionalidade, para àquela mulher que não possui tempo/desejo/vocação de preparar o alimento de sua prole.

Um dos primeiros alimentos oferecidos ao bebê, na sua introdução alimentar é, por exemplo, a chamada “papinha”.

Preparada com frutas ou vegetais que são posteriormente amassados, a “papinha” é uma das comidas de mais fácil preparo, já que o “trabalho” envolvido em sua preparação consiste simplesmente em amassar a fruta ou o vegetal que foi cozido. No entanto, a indústria alimentar e farmacêutica não poderia deixar de aproveitar o mercado de introdução de alimentos para também vender “praticidade” e, claro, “modernidade” para a mãe.

A empresa Heinz, por exemplo, se utiliza da falácia de que o que tudo que é “moderno é melhor” para divulgar suas papinhas industrializadas. Em sua página na internet, se encontra as informações, por eles disponibilizadas, sobre os proveitos de “papinhas” de frutas como as de banana ou maçã, por exemplo.

¹⁵⁶ Recomendação prevista no Caderno de Atenção Básica do Ministério da Saúde Brasileiro sobre Nutrição Infantil. BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da Criança: Nutrição Infantil. Aleitamento Materno e Alimentação Complementar.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2015

Com as frases: “O mundo mudou. O seu bebê também mudou.” A empresa tenta convencer a mãe consumidora que a comida, por ter sido processada e “atualizada” traz melhores benefícios para a criança que as comidas que eram antigamente preparadas.¹⁵⁷

Figura 6 – Heinz Papinhas – o mundo mudou. Seu bebê também



Fonte: Heinz Papinhas.

¹⁵⁷ Imagens retiradas no site da empresa HEINZ. Disponível em: <<http://www.heinzpapinhas.com.br/?page=manifesto>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

Figura 7 – Heinz Papinhas – uma nova geração de bebês



Fonte: Heinz Papinhas.

A argumentação de que a “nova geração” de bebês e crianças precisa de produtos que sejam tecnologicamente avançados e que trarão benefícios para eles, é utilizada pela indústria publicitária para vender comidas industrializadas impregnadas de aditivos e conservantes, mas mascaradas com o selo da modernidade e praticidade.

A “papinha” de banana, por exemplo, que sem dúvida, é a comida infantil de mais fácil preparo (já que basta esmagar uma banana) é vendida pelas indústrias alimentares em potes de vidro hermeticamente fechados, com o acréscimo de vários ingredientes como: banana, água, açúcar, amido modificado, farinha de arroz, carbonato de cálcio, vitamina C, A, B3, B2 e B1, além de acidulante ácido cítrico.¹⁵⁸

Ou seja, um alimento que já naturalmente é rico em vitaminas e que poderia e deveria ser consumido *in natura* recebe a estampa de “moderno” ao ser processado e acrescido de inúmeros outros ingredientes (dentre eles o açúcar refinado) de modo a persuadir a mulher-mãe de que a “nova geração” de crianças necessita também de “novos alimentos” que teoricamente trariam maiores benefícios para as crianças.

Vandana Shiva trata exatamente sobre a falsa assunção de que o progresso e o desenvolvimento trariam benefícios para todos e que tudo que fosse natural e orgânico seria

¹⁵⁸ Informações nutricionais retiradas do site da Heinz Papinhas. HEINZ PAPHAS. Disponível em: <<http://www.heinzpapinhas.com.br/?page=potinho>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

improdutivo, anacrônico e ultrapassado. Ao contrário, tudo que possuir estampa de “modernidade” seria melhor, mais produtivo e traria mais benefícios para a população mundial.

Por séculos, argumenta Shiva, as sociedades agrícolas operaram de acordo com os limites da Natureza, a fim de assegurar a renovação da vida das plantas, bem como a fertilidade do solo. Contudo, os processos naturais são vistos, nos dias de hoje, em sociedades industrializadas, como ultrapassados e como sendo um obstáculo ao desenvolvimento.

A produção industrial de sementes e fertilizantes foi, assim, considerada um superior substituto de sementes naturais, ainda que, a médio e longo prazo, eles acabem por transformar o solo em fontes não renováveis de vida.

Women, sharing the river as a commons to satisfy the water needs of their families and society are not involved in productive labour: when substituted by the engineering man, water management and water use become productive activities. Natural forests remain unproductive till they are developed into monoculture plantations of commercial species.¹⁵⁹

Da mesma forma que Shiva trata sobre a ilusão de que o desenvolvimento e o progresso trariam benefícios para toda a coletividade, quando na verdade o que acontece é exatamente o contrário¹⁶⁰, também a alimentação inicial dos bebês é mascarada pela indústria alimentar e farmacêutica como sendo “melhor” e “mais completa”, já que inovadora e tecnológica. Lutzenberger compartilha o mesmo pensamento: “Grande parte do que chamamos de modernidade é exatamente a causa da miséria, alienação, desestruturação e fome que hoje se alastram”¹⁶¹

Muitas mulheres-mães não percebem, no entanto, além da desnecessidade de consumir tais alimentos, também os malefícios que eles trazem aos seus filhos.

A começar pelo uso de açúcar refinado na alimentação de bebês que possuem paladar virgem e sem vícios e que já irão receber, como primeiro alimento sólido, uma grande quantidade de açúcar, corantes e conservantes, quando a recomendação do início do uso de açúcar pelo Ministério da Saúde do Brasil, por exemplo, é de 2 anos: “É comprovado que a

¹⁵⁹ “Mulheres, partilhando o rio como um bem comum para satisfazer as necessidades de suas famílias e a sociedade as vê sem estar envolvida em trabalho produtivo: quando substituído pelo homem engenheiro, para gerenciar, o uso da água então se torna uma atividade produtiva. Florestas naturais permaneceriam improdutivas até serem desenvolvidas em plantações de monoculturas de espécies comerciais.” (tradução nossa). SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 3-4.

¹⁶⁰ Assunto já tratado quando da explanação sobre o “mal desenvolvimento” na parte deste trabalho relativo às interações sócio-econômica.

¹⁶¹ LUTZENBERGER, José Antônio. **Crítica Ecológica do Pensamento Econômico**. Porto Alegre, RS: L & PM, 2012. p. 28.

criança nasce com preferência para o sabor doce; no entanto, a adição de açúcar é desnecessária e deve ser evitada nos dois primeiros anos de vida.”¹⁶²

Além disso, a criança ao consumir um alimento derivado de um “pote” tende a não se familiarizar com aquela comida, já que não consegue enxergar qual seria a forma, cor ou até mesmo a textura da “fruta” que se consome através de um pote que foi hermeticamente fechado.

A publicidade e o marketing, contudo, aliados à falácia de que o progresso e o tecnológico são melhores, fazem com que tais alimentos, como as “papinhas” para crianças, sejam vistos como soberanos e superiores à comida orgânica cultivada e preparada, muitas vezes, pela própria família, por exemplo.

Além da disseminação do uso de bens que sejam “modernos” como sendo a melhor escolha para mães-consumidoras, que foi tratada neste tópico, a indústria alimentar também utiliza de outra faceta para vender produtos que seriam facilmente produzidos pelas próprias famílias: o apelo afetivo ligado com a alimentação das crianças.

3.2.2.4.2. Alimentação e Publicidade

A indústria publicitária não se aproveita apenas da vulnerabilidade da mãe recém-nascida, mas também utiliza a ingenuidade das crianças para conseguir vender produtos e, em especial, alimentos, que além de não serem saudáveis, também não são produzidos através de práticas ditas sustentáveis.

É muito frequente, por exemplo, encontrar alimentos que nas embalagens expõem heróis, princesas ou qualquer personagem infantil que possam chamar a atenção da criança.

Tais alimentos dispostos na grande maioria dos supermercados em grandes e abertas prateleiras (bolachas, doces, congelados, por exemplo) chamam a criança para a sua compra e consumo, já que elas são atraídas por seus personagens favoritos que estão estampados em suas próprias embalagens. O ato de comprar e consumir, neste caso seria, assim, definido, não por necessidade, e sim por emoções¹⁶³

¹⁶² BRASIL. Ministério da Saúde. **Dez passos para uma alimentação saudável**. Guia alimentar para crianças menores de 2 anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. p. 18. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/10_passos.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2015.

¹⁶³ LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007. p. 34.

Percebe-se, no entanto, que os produtos “destinados” ao público infantil e que possuem figuras ligadas ao universo da criança, são quase sempre produtos industrializados, com altos teores de aditivos, sódio, açúcar e gorduras saturadas.

Tem-se ciência que a alimentação infantil, baseada em produtos industrializados e processados e, portanto, pobre em nutrientes, é uma das maiores causas de obesidade, diabetes, hipertensão arterial, cardiopatias, problemas ortopédicos e posturais, dentre outros.¹⁶⁴ Mesmo assim, eles continuam a serem comprados e consumidos, entregues a pequenos cidadãos que estão construindo seus próprios hábitos alimentares.

O sabor de tais alimentos são normalmente atrativos, por conterem grandes quantidades de açúcar refinado, o que agrada o paladar infantil. Aproveitando-se deste fato, a indústria publicitária alia a estes produtos, que são de fácil aceitação, inúmeros personagens que fazem parte do imaginário das crianças.

Figura 8 – Produtos destinados ao público infantil utilizando personagens.



Fonte: Google.

A imagem acima demonstra produtos destinados ao público infantil e que estão associados à figuras e personagens.¹⁶⁵

¹⁶⁴ SILVA, Giselia Alves; BALABAN, Geni e MOTTA, Maria Eugênia. **A prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de diferentes condições socioeconômicas.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, volume 5, número 3, Agosto de 2010. p. 53.

¹⁶⁵ Imagem retirada da internet, em que não consta menção ao autor. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=publicidade+infantil+alimentos&biw=1600&bih=775&source=lnms>>

A união do sabor com a fantasia faz com que a criança queira consumir o produto. A mãe, muitas vezes sobrecarregada com maternidade/trabalho/afazeres domésticos acaba por ceder ao pedido da criança, sem muitas vezes saber sobre os ingredientes que nele contém, bem como os prejuízos que podem trazer a sua própria prole. Em outras situações a própria mãe (ou pai) é quem se encarrega de comprar por, muitas vezes, pensar que o produto é de boa qualidade, que o seu filho irá gostar ou que o tempo de preparo será poupado, já que tais produtos, em regra, já vêm pronto para consumo.

Vinculação de propagandas em televisões, revistas, internet, rádios, além da distribuição de brindes, ligando o alimento a um brinquedo, são outras estratégias de marketing utilizadas pela indústria alimentar a fim de convencer crianças e mães a consumirem produtos com valores nutricionais extremamente pobres.

Levando em consideração a alta capacidade de aprendizagem do público infantil, a música é uma ótima estratégia para que a criança memorize a letra e faça associação da melodia com o produto, facilitando o pedido pelo mesmo. Do mesmo modo, a oferta de brindes possui grande potencial de persuasão, uma vez que a criança se sente recebendo alguma bonificação, um prêmio, ao consumir tal produto. Além disto, na maioria das vezes, os brindes são colecionáveis, estimulando um consumo maior e o desejo de inclusão das crianças num perfil socialmente compartilhado, ou seja, se os colegas e amigos possuem aquele produto, as crianças tendem a persuadir ainda mais os pais para adquiri-los.¹⁶⁶

As práticas de consumo de alimentos processados e industrializados, presentes nas sociedades ocidentais modernas, não trazem qualquer benefício para a criança; Pelo contrário, como visto acima, são as principais causas de inúmeros tipos de doenças. No entanto, são tidas como condutas frequentes e, portanto, consideradas naturais em coletividades que não possuem tempo/conhecimento/intenção de questionar o que lhes está sendo vendido.

Além disso, a produção e consumo de alimentos processados não são, de forma alguma, sustentáveis. Necessitam de inúmeros insumos e geram diversos tipos de descarte, que serão analisados, de forma específica, no próximo capítulo.

De qualquer forma, os comportamentos de consumo que as mulheres/mães acabam por sucumbir e que foram aqui apresentados (leite artificial, cirurgia cesárea, alimentos industrializados, etc.) demonstram uma enaltação ao “moderno”, “inovador” e “vanguardista”.

&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwimheTl_Z_KAhXGkZAKHUv4CIwQ_AUIBigB#imgrc=h9FHa-4sRfdqYM%3A>. Acesso em: 10 jan. 2016.

¹⁶⁶ HENRIQUES, Patrícia; SALLY, Enilce e BEILER, Renata. **Regulamentação da propaganda de alimentos infantis como estratégia para a promoção da saúde**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, volume 17, número 2, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Indústrias alimentares e farmacêuticas glorificam as consequências do “desenvolvimento” e engrandecem, através de diversos tipos de marketing, tudo que for derivado de aparatos tecnológicos e tecnicistas.

Mencionada exaltação às práticas “desenvolvidas” nas sociedades ocidentais modernas, pode ser lida através da corrente sócio-econômica de Vandana Shiva¹⁶⁷ que, como já inúmeras vezes mencionadas em nosso trabalho, argumenta que tudo que for instintivo, natural e orgânico (leite materno, parto e alimentação natural, por exemplo) é considerado como sendo “anacrônico”, “ultrapassado” e, acima de tudo, um entrave ao verdadeiro “desenvolvimento.”

No entanto, condutas maternas que atendam a instintos ancestrais não só são mais benéficas para a saúde e crescimento da prole, como também são atitudes que respeitam os ecossistemas sendo, deste modo, comportamentos dito “sustentáveis”.

A relação entre maternidade e atitudes sustentáveis será, assim, analisada no próximo capítulo. Com a leitura de que a sociedade de consumo tenta convencer a mulher/mãe à prática de atitudes mecânicas, que acabam por usar recursos naturais do Planeta em sua fabricação e descarte, será visto que a mãe poderá, sim, ainda que tenha que ir contra aos padrões e condutas que muitos tentam lhe impor, ter atitudes sustentáveis em relação à criação de sua prole.

Serão analisados, assim, no próximo tópico de estudo, definições sobre sustentabilidade relacionando-a com práticas naturais associadas com a maternidade como aleitamento materno, parto natural, etc.

Demonstrar-se-á que os padrões impostos pela sociedade de consumo, que foram tratados neste capítulo, não são favoráveis para o crescimento e desenvolvimento de bebês e crianças. Também será ilustrado que tais práticas, taxadas de “modernas” e “contemporâneas” não são, de forma alguma, sustentáveis.

¹⁶⁷ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 3-4.

4 A MATERNIDADE SUSTENTÁVEL

A sociedade de consumo aliada ao modelo patriarcal pretende convencer homens e, no nosso estudo, em especial, mulheres, que o desenvolvimento através do uso de artefatos modernos e tecnológicos seria a saída encontrada para saciar a fome dos países pobres, terminar com a escassez de água no globo, erradicar ou mitigar a pobreza mundial e, também, para resolver os “problemas” recém-instaurados com a maternidade.

Tentam, assim, convencer a mulher que ela é incompetente no ato de parir. Substitui-se então o ato fisiológico pela cirurgia cesárea, em que a figura do médico é o protagonista, ao invés da mulher.

O ator principal do parto tornou-se o médico, o homem. O produto deste nascimento é o bebê e a mulher é um subproduto secundário. Para o surgimento do modelo obstétrico contemporâneo era fundamental que se criasse a ideia de que as mulheres são essencialmente incompetentes e incapazes para dar conta do processo de nascimento por si mesma.¹⁶⁸

Como consequência desta “inaptidão” da mulher, ela também não irá conseguir amamentar. Remedia-se, então com a introdução do leite artificial e a condenação da mãe que amamenta uma criança em público, expondo o seio feminino, que deveria ser reservado para a sexualização e não para a alimentação da prole.

Também se separa a mãe do recém-nascido, sob a alegação de que a cama ou o quarto compartilhado poderá trazer problemas de saúde e até mesmo morte por sufocamento da criança, além de “atrapalhar” a vida do casal. Alia-se a tanto, o fato de que a mulher precisa voltar ao mercado de trabalho, de forma que o filho que dorme separado e isolado da mãe, já estaria mostrando “sinais de independência”, qualidade extremamente valorada dentro do sistema patriarcal das sociedades ocidentais.

Com o retorno da mãe ao mercado de trabalho, a indústria alimentar entendeu a “necessidade” em serem criados produtos que possam substituir o alimento caseiro, fazendo com que produtos simples como uma “banana esmagada”, por exemplo, possa ser entendido como um indispensável bem de consumo e, como consequência, fabricado, industrializado e vendido para a mulher/mãe.

¹⁶⁸ **O RENASCIMENTO do Parto.** Eduardo Chauvet. Chauvet Filmes e MasterBrasil Filmes em associação com HTRON. 2013. (90 min.).

Cesáreas desnecessárias, leites artificiais, alimentação industrializada, etc., são práticas simplesmente absorvidas por grande parte da sociedade ocidental atual, como sendo comuns, atuais, modernas e, logicamente, “melhores” que as condutas ancestrais e instintivas.

No entanto, tais práticas não só não trazem benefícios para a prole e para a família da mãe-cuidadora/provedora como na verdade prejudicam a saúde e o desenvolvimento físico da família, como será visto a seguir.

Além disso, nenhuma das condutas tidas como “modernas” e, portanto, associadas ao “desenvolvimento” são sustentáveis, se comparadas com os estilos naturais e instintivos de parto natural, amamentação, cama compartilhada, alimentação caseira, etc.

Será visto, neste capítulo, assim, que os hábitos da sociedade ocidental de consumo, relacionadas à maternidade, além de não trazerem benefícios para a prole, também não são, de forma alguma sustentáveis. Uma amostra de que o “desenvolvimento” é, como trazido por Vandana Shiva, apenas um “mal desenvolvimento”.¹⁶⁹

4.1 SUSTENTABILIDADE: DEFINIÇÕES E CONCEITOS.

A palavra “sustentabilidade” tem um próximo significado com “manutenção” e “continuidade”.¹⁷⁰ Associando-se ao meio ambiente natural, pode-se deduzir que através da sustentabilidade se busca a preservação e a conservação de bens naturais do Planeta.

No entanto, como se poderia aliar o crescimento e a evolução da sociedade mundial, que necessitaria utilizar recursos naturais para seu desenvolvimento, com proteção e salvaguarda da Natureza e de seus bens ambientais?

No ano de 1987, através do informe denominado “Our Common Future”, sob a direção da senhora Brundtland, é divulgado, pela primeira vez, o termo “desenvolvimento sustentável”.¹⁷¹

De acordo com o conhecido Relatório, desenvolvimento sustentável seria aquele que precisaria satisfazer as necessidades das pessoas presentes, sem comprometer a habilidade das futuras gerações em conseguir o mesmo.

Seria a maneira encontrada de se manter o desenvolvimento das nações em conjunção com a “proteção” ambiental. Esses dois fatores, antes considerados antagônicos

¹⁶⁹ SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988. p. 4.

¹⁷⁰ HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio Online**. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/sustentavel>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

¹⁷¹ OXFORD UNIVERSITY. World Commission on Environment and Development. **Our Common Future**. Oxford: Oxford University Press, 1987. p. 43.

(crescimento x preservação) passaram, através do uso e dos conceitos do “desenvolvimento sustentável”, a ser usados de forma aliada e conjunta.

Foi assim, assimilada a ideia, já de há muito debatida e trazida por cientistas, pesquisadores, ativistas ambientais, etc., acerca dos limites físicos dos recursos naturais do Planeta, bem como a sua finitude e escassez, além de constituir a noção de “justiça distributiva entre gerações”.¹⁷²

Para autores como Almino¹⁷³, o surgimento da possibilidade de se alcançar sustentabilidade agregada ao crescimento das civilizações teria suas vantagens.

Aparentemente o conceito de desenvolvimento sustentável resolve a oposição entre desenvolvimento e meio ambiente, que passariam a ser uma só coisa. [...] Apesar das dificuldades técnicas e políticas da aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável, ele tem, contudo, entre outros, o mérito de apontar erros cometidos no passado quanto às formas de encarar o progresso, o crescimento e o desenvolvimento econômico.

Já para Foladori¹⁷⁴, o que “Our Common Future” demonstrou, juntamente com o conceito e uso da expressão “desenvolvimento sustentável”, foi a impossibilidade de se separar o regime capitalista de produção das questões ambientais e sociais. Acrescenta que a sustentabilidade somente será utilizada se a indústria tiver algum benefício comercial e financeiro. Para o mencionado autor há notória: “incompatibilidade entre o critério capitalista de eficiência e qualquer desenvolvimento sustentável medianamente humano.”¹⁷⁵

Também para Leff¹⁷⁶ o desenvolvimento sustentável é utilizado de forma a mascarar a continuidade do crescimento econômico das sociedades capitalistas. O “sustentável” somente será adaptado e aceito, desde que não perturbe as leis de mercado outrora estabelecidas.

La naturaleza está siendo incorporada al capital mediante una doble operación: por una parte se busca internalizar los costos ambientales del progreso asignando valores económicos a la naturaleza; junto con ello se instrumenta una operación simbólica, un “cálculo de significación” que recodifica al hombre, a la cultura y a la naturaleza como formas aparentes de una misma esencia: el capital.

¹⁷² DERANI, Cristiane. **Direito Ambiental Econômico**. Texas: M. Limonad, 1997. p. 268.

¹⁷³ ALMINO, João. **Naturezas Mortas**. A Filosofia Política do Ecologismo. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1993. p. 69-70.

¹⁷⁴ FOLADORI, Guillermo. **Limites do Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 118.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 122.

¹⁷⁶ “A Natureza está sendo incorporada no capital mediante uma dupla operação: em primeiro lugar visa internalizar os custos ambientais do progresso econômico através da atribuição de valores à Natureza; junto com isso, se instrumenta uma operação simbólica, um “cálculo de significância” que recodifica o homem, a cultura e a Natureza como formas aparentes de uma mesma essência: o capital” (tradução nossa). LEFF, Enrique. **Racionalidad Ambiental**. La reapropiación de la naturaleza. Cidade do México: Siglo XXI editores, 2004. p. 103.

Leff também chama sustentabilidade de “discurso da sustentabilidade”, que levaria o homem a lutar por um crescimento sustentável sem uma “justificação expressa do sistema econômico de internalizar as condições ecológicas e sociais de sustentabilidade, equidade, justiça e democracia deste processo.” Amplia, dizendo que a sustentabilidade ecológica se constitui em uma condição da própria sustentabilidade do atual processo econômico mundial.¹⁷⁷

Leff, assim como Foladori, conecta o desenvolvimento sustentável como sendo um requisito para o desenvolvimento econômico das nações, e não a sustentabilidade como sendo uma condição para a própria sobrevivência humana no Planeta.

Ignacy Sachs¹⁷⁸ expande a definição de sustentabilidade, ao elencar 8 “dimensões da sustentabilidade”. Em seu livro “Caminhos para o desenvolvimento sustentável” o autor faz referência a cada uma delas: 1) dimensão social: a sustentabilidade estaria relacionada com a necessidade de distribuição de renda e qualidade de vida digna para as populações; 2) dimensão cultural: se refere ao equilíbrio entre o respeito à tradição, bem como com a aceitação da inovação; 3) ecológica: conservação de produtos renováveis e seu uso de forma racional, além da limitação do uso de recursos não renováveis; 4) ambiental: necessidade de ser respeitado os ciclos de renovação dos ecossistemas; 5) econômica: crescimento econômico equilibrado, com ênfase na segurança alimentar; 6) política nacional: direitos humanos respeitados dentro de um sistema democrático; 7) política internacional: prevenção de guerras e compartilhamento de responsabilidades na gestão do meio ambiente mundial.

O pensamento de Sachs não engloba apenas a visão ecológica da sustentabilidade, já que não enfatiza somente o manejo de recursos naturais do Planeta. Vai mais além, colocando a sustentabilidade como uma verdadeira premissa para que haja uma mudança no modelo das civilizações atuais, não somente em nível ambiental, mas também social, econômico, cultural e político.

Como já mencionado no presente trabalho, é de fundamental importância, que se entenda a sustentabilidade, ou a sua ausência/mitigação, sob o ponto de vista feminino, ou ainda, sob a ótica Ecofeminista. Isso porque, são mulheres, meninas e crianças as pessoas mais afetadas por atitudes não ecológicas e não sustentáveis, que levam, por exemplo, a insegurança alimentar, escassez de água potável, inundações, catástrofes naturais, etc.

¹⁷⁷ LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3.ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 21.

¹⁷⁸ SACHS, Ignacio. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. p. 85-89.

A Organização das Nações Unidas publicou um importante Informe no ano de 2014 sobre desigualdade de gênero e desenvolvimento sustentável, denominado: “Pesquisa Mundial sobre o papel das mulheres no desenvolvimento: Igualdade de gênero e desenvolvimento sustentável”.¹⁷⁹ (tradução nossa).

O referido relatório coloca as mulheres como protagonistas no cenário de mudanças ambientais, a fim de que se possa aumentar as atitudes ditas sustentáveis e, como consequência, potencializar a conservação e a preservação dos recursos naturais do globo, além de melhorar a qualidade de vida das próprias mulheres e de suas proles, contribuindo, assim, para igualdade de gênero.

Finally, women’s knowledge, agency and collective action has huge potential to improve resource productivity, enhance ecosystem conservation and sustainable use of natural resources, and to create more sustainable, low-carbon food, energy, water and health systems. Failure to capitalize on this would be a missed opportunity. Women should not be viewed as victims, but as central actors in moving towards sustainability.¹⁸⁰

As mulheres, portanto, com condutas que envolvam respeito aos ecossistemas e a sua natural regeneração, além de utilizarem o seu conhecimento instintivo e natural no cuidado com os recursos naturais, assumiriam uma posição central para que se possa alcançar medidas e práticas que sejam sustentáveis e que, como consequência, tragam benefícios tanto para elas, quanto para suas famílias.

A mencionada pesquisa das Nações Unidas, extremamente recente, demonstra a importância de práticas orgânicas e locais, em detrimento de condutas globais e tecnológicas, como já, de há muito, foi e é defendido por Vandana Shiva.¹⁸¹

Após breves comentários das interpretações de alguns relevantes autores, sobre sustentabilidade, e também após sucintas informações sobre a conexão entre sustentabilidade e mulheres, em especial, através do Ecofeminismo de Vandana Shiva e do referido relatório

¹⁷⁹ UNITED NATIONS. **Gender equality and sustainable development**. World Survey on the role of women in development 2014. Disponível em: <http://www.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2014/unwomen_surveyreport_advance_16oct.pdf>. Acesso em 09/01/2016.

¹⁸⁰ “Finalmente, o conhecimento das mulheres, agências e ações coletivas têm um imenso potencial para melhorar a produção de recursos, aumentar a conservação dos ecossistemas e do uso sustentável dos recursos naturais, e também criar outros mais sustentáveis como alimentos com baixo uso de carbono, de energia, de água e de sistemas de saúde. Falhar em capitalizar tudo isso seria perder uma oportunidade. Mulheres não devem ser vistas como vítimas, mas como atores centrais para que se possa caminhar para a sustentabilidade.” UNITED NATIONS. **Gender equality and sustainable development**. World Survey on the role of women in development 2014. p. 7. Disponível em: <http://www.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2014/unwomen_surveyreport_advance_16oct.pdf>. Acesso em 09 jan. 2016.

¹⁸¹ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 72.

das Nações Unidas, parte-se agora para a análise de algumas condutas e práticas ditas “sustentáveis” e que possuem relação com a maternidade.

Espera-se, assim, ao final deste capítulo, estabelecer a clara ligação entre as forças de consumo, que tendem a desviar a mulher/mãe de atitudes sustentáveis, com valoração de práticas simples e orgânicas (e portanto sustentáveis) de forma a se atingir uma das premissas defendidas pela Filosofia Ecofeminista: através da valoração e respeito da mulher e da Natureza, se poderá assegurar a continuação da vida das espécies no Planeta, além de colaborar para a mitigação/extinção da enorme desigualdade de gênero existente na civilização atual.

4.2 SUSTENTABILIDADE E ALEITAMENTO MATERNO

A cada dia cientistas e pesquisadores descobrem novos e incontáveis benefícios do aleitamento materno tanto para a mãe quanto para sua prole.

Um exemplo de tais vantagens pode ser verificado em recente pesquisa publicada na revista “The Lancet Global Health”, considerada um dos periódicos científicos mais importantes do mundo, no mês de Abril de 2015.

Com o título: “Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from Brazil” (Associação entre amamentação e inteligência, obtenção de educação e renda aos 30 anos de idade: um prospectivo estudo de nascimento no Brasil) – (tradução nossa) – a pesquisa analisa dados de quase 3500 pessoas que foram amamentadas (ou não) na sua infância e, por quanto tempo. Estas mesmas pessoas foram acompanhadas ao longo de seu crescimento, até a idade de 30 anos.

Foi verificado então que o aleitamento prolongado, bem como o predomínio da amamentação (leite materno como principal fonte de nutrição até o primeiro ano de vida) é positivamente associado com alto índices de QI e aquisição de altos graus de educação escolar. Pela pesquisa, foram encontradas evidências que os participantes que foram amamentados por 12 meses ou mais tiveram pontuações de QI mais altos, mais anos de educação e maiores salários em suas profissões do que aqueles que foram amamentados por menos de um mês.¹⁸²

¹⁸² Pesquisa realizada ao longo de 30 anos com mais de 3.500 crianças. VICTORA, Cesar; HORTA, Bernardo e QUEVEDO, Luciana. Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and

As recentes descobertas sobre a ligação de QI e amamentação prolongada chegam para corroborar inúmeros outros estudos que comprovam os benefícios incomparáveis e insubstituíveis do leite materno em comparação com leite de vaca ou fórmulas infantis.

Também são cientificamente comprovados, por exemplo, as vantagens do aleitamento materno em diminuir consideravelmente a mortalidade infantil decorrente de doenças infecciosas.¹⁸³ Ou ainda os benefícios que a amamentação traz para uma vida inteira, como redução de índices de colesterol, pressão arterial, diminuição de taxas de diabetes e obesidade em adultos.¹⁸⁴

A medicina baseada em evidências também demonstra, através de pesquisas, que o leite materno possui papel fundamental na prevenção de doenças gastrointestinais e respiratórias de bebês e crianças, sendo o melhor e mais eficiente meio de atender os aspectos nutricionais, emocionais e imunológicos do lactente.

Além da composição adequada de nutrientes, o leite materno possui outros componentes que atuam na defesa do organismo do lactente, como imunoglobulinas, fatores anti-inflamatórios e imunoestimuladores. Seus mecanismos incluem atividade específica contra agentes infecciosos, crescimento celular da mucosa intestinal aumentando a resistência às infecções, entre outros. Há relatos de aproximadamente 250 elementos de proteção no leite humano, além de fatores de crescimento do trato gastrointestinal. A lactação diminui a incidência e/ou a gravidade de diarreia, botulismo, enterocolite necrotizante, alergias, doenças infecciosas e respiratórias, entre outras doenças incluindo as autoimunes, como também estimula o desenvolvimento adequado do sistema imunológico do bebê.¹⁸⁵

Qualquer outra espécie de leite, que não o materno, ao invés de trazer proteção ao bebê ou criança, vem por aumentar os riscos de desenvolvimento de doenças e alergias, além de não fornecer ao lactente os organismos vivos presentes no aleitamento como hormônios, vitaminas e anti-corpos.

income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from Brazil. **Revista “The Lancet Global Health”**, vol. 3, n. 4, abr. 2015. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(15\)70002-1/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(15)70002-1/fulltext)>. Acesso em 09 jan. 16.

¹⁸³V Organização Mundial da Saúde. Effect of breastfeeding on infant and child mortality due to infectious diseases in less developed countries: a pooled analysis. (Efeitos da amamentação sobre a infância e na mortalidade infantil devido às doenças infecciosas em países menos desenvolvidos: uma análise conjunta” (tradução nossa). **“The Lancet”**, vol. 355, n. 9202, fev. 2000. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(00\)82011-5/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(00)82011-5/fulltext)>. Acesso em: 09 jan. 2016.

¹⁸⁴HORTA, Bernardo e VICTORA, Cesar. **Long-term effects of breastfeeding: a systematic review**. World Health Organization, Geneva; 2013. Disponível em: <http://biblio.szoptatasert.hu/sites/default/files/Long-term_effects_of_breastfeeding_WHO2013.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016.

¹⁸⁵PASSANHA, Adriana; CERVATO-MANCUSO, Ana e SILVA, Maria. Elementos protetores do leite materno na prevenção de doenças gastrointestinais e respiratórias. **Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum.**, vol. n. 2, 2010, p. 351-360. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/viewFile/19972/22057/>>. Acesso em: 09 jan. 2016.

Apesar de indiscutível a supremacia do aleitamento materno sobre qualquer outro tipo de alimento, tanto nos meses iniciais de vida da criança, como também nos posteriores, a frequência e a duração do aleitamento materno vêm diminuindo gradativamente. Estima-se que, no Brasil, por exemplo, apenas 35% dos lactentes, com menos de 4 meses de idade, sejam amamentados de forma exclusiva.¹⁸⁶

No capítulo anterior foram discutidas algumas causas pelas quais se entende que a amamentação é interrompida precocemente no Brasil. Dentre elas, ressaltamos a sexualização do seio materno, bem como a introdução do leite artificial. Ambas seriam práticas e comportamentos aceitos nas sociedades ocidentais atuais e que são repassados para as recém-nascidas mães como condutas a serem seguidas. Além disso, as forças do mercado e de consumo, impulsionam a substituição do leite materno pelo leite artificial, como anteriormente já visto.

No entanto, a substituição do leite materno por leite industrializado, além de não trazer benefícios para a mãe e para a criança, não é uma prática, de forma alguma, dita “sustentável”.

Pode-se começar tal análise em termos da necessidade de se produzir leite de vaca para que se possa fabricar fórmulas infantis. O custo ambiental de tal produção é enorme: a) criação de formas de monocultura agrícola para que se possa alimentar os animais que irão produzir leite; b) para a produção de tais alimentos são utilizados fertilizantes e agrotóxicos, que são ingeridos pelos animais e automaticamente repassados ao leite que é extraído; c) estes animais, que vivem em sua maioria, em condições de exploração, cuja única função em vida, é produção de leite, são acometidos com frequência com doenças como mastites, o que faz com que sejam usados antibióticos por longos períodos de tempo e que são repassados no leite que é produzido; d) os bovinos são notoriamente grandes emissores de gases, em especial, o gás metano, que sabidamente contribui para o aquecimento global; e) extenso uso e consumo de água para a manutenção da criação de bovinos destinados à produção leiteira.

Além disso, para a fabricação de fórmulas infantis é necessário uso de alguma fonte de energia, sendo esta, quase sempre a derivada de combustíveis fósseis.

Outros elementos são também adicionados ao leite artificial, como vitaminas e minerais, que são encontrados no leite materno, mas não no leite em pó. Tais elementos

¹⁸⁶ SILVA, Isília. Enfermagem e aleitamento materno: combinando práticas seculares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, vol. 34, n. 4, dez. 2000. p. 362-9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a07>>. Acesso em: 09 jan. 2016.

também precisam ser produzidos e fabricados, muitas vezes, por outras indústrias, aumentando, assim, o custo ambiental de produção.

E então começa-se a distribuição do produto. É difícil encontrar algum lugar, não importa o quão isolado seja, em que não se possa comprar fórmula infantil. De alguma forma, ela chega às prateleiras de farmácias, grandes ou pequenos mercados em incontáveis lugares do mundo.

Em muitos países, a fórmula não é produzida localmente, necessitando de transporte através de trens, aviões, caminhões ou barcos. Todos os meios de transporte que utilizam combustíveis fósseis.

Acrescenta-se a isso, o fato de que para a sua fabricação é necessário o acondicionamento em embalagens específicas para fórmula infantil, como papéis e metais, que serão descartados após o uso. Além, claro, das enormes quantidades de papel que são utilizadas para a propaganda comercial do leite artificial.

Palmer¹⁸⁷ contempla uma lista de descarte associado com a produção de fórmula infantil. Por exemplo: as latas fabricadas para acondicionar o leite artificial para suprir 1 milhão de bebês por ano usam, aproximadamente, 23.706 toneladas de metais, além de 341 toneladas de papel.

Aliado aos custos do leite artificial está o dispêndio com a fabricação de mamadeiras que, frequentemente acompanham o aleitamento por fórmula infantil.¹⁸⁸

Os custos ambientais são, assim, enormes. É necessário um enorme aparato de produção, fabricação, distribuição e marketing com o consumo de inúmeros recursos naturais para que se possa alimentar um bebê e uma criança que, na sua maioria das vezes, poderia ser simplesmente amamentado com leite materno.

Amamentar, pelo contrário, não deixa nenhum tipo de pegada ecológica, os chamados “footprints”.

Normalmente é “transportado” direta e seguramente do peito da mãe com afeto e amor para o menor e mais vulnerável de todos os consumidores.

Nenhum outro animal, equipamento, trabalhadores, indústrias, transportadores ou vendedores são envolvidos neste evento íntimo, o que traz, como consequência, a mínima chance de contaminação e, logicamente, o menor uso de recursos naturais do Planeta: “A woman can produce hundreds of litres of the superfluid breastmilk for a zero carbon

¹⁸⁷ PALMER, Gabrielle. **The Politics of Breastfeeding**: When breasts are bad for business. Londres: Printer & Martin, 2009. p. 214.

¹⁸⁸ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p.212-216.

footprint”.¹⁸⁹ (uma mulher pode produzir centenas de litros do superlíquido leite materno com uma pegada zero de carbono – tradução nossa).

Pode-se mencionar também que a amamentação é um dos mais importantes métodos de espaçamento de gravidez, ao menos para sociedades consideradas fora do “mundo desenvolvido”.

Se as recomendações forem seguidas (6 meses de aleitamento exclusivo e ao menos 2 anos de aleitamento prolongado, juntamente com outros alimentos) as mulheres teriam uma distância de idade entre seus filhos relativamente grande. Como consequência, teríamos a diminuição dos índices de crescimento da população no mundo, não somente pela distância entre os nascimentos, mas também pelo aumento dos índices de sobrevivência entre os bebês. O resultado seria menos crianças necessitando de recursos naturais e não mais, já que havendo uma maior percentagem de crianças sobreviventes, o desejo por mais filhos para auxiliar os pais iria diminuir.¹⁹⁰

A mãe que amamenta está em consonância com seus instintos ancestrais e, ao fazer isso, muitas vezes sem perceber, está praticando atitudes que não deixam “footprints”, condutas denominadas “sustentáveis.”

Práticas naturais e instintivas como o aleitamento materno demonstram, assim, não só serem mais sustentáveis, mas também como sendo hábitos melhores e mais benéficos para a saúde e o crescimento dos filhos. Assunção que Vandana Shiva, como representante da corrente sócio-econômica do Ecofeminismo reitera inúmeras vezes.¹⁹¹

Assim como o aleitamento materno é incomparável em benefícios e em sustentabilidade ao leite artificial, também o nascimento através de parto natural é incalculavelmente melhor que um parto realizado através de uma cirurgia abdominal. Assunto que será tratado no próximo tópico.

¹⁸⁹ PALMER, Gabrielle. **The Politics of Breastfeeding**: When breasts are bad for business. Londres: Printer & Martin, 2009. p. 346.

¹⁹⁰ GINNEKEN, Jeroen. **Prolonged Breastfeeding as a Birth Spacing Method** in *Studies in Family Planning*. Vol. 5, n. 6, 1974. p. 201-206. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1965371?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 10 jan. 2016.

¹⁹¹ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 72.

4.3 O NASCIMENTO SUSTENTÁVEL

A forma como se nasce importa para todos. Afinal, todos nascemos. Muitos terão filhos que, como consequência também terão filhos que irão nascer, em uma relação perpétua e infinita de nascimentos e continuação das espécies.

No entanto, apesar dos milhões de anos de evolução da humanidade, a maneira como se nasce em nada mudou. Ou não deveria ter mudado. A Natureza predispôs a mulher a parir e o corpo feminino a saber como deve ser feito.

O aumento de intervenções medicamentosas, hospitalares e o crescimento de cirurgias cesáreas desnecessárias introduziram uma nova maneira de se ter filhos, em que o nascimento, ao invés de ser algo natural ou instintivo passou a ser definido como um evento médico.

Várias são as razões pelas quais a sociedade ocidental moderna, em especial no Brasil, se vê rodeada por um fenômeno que coloca a mulher como incapaz e incompetente para o próprio ato de parir.

No capítulo anterior, enfatizamos o consumo como uma das causas do aumento de intervenções cirúrgicas desnecessárias na cerimônia de nascimento. Ressaltamos, também, que, apesar de o grande aumento de cesarianas refletir, muitas vezes, uma escolha da própria mãe, esse ato não é imune a inúmeras consequências prejudiciais tanto para a mãe quanto para a prole.

Diversos e numerosos estudos comprovam os benefícios para a saúde de uma vida inteira de um bebê que nasce de parto natural ao invés de uma cirurgia cesariana.

Por exemplo: Em 2014 foi publicado o resultado de uma enorme pesquisa, feita na Dinamarca, que examinou a correlação existente entre cesáreas e doenças imunológicas em mais de 2 milhões de crianças, nascidas entre os anos de 1973 e 2012.

Foi constatado que os bebês que nasceram por cirurgias cesáreas têm um risco muito maior de desenvolver doenças como alergias, asma, leucemia, diabetes tipo 1, etc., ao longo de suas vidas. A pesquisa verificou que o risco de desenvolver asma é 20% maior do que se o bebê nascesse por via vaginal. Também demonstrou que há, aproximadamente, 40% mais chances de desenvolvimento de doenças autoimunes e 10% de aumento no risco de apresentar artrite reumatoide ao longo da vida adulta.

Além disso, o estudo também atesta que as crianças nascidas pela via cirúrgica, ficam doentes e são hospitalizadas com mais frequência do que as que tiveram parto via vaginal.¹⁹²

Além da mencionada pesquisa, diversos são os estudos que demonstram os benefícios do parto natural em detrimento às cirurgias cesarianas.¹⁹³¹⁹⁴¹⁹⁵¹⁹⁶. É possível perceber que quando a cesariana ultrapassa índices entre 10 e 20% (percentagens de reais recomendações para a cirurgia), é maior a possibilidade de a parturiente morrer durante o parto, apresentar graves hemorragias ou adquirir infecções derivadas do procedimento. A criança também possui o risco de nascer antes da hora necessitando, assim, de cuidados intensivos.

Uma das manifestações mais visíveis em crianças nascidas de cirurgia cesárea, quando comparados com crianças nascidas de parto vaginal, diz respeito a problemas respiratórios. No parto normal, quando o bebê está passando pelo canal vaginal, seu tórax é comprimido, o que estimula a saída do líquido amniótico de seus pulmões. Essa “massagem” mostra-se essencial, já que, aproximadamente 12% dos bebês nascidos de cesáreas irão para UTI neo natal devido a desconforto respiratório. Já nos partos vaginais, esse índice cai para 3%.¹⁹⁷

A depressão pós-parto também tem índices bem menores em mulheres que pariram se comparadas com as que tiveram cesarianas. Isso porque uma das funções do trabalho de parto é preparar também a mãe para o recebimento do filho. O hormônio chamado “oxitocina”

¹⁹² SEVELSTED, Astrid; STOKHOLD, Jakob e BENNELYKKE, Klaus. **Cesarean section and Chronic Immune Disorders**. American Academy of Pediatrics, novembro, 2014. Disponível em: <<http://pediatrics.aappublications.org/content/early/2014/11/25/peds.2014-0596..info>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

¹⁹³ DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira . Processo de decisão pelo tipo de parto no Brasil: da preferência inicial das mulheres à via de parto final. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 30, supl. 1, p. S101-S116, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2015.

¹⁹⁴ DOWNE, Soo. Reduzindo intervenções de rotina durante o trabalho de parto e parto: primeiro, não causar dano. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 30, supl. 1, p. S37-S39, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2015.

¹⁹⁵ CHAVES, Ricardo Lêdo. O nascimento como experiência radical de mudança. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 30, supl. 1, p. S14-S16, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2014001300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2015.

¹⁹⁶ CECATTI, José Guilherme. Crenças e credences sobre as atuais intervenções durante o trabalho de parto e parto no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 30, supl. 1, p. S33-S35, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 18 abr. 2015.

¹⁹⁷ Percentuais extraídos do Inquérito sobre parto e nascimento concluído em 2014 pelas Fundação Oswaldo Cruz: AGÊNCIA FIOCRUZ. Disponível em: <<http://www.agencia.fiocruz.br/brasil-%C3%A9-campe%C3%A3o-em-cesarianas-no-mundo-revela-estudo-da-fiocruz>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

altera funções neurológicas maternas, criando o vínculo e uma empatia maior entre mãe e filho. Essa conclusão foi alcançada através de um estudo publicado no *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*¹⁹⁸.

Na pesquisa, conduzida através do resultado de ressonâncias magnéticas nos cérebros de mães que tiveram seus filhos por parto vaginal e por cesárea, foi possível perceber que as mães que tiveram filhos por parto vaginal, ao ouvir o choro de seus filhos, tinham respostas cerebrais muito mais rápidas e fortes, ao contrário das mães que realizaram cesáreas. Essa forte conexão entre mãe e filho é atribuída a liberação da oxitocina durante o trabalho de parto, o que não ocorre, como regra, em cirurgias cesáreas.

A medicina baseada em evidências demonstra que simplesmente todos os indicadores de saúde da mulher e da criança pioram quando o nascimento se dá através de cirurgias cesáreas em contrapartida ao parto natural.

Além disso, o nascimento através de cirurgias cesáreas, que utiliza métodos medicamentosos e intervencionistas é extremamente dispendioso, além de não ser, de maneira alguma, “sustentável”.

São utilizadas, por exemplo, para a prática de uma cirurgia cesárea, numerosos aparatos médicos que necessitam de produção e posterior descarte. Por exemplo: o procedimento precisa ser feito em um hospital e a internação da mulher necessita perdurar por mais tempo que o parto vaginal. Anestésias são aplicadas, bem como inúmeros instrumentos descartáveis são utilizados, além de haver a utilização de diversos tipos de medicamentos durante a cirurgia e também após a sua realização.¹⁹⁹

O parto natural com o mínimo de intervenções seria, sem dúvida, a forma mais ecológica de nascer, já que encoraja o uso de posições que favorecem o trabalho de parto, inclusive “de cócoras”, em contrapartida ao uso de camas hospitalares que são extremamente onerosas e que, em sua fabricação, produzem diversos tipos de poluentes.²⁰⁰

Além disso, o parto “normal”, sem ingerências desnecessárias, acredita no empoderamento feminino e utiliza instrumentos como palavras encorajadoras e massagens para aliviar as dores do parto ao invés de medicações farmacêuticas.

¹⁹⁸ SWAIN, J. E.; TASGIN, E.; MAYES, L. C.; FELDMAN, R., TODD CONSTABLE, R. e LECKMAN, J. F. Maternal brain response to own baby-cry is affected by cesarean section delivery. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, vol. 49, p. 1042–1052. DOI: 10.1111/j.1469-7610.2008.01963. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1469-7610.2008.01963.x/abstract>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

¹⁹⁹ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p.241.

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 92.

Por outro lado, o parto natural também favorece a “descida do leite” para a amamentação do bebê, se comparado a cirurgia cesárea, que é, sem dúvida, uma das maneiras mais sustentáveis de alimentar o recém-nascido, como já tratado no tópico anterior deste trabalho.

Com bebês amamentados se tornando adultos mais saudáveis, serão necessárias menos medicalizações e internações ao longo de suas vidas, o que também influencia no alcance de um “lifestyle” (estilo de vida) mais sustentável.

A diminuição de intervenções desnecessárias nas práticas de nascimento no mundo, permitiria que menos recursos naturais e menos tecnologia e “expertise” fossem utilizados onde não fossem necessários. Como consequência, tais aparatos e condutas intervencionistas poderiam ser usados em lugares do globo e para grupos de mulheres que realmente precisam da utilização de intervenções e de aparato tecnológico para o ato de nascimento.²⁰¹

In terms of ecological sustainability, technologically intensive approaches to birth are no longer sustainable for entire populations. Protecting and enhancing knowledge and practices to support natural physiological birth processes has become a pressing necessity. There are, in addition, issues of equitable development of resources: though complex, in the main, there is a need to reduce the level of technological interventions in the wealthier nations and to make necessary interventions more available where needed in poorer nations.

Importa ressaltar contudo, que tanto a cesariana agendada ou a necessária traduzem, ao final, o mesmo tipo de resíduo e descarte. No entanto, na cirurgia cesariana necessária, é sabido que as práticas que estão sendo realizadas através de várias intervenções médicas são, quase sempre, indispensáveis para salvar a vida da mãe e/ou do feto. Por essa razão, elas ocorrem ou deveriam ocorrer em não mais do que 15% dos partos no mundo.²⁰²

Tal fato não ocorre em cesarianas agendadas, que servem, muitas vezes, somente para se adequar às agendas e à comodidade de médicos, hospitais e pacientes.

A notória valoração do chamado “parto normal” - que se faz nesse trabalho - em detrimento de cirurgias cesáreas - em especial as desnecessárias - não possui a intenção de desmerecer os avanços médicos que foram alcançados ao longo dos séculos no mundo.

²⁰¹ “Em termos de sustentabilidade ecológica, o enfoque tecnológico intensivo do nascimento não é sustentável para populações inteiras. Proteger e incentivar práticas que apoiem o processo natural e fisiológico do nascimento se tornou uma necessidade. Há, além disso, questões de desenvolvimento equitativo dos recursos: há uma necessidade de reduzir o nível de intervenções tecnológicas nas nações mais ricas e tornar intervenções necessárias mais disponíveis para as nações mais pobres.” (tradução nossa). DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p. 276.

²⁰² Dados retirados do site da Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <http://www.who.int/reproductivehealth/publications/maternal_perinatal_health/cs-statement/en/>. Acesso em: 18 jan. 2016.

No entanto, pode-se verificar um grande desafio no fato de se aceitar a tecnologia, sem se apagar a sabedoria e o senso comum de culturas inteiras, que se mantiveram e se propagaram através delas.

Talvez utilizar uma grande cirurgia abdominal, como a cesariana, somente para casos estritamente necessários, seria uma forma de aplicar a tecnologia e as descobertas médicas de forma a efetivamente auxiliar o ato de nascer, ao invés de serem usados de forma generalizada para situações sem reais indicações de cesariana, como acontece em inúmeros lugares do mundo, em especial no Brasil.

O ato de parir um filho através de um parto natural, com o mínimo de intervenções, enaltece o primitivo, o mamífero, o ancestral e, por quê não, o lado animal da mulher.

O sistema patriarcal tenta, em inúmeras situações, colocar o corpo feminino como incompetente e incapaz para o ato de nascimento: medicaliza o ato de nascer, valoriza o conhecimento médico em detrimento da sabedoria da mãe, utiliza a tecnologia e o tecnicismo para retirar o bebê do ventre da mulher. Ao fazer isso, retira também protagonismo feminino, colocando o corpo médico e seus “conhecimentos” como os verdadeiros responsáveis pelo nascimento da criança.

Alia-se a isso, o fato de que a sociedade de consumo, enaltece o “moderno” e o “tecnológico”. O nascimento natural seria visto como primitivo, feio e inconveniente. A mulher então, convencida pelos valores que lhe são impostos (assunto tratado no capítulo anterior) acaba por acreditar nos benefícios de uma cirurgia cesariana, muitas vezes sem reais indicações.

Por fim, mais uma vez utilizam-se aqui as bases da corrente Ecofeminista, representada por Vandana Shiva, denominada de sócio-econômica que trata sobre a falácia de que tudo que for “desenvolvido” e “contemporâneo” seria melhor (cirurgia cesárea) e tudo que derivar de conhecimentos ancestrais e originais (parto natural) seria visto como atos de ignorância, errados e ultrapassados²⁰³.

O parto natural, assim como o aleitamento materno, tratado no item anterior, não só são práticas sustentáveis, que irão beneficiar local e globalmente comunidades e ecossistemas, como também são condutas que trazem incontáveis vantagens à saúde da mulher e de sua prole. Alia-se a ambos, também a sustentabilidade existente na prática da cama/cômodo compartilhado entre mãe e bebê, que será estudado no próximo tópico.

²⁰³ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 72.

4.4. A SUSTENTABILIDADE DA CAMA COMPARTILHADA

O ato de compartilhar a cama ou de dormir próximo ao filho integra uma estrutura que, juntamente com o parto natural e o aleitamento materno, faz com que a maternidade e suas práticas possuam um caráter dito ecológico e sustentável.

Com relação aos benefícios da cama compartilhada, dentre vários estudos, se pode encontrar uma pesquisa que traz um interessante dado com relação às mães que amamentam e que dividem a cama com sua prole: a adoção de posições protetivas em relação à criança.

As mães que amamentam dormiriam em uma posição lateral com as pernas curvadas ao redor da criança e com os braços colocados na cama de forma a não ser possível deitar sobre o bebê, e assim machucá-lo. Em contrapartida, quando bebês dividem a cama com mães que não amamentam, as mães não adotariam o comportamento protetivo, acima descrito.²⁰⁴

Em outro estudo sobre cama compartilhada McKenna sugere que quando mãe e filho estão compartilhando a cama, ambos estariam em um estado fisiológico diferenciado, quase que em uma espécie de simbiose, em que há contínua troca sensorial entre mãe e bebê: respiração de ambos em compasso e respostas físicas simultâneas tanto da mãe quanto do bebê durante o sono.²⁰⁵

Em termos de sustentabilidade, a prática de o bebê dormir próximo à mãe leva a um menor consumo de bens e, como consequência, a menos produção e a menos descarte. Por exemplo: para o bebê que dorme com a mãe é dispensada a aquisição de bens de consumo como berços, “protetores de berços”, lençóis, monitores de voz e vídeo (as chamadas “babás eletrônicas), etc.

Os pais e, em especial, a mãe, olham para si mesmos e seus próprios “recursos” ao invés de buscar soluções externas para auxiliar com o sono do bebê.

Além disso, um dos maiores efeitos da prática de “co sleeping” está na amamentação. Mães e filhos dividindo o mesmo cômodo ou a mesma cama é uma estratégia comum para que mães possam ao mesmo tempo descansar e amamentar a criança.

²⁰⁴ BALL, H. **Reasons to bedshare**: why parents sleep with their infants. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*. Disponível em: < <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0264683021000033147>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

²⁰⁵ McKENNA, J.; MOSKO, S.; DICKEL, M. e HUNT, L. Parent-infant co-sleeping: the appropriate context for the study of infant sleep and implications for sudden infant death syndrome (SIDS) research. *J Behav Med* 1993; 16. p. 589–610. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8126714?access_num=8126714&link_type=MED&dopt=Abstract>. Acesso em: 19/01/2016.

Como já mencionado em tópicos anteriores, a amamentação é a forma mais sustentável de prover nutrição à prole. Assim, a prática do compartilhamento de cama ou aposento entre mãe e filho facilita o contato e incentiva a ligação entre mãe e infante, auxiliando na produção de leite materno: “Until relatively recently, co-sleeping constituted a prerequisite for infant survival, because it ensured that the baby had an unlimited access to breastmilk. This is still the case for many mother and baby pairing outside the western industrialized context.”²⁰⁶

As práticas de consumo podem ser vistas como tendo um grande efeito nas experiências da maternidade. O crescimento do mercado de produtos e serviços que visam a “satisfazer” as necessidades de mães e pais, caracteriza-se como um fenômeno que assombra as sociedades ocidentais industrializadas.

A aquisição de leite artificial, aparatos para o quarto da criança, agendamento de cesáreas, etc., são condutas e comportamentos tidos como “frequentes” e “comuns”, em uma sociedade que não possui tempo para que se espere o trabalho de parto, ou para que se esteja disponível para amamentar em livre demanda, ou para que se possa compartilhar a cama com seu próprio filho, por exemplo, conforme já retratado no capítulo anterior.

Autores como Davies ressaltam a necessidade urgente em se retomar as práticas ancestrais e instintivas de amamentação, cama compartilhada, parto natural, etc., a fim de que se possa evitar o que chama de “verdadeiro desastre”.²⁰⁷

Human beings are also in danger of slowly and tragically demolishing the habitat necessary for breastfeeding to survive – the mother – by the creation of cultures where women are unsupported and breastfeeding becomes endangered, untenable, undesirable, unmanageable and in itself and unsustainable maternal activity. Human being and planet Earth adaptation can only go so far. Natural resources are not infinite. When they are gone, they are gone forever. Infants are adaptable, but at what cost? At what point does the continued escalation of ill-health and associated costs of not-breastfeeding become more noticeable to more people and generate significant action on behalf of governments?

²⁰⁶ “Até relativamente recente, a cama compartilhada constituía um pré-requisito para a sobrevivência do infante, porque assegurava que o bebê possuía acesso ilimitado ao leite materno. Isto ainda é o caso para muitas outras mães e bebês que vivem fora do contexto do ocidente industrializado.” (tradução nossa). DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p. 29.

²⁰⁷ “Seres humanos também estão em perigo de lentamente e tragicamente destruir o habitat necessário para que o aleitamento sobreviva – a mãe – através da criação de culturas onde mulheres não têm apoio, e a amamentação se torna algo em vias de extinção, inalcançável, indesejável, impraticável e uma atividade materna insustentável. A adaptação dos seres humanos e o planeta Terra só pode ir até um ponto. Recursos naturais não são infinitos. Quando eles se forem, eles irão para sempre. Crianças são adaptáveis, mas a que custo? Em que ponto a escalada continuada de doenças associadas aos custos de não amamentar se tornarão evidentes para mais pessoas e irão gerar uma ação significativa dos governos? (tradução nossa) Ibid., p. 217.

É sabido, no entanto, que as mulheres enfrentam, nos dias de hoje, inúmeros afazeres que não possuíam anos atrás. Contudo, o consumo de produtos para “substituir” a figura materna e os cuidados com a criança não é, absolutamente, o caminho a ser seguido. Como já comentado, além de não serem práticas sustentáveis, também não trazem benefícios ao crescimento e à saúde do infante.

Uma forma simples de auxiliar a mãe, ao invés de orientá-la para o consumo de substitutos, se daria através de uma corrente de apoio que poderia auxiliá-la com informações e esclarecimentos, a fim de empoderá-la sobre o parto natural, sobre a prática da amamentação – que nem sempre é fácil – além dos benefícios da cama compartilhada, por exemplo.²⁰⁸ Percebe-se que as práticas que estão sendo relatadas neste trabalho não são passíveis de dissociação: cama compartilhada, parto natural e aleitamento materno caminham juntos na criação de filhos de forma sustentável.

Isso porque são todas condutas que vão contra sistemas de dominação como o patriarcado, já que enaltecem e privilegiam o protagonismo feminino indo contra as regras que as sociedades ocidentais atuais tentam impor para a mulher/mãe.

A construção da superioridade masculina em detrimento da feminina e da Natureza são assuntos recorrentemente tratados pela Filosofia Ecofeminista. Tornando a mulher incompetente e incapaz de parir e de criar seus próprios filhos, as sociedades industrializadas procuram, assim, substitutos, derivados do “conhecimento”, da “tecnologia” e da “modernidade”.²⁰⁹

Na sociedade de consumo em que a mulher/mãe está inserida, tais produtos (leite artificial, cesáreas, etc.) seriam, assim, melhores e mais benéficos que os próprios atos instintivos e naturais (parto natural, amamentação, etc.) que acompanham os mamíferos há milhões de anos.

Aliado aos tópicos já discutidos neste trabalho, também a alimentação de bebês e crianças pode ser feita de forma sustentável, de forma a gerar o mínimo consumo e descarte de resíduos. Além disso, a prática nutricional que evita alimentos industrializados também é, incomparavelmente melhor que as alternativas oferecidas pela sociedade de consumo ocidental, matéria que será tratada no próximo tópico.

²⁰⁸ DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011. p. 29.

²⁰⁹ AGUINAGA, Margarita. **Ecofeminismo: mujer y pachamama, no solo es posible una crítica al capitalismo y al patriarcado**. América Latina em Movimento. 2010. Disponível em: <http://corresponsalesdelpueblo.blgoo.com.ve/media/users/7/399988/files/27766/Ecofeminismo.pdf>. Acesso em 07.07.2015.

4.5 ALIMENTAÇÃO SUSTENTÁVEL

Um dos grandes desafios para que se consiga um comportamento dito “sustentável”, em especial com relação as práticas atinentes à maternidade, advém do fato de que a grande maioria das pessoas possuem condutas que são habituais.

Tais práticas são regulares e frequentes, enaltecidas por outras pessoas da comunidade que, possivelmente, possuem os mesmos comportamentos de consumo. Isto faz com que, sem dúvida, as pessoas sejam resistentes a mudanças. Afinal, se todos ao seu redor praticam tais condutas, por quais razões elas deveriam ser diferentes?

Desta forma, práticas como cirurgias cesáreas desnecessárias, introdução de leite artificial, isolamento entre criança e mãe e, por fim, a alimentação da prole através de alimentos industrializados são condutas enraizadas nas sociedades ocidentais de consumo e, portanto, tidas como “corretas” e “triviais”.

No entanto, a mudança de mulher para mulher/mãe traduz uma oportunidade para uma quebra nos hábitos antes praticados. Isso porque, nenhuma mudança é tão radical na vida de uma mulher, do que quando ela se torna mãe: as prioridades são modificadas, grupos sociais de convivência são alterados, padrões de sono, alimentação e estilo de vida são completamente transformados.

Teóricos afirmam que quando há uma ruptura de hábitos, como ter um bebê, por exemplo, emerge também uma grande possibilidade de aceitação e de aprendizado de novas práticas e condutas.²¹⁰

Seria possível, assim, que as mulheres, com a experiência da maternidade, possam passar a ter comportamentos e atitudes de maior respeito e cuidado com o meio ambiente? E, em especial com relação ao presente tópico de estudo: Seria possível uma mitigação no uso de alimentos industrializados e ao mesmo tempo um aumento no preparo de comidas ditas “caseiras”, orgânicas e, como consequência, “sustentáveis”?

Antes de responder ao questionamento acima, importa lembrar que são as mulheres, as primeiras a serem atingidas pela degradação do meio ambiente e suas consequências, já que possuem um papel social como provedoras e cuidadoras de seus filhos.

²¹⁰“The results support the notion that context change can activate important values that guide the process of negotiating sustainable behaviors.” Os resultados confirmam a noção de que a mudança de contexto pode ativar importantes valores que guiam o processo de comportamento de negociações sustentáveis.” (tradução nossa). VERPLANK, Bas; WALKER, Ian; DAVIS, Adrian. **Context change and travel mode choice: Combining the habit discontinuity and self-activation hypotheses.** Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494407000898>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

Percebe-se também que são as mulheres/mães as que em **primeiro lugar** apresentam preocupações com problemas ambientais. Shiva de há muito trata sobre esse assunto, na corrente Empírica do Ecofeminismo, já analisada no segundo capítulo deste trabalho.²¹¹

Há, inclusive, dois importantes estudos a corroborar a correlação entre gênero e o cuidado com meio ambiente. Em ambos, se pode claramente verificar que são as mulheres, em comparação com os homens, as pessoas que possuem atitudes mais fortes direcionadas à proteção ambiental e à sustentabilidade.²¹²²¹³

No entanto, apesar de já existir, entre as mulheres, uma preocupação, ativismo e cuidado maior do que os homens, com relação à Natureza e seus recursos naturais (tendo por embasamento para esta afirmação os dois estudos, acima apontados) as práticas da sociedade de consumo, que remetem a uma alimentação industrializada, acabaram por praticamente aniquilar/mitigar as tentativas das mulheres em alimentar sua prole de forma sustentável.

As práticas ligadas a alimentação industrializada de bebês e crianças foram tratadas no capítulo anterior, quando foi retratada a influência da publicidade/marketing e práticas de consumo nos comportamentos das mulheres/mães com relação ao hábito alimentar de seus filhos.

Foi então verificada a valoração e o enaltecimento a produtos processados, como sendo o resultado de benefícios da “tecnologia” e da “modernidade”. Também foi analisado que tais alimentos não são saudáveis e que trazem muito mais prejuízos do que benefícios à saúde da prole.

Mesmo assim, em resposta ao questionamento acima, com base em recente estudo, pode-se concluir que apesar das influências de práticas de consumo consolidadas nas sociedades ocidentais atuais, as mulheres, que já eram as maiores defensoras da sustentabilidade, quando comparadas aos homens, tendem sim, a adotar atitudes “mais ecológicas” e que tragam menos danos ao meio ambiente. A prática de atitudes sustentáveis seria, assim, aprofundada, com o advento da maternidade.²¹⁴

²¹¹ SHIVA, Vandana. **Staying alive. Women, Ecology and Survival in India**. Londres: Zed Books, 1988. p. 31.

²¹² ZELEZNY, Lynnete; CHUA, Poh-Pheng e ALDRICH, Cristina. **New ways of thinking about environmentalism**: elaborating gender differences in environmentalism. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0022-4537.00177/abstract>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

²¹³ DAVIDSON, Debra; FREUDENBURG, Wiluam. **Gender and Environmental risk concerns**: A review and analysis of available research. Disponível em: <<http://eab.sagepub.com/content/28/3/302.short>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

²¹⁴ HA, Tania; WILLIANS, Kathryn. **Does becoming a mother make women “greener”?** Disponível em: <<https://theconversation.com/does-becoming-a-mother-make-women-greener-19390>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

A pesquisa sugere que mulheres com filhos tendem a adotar atitudes sustentáveis na prática da maternidade e, em especial, na alimentação de sua prole. Ainda que, para muitas mulheres, a real motivação não seja a proteção da Natureza, mas sim o bem-estar de seus filhos, ao exercitar condutas tidas como “naturais” e “instintivas”, acabam por também realizar medidas “sustentáveis”.

Trocar o alimento industrializado pela nutrição “in natura” ou caseira seria, assim, uma prática que beneficiaria a saúde dos filhos, mas que também favoreceria a proteção do meio ambiente.²¹⁵

Parents – especially mothers – are more open towards taking up information about health and sustainability issues during the period of pregnancy and the first months after childbirth. In an explorative study with 286 parents it was found that young parents purchase “sustainable” products such as organic, seasonal, fresh and regional foods more often than they used to and reduce unhealthy eating habits.

Os pais e a mãe, em especial, ao escolherem formas “naturais” de alimentar a prole, acabariam, assim, por adotarem comportamentos sustentáveis. Em contrapartida, a nutrição que tenha por base produtos industrializados não é, de forma alguma, sustentável.

Há incontáveis cadeias de produção de alimentos processados, mas iremos nos deter na ausência de sustentabilidade em alimentos destinados ao público infantil como, por exemplo, as chamadas “papinhas”.

Para a produção de alimentos industrializados, destinados à criança que está começando a sua introdução alimentar, utiliza-se aparatos tecnológicos, embalagens de plástico ou vidro, além de necessitar de inúmeros ingrediente naturais e artificiais.

A “papinha de banana”, por exemplo, da empresa Heinz, que já foi mencionada no capítulo anterior, possui como ingredientes: água, banana, açúcar, amido modificado, farinha de arroz, carbonato de cálcio, vitamina C, vitamina A, vitamina B3, vitamina B2, vitamina B1 e acidulante ácido cítrico.²¹⁶

Para que haja a produção em larga escala deste tipo de comida, é necessário que se tenha grandes plantações para que assim possa ser suprida toda a demanda das indústrias

²¹⁵ “Pais – mães especialmente – são mais abertas em aceitar informações sobre questões de saúde e sustentabilidade durante o período de gravidez e os primeiros meses após o nascimento do filho. Em um estudo explorativo com 286 pais foi encontrado que jovens pais compram produtos “sustentáveis” como alimentos orgânicos, da estação, frescos e regionais mais frequente que eles faziam e para reduzir hábitos alimentares não saudáveis.” (tradução nossa). SCHAFFER, Martina, JAEGER-ERBEN, Melanie e BAMBERG, Sebastian. **Life event as windows of opportunity for changing towards sustainable consumption patterns?** Journal of Consumer Policy, 2012, Volume 35. p. 65. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10603-011-9181-6>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

²¹⁶ Disponível no site: <<http://www.heinzbrasil.com.br/produtos/detalhes/heinz-papinha-de-banana>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

alimentares. O exemplo em questão é do tipo banana, mas se encontra também “papinhas” com sabores como: “frutas sortidas”, “pera com iogurte” ou “beterraba, caldo de feijão e legumes”.

A comida industrializada, assim, incentiva a prática de monoculturas de grande extensão que, sabidamente, acabam por destruir inúmeros ecossistemas que necessitam de pluralidade e diversidade²¹⁷.

Em sua produção também são usadas, muitas vezes, sementes modificadas, insumos químicos e agrotóxicos, trazendo inúmeros prejuízos não só ao meio ambiente, mas também para as pessoas que os consomem.

Mesmo nos estados que permanecem primordialmente agrícolas, a tecnologia moderna é frequentemente aplicada de modo a alterar substancialmente as relações preexistentes entre a organização social humana e o meio ambiente. Isto vale, por exemplo, para o uso de fertilizantes ou outros métodos de lavoura artificial, para a introdução de moderna maquinaria agrícola etc. A difusão do industrialismo criou "um mundo" num sentido mais negativo e ameaçador do que o que foi mencionado — um mundo no qual há mudanças ecológicas reais ou potenciais de um tipo daninho que afeta a todos no planeta.²¹⁸

Alia-se a isso, o fato de que para que haja a fabricação de referidos produtos, faz-se necessário um imenso aparato tecnológico e industrial, com a utilização de inúmeras fontes de energia não renováveis, tanto para a confecção dos próprios maquinários das fábricas, quanto para a fabricação das “papinhas”.

Juntamente aos ingredientes principais (banana) outros tantos são acrescentados como vitaminas, água e açúcar refinado. Para que haja estes acréscimos tais produtos também precisam ser produzidos em grandes escalas, muitas vezes por outras indústrias, criando, assim, um gigantesco ciclo de consumo de recursos naturais.

Após a sua fabricação, as “papinhas” serão embaladas em embalagens plásticas, de vidro ou outro tipo de material, além de serem “etiquetadas” com a marca visual da empresa. Materiais que necessitam produção e que serão, posteriormente descartados, nem sempre em locais destinados para a reciclagem.

Uma vez embalados, começa-se então sua distribuição: como o leite artificial, é extremamente fácil encontrar comida industrializada para bebês e crianças em diversos lugares como farmácias, supermercados ou postos de gasolina. O abastecimento é feito

²¹⁷ MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 78.

²¹⁸ GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. p. 71.

através de aviões, navios, trens, caminhões, etc., que utilizam combustíveis que são, em sua grande maioria, formas não renováveis de energia.

Seguindo os parâmetros do exemplo: como então se poderia então alimentar um bebê ou uma criança de forma sustentável? A resposta é bem simples: fornecendo a fruta “in natura”. Sem adição de açúcares, sem necessidade de produção industrial, sem descarte de papéis, plásticos ou vidros. Simples, financeiramente mais viável e, o principal: uma forma muito mais sustentável de nutrição.

Como acima mencionado, nem sempre as mães procuram uma alimentação dita “sustentável” para os filhos, mas sim uma nutrição que seja saudável e que traga benefícios para a prole. O que ocorre é que, como consequência, ao fornecer alimentos “in natura”, que não foram processados e industrializados, acabam por atingir os dois objetivos: adotam uma prática sustentável para o meio ambiente e ao mesmo tempo saudável para os filhos.

Importa ressaltar que para o consumo de produtos “in natura” também há o dispêndio de recursos naturais. No entanto, o custo ambiental entre a comida dita “caseira” ou “natural” é incomparavelmente menor que o custo ecológico atribuído aos alimentos industrializados.

Shiva e Mies, referidas inúmeras vezes neste trabalho, tratam em várias passagens do livro chamado “Ecofeminism”, sobre a falsa percepção, disseminada nas sociedades ocidentais atuais, que o “desenvolvido” e o “tecnológico” seria melhor em todos os aspectos que o “natural” e o “primitivo”.

People are perceived as poor if they eat millets (grown by women) rather than commercially produced and distributed processed foods sold by global agro business. They are seen as poor if they live in houses self-built with natural materials like bamboo and mud rather than concrete. They are seen as poor if they wear homemade garments and natural fibre rather than synthetics. Subsistence, as culturally perceived poverty, does not necessarily imply a low material quality of life. On the contrary, millets, for example, are nutritionally superior to processed food, houses built with local materials rather than concrete are better adapted to the local climate and ecology, natural fibres are generally preferable to synthetic ones – and often more affordable.²¹⁹

²¹⁹ “As pessoas são consideradas como pobres se eles comem grãos (cultivado pelas mulheres) ao invés de comidas processadas e comercialmente produzidas e vendidas por globais “agrobusiness”. Eles são vistos como pobres se eles vivem em casas que eles próprios construíram com materiais naturais como bambu e lama ao invés de concreto. Eles são vistos como pobres se eles vestem roupas feita por eles mesmos de fibras naturais ao invés de sintéticas. A cultura de subsistência, que é considerada como pobreza, não significa, necessariamente, uma baixa qualidade de vida. Pelo contrário, os grãos, por exemplo, são nutricionalmente superiores as comidas processadas, casas construídas com materiais locais ao invés de concreto são mais adaptáveis para o clima local, fibras naturais são geralmente preferidas que as sintéticas – e frequentemente mais baratas” (tradução nossa). MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993. p. 71-72.

Desta forma, tudo que for industrializado e derivado do “desenvolvimento” seria considerado como soberano e aconselhável. Pelo contrário, tudo que for “primitivo” e “ancestral” seria anacrônico, inconveniente e ultrapassado. Assim, a alimentação “caseira” ou “in natura” seria atrasada e antiquada. Já a nutrição baseada em alimentos processados seria absoluta e superior.

No entanto, não só a alimentação se enquadra nesta oposição de valores. Como foi visto nos tópicos anteriores, as práticas ligadas à maternidade, também se incluem nesta dicotomia: influência da sociedade de consumo para que se adote condutas “modernas” (amplamente criticadas por Mies e Shiva) em contrapartida à adoção de comportamentos “naturais”, utilizados pelas mulheres há milhares de anos.

A sociedade industrializada ocidental utiliza a vulnerabilidade da recém-nascida mãe para tentar tornar bens e produtos ligados à maternidade como objetos indispensáveis para o nascimento e criação dos filhos.

Propaga, como consequência, que o leite artificial seria um substituto “tão bom” quanto o leite materno. Que os bebês nascem e sobrevivem a uma cirurgia cesárea e, isso, afinal, seria o mais importante. Que a criança precisa ser independente, que não pode se acostumar ao colo da mãe, que precisa do seu lugar. Que os alimentos processados irão poupar a mãe de perder tempo com o preparo da comida da prole e que eles seriam, também, tão nutritivos quanto a comida “feita em casa” ou o próprio alimento “in natura”.

Embasa tais premissas, na tentativa de convencer as mulheres/mães a sucumbir ao consumo, que mencionadas práticas são provenientes de extensos estudos, de conhecimento específico e da tecnologia e, por isso, infinitamente superiores às condutas de gerações passadas.

Foi extensamente visto, contudo, que nenhuma das quatro práticas, neste trabalho tratadas, (leite artificial, cirurgias cesáreas, desestímulo ao uso da cama/cômodo compartilhado e alimentos industrializados) trazem benefícios para o nascimento e criação dos filhos. Pelo contrário, foi demonstrado, através de estudos e pesquisas, que a adoção de tais condutas traz, na verdade, prejuízo para a criança, com consequências negativas para uma vida inteira.

Alia-se aos referidos efeitos desfavoráveis, o fato que tais condutas não são, de maneira alguma, sustentáveis: envolvem produção em larga escala, consomem recursos naturais do Planeta, além de gerarem resíduo e descarte.

Do contrário, quando a mãe entra em contato com seus instintos naturais e ancestrais, irá perceber que não precisará de nenhum aparato “moderno” para lhe auxiliar no nascimento e criação de sua prole.

A mulher irá constatar que ela consegue parir, afinal a Natureza a programou para isso. Não irá necessitar, na grande maioria dos casos, de nenhum tipo de intervenção medicamentosa, ou de cirurgia abdominal. Também se dará conta que tudo o que seu bebê precisa é do seu peito: através dele o bebê terá todas as suas necessidades nutricionais e emocionais integralmente supridas. Irá manter o seu filho próximo a si, já que há milhões de anos, a mãe exerce o papel de protetora e cuidadora da prole. E, por fim, irá dar aos seus filhos os alimentos que os tornarão saudáveis.

Todas as práticas, acima relatadas, acompanham o mamífero há milhões de anos e, ao contrário do que as sociedades industriais ocidentais tentam argumentar, são infinitamente melhores não só para a mãe, para os filhos, mas também para o meio ambiente, já que respeitam os ciclos naturais da Natureza sendo, desta forma, práticas genuinamente sustentáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia deste trabalho foi o de conectar inúmeros tópicos que, apesar de aparentemente afastados (maternidade, consumo e sustentabilidade) podem ser correlacionados através da lente da Filosofia Ecofeminista.

O Ecofeminismo então apresenta-se aqui, como o embasamento teórico principal, a fundamentar as razões pelas quais a mulher, agora também mãe, é colocada na condição de incapaz, incompetente e inabilitada para o ato de nascimento e de criação de seus próprios filhos.

Somente através de tais percepções, em que a mulher é inferior e inapta, se poderia entender as práticas relacionadas à maternidade, da maneira como são impostas nas sociedades industrializadas ocidentais.

A recém-nascida mãe se encontra em uma condição de extrema vulnerabilidade e fragilidade. As forças do mercado, a comunidade que a cerca, parentes e amigos próximos e o próprio corpo médico a “bombardeiam” com informações e opiniões que, frequentemente a levam a desacreditar em suas próprias habilidades naturais de criação da prole.

O aleitamento materno, por exemplo, nas civilizações ocidentais atuais, é tratado não como algo fisiológico e natural e sim como uma “opção”. Uma alternativa entre o consumo da fórmula industrial e o leite materno. Foi exaustivamente demonstrado, no entanto, a incomparável supremacia do aleitamento materno em confronto com a fórmula artificial.

Além disso, tendo por base que a sustentabilidade possui um enfoque no futuro da humanidade, bem como nas relações entre seres humanos e meio ambiente, também foi verificado que o aleitamento materno é uma das formas mais ecológicas de nutrir um filho. Não deixa nenhum tipo de “footprints”. Fez e faz parte da evolução milenar dos mamíferos e continua sendo, indubitavelmente, a melhor espécie de alimento que um bebê poderia receber.

As cirurgias cesáreas, em especial as desnecessárias, se transformaram em inúmeros lugares do mundo, mas, em especial, no Brasil, em bens de consumo que podem ser adquiridos e agendados, de acordo com a disponibilidade e oportunidade dos sujeitos envolvidos.

Uma grande cirurgia abdominal que deveria ser utilizada apenas em casos estritamente necessários passou a ser regra e não exceção. Este modelo, relativamente recente nas sociedades contemporâneas, só consegue existir e perdurar, tendo por base a assunção de que a mulher é completa e totalmente incapaz para o ato do nascimento do seu próprio filho.

Assim como o aleitamento materno, também foi extensamente demonstrado que as cesarianas, em comparação ao parto natural, não trazem nenhum tipo de benefício para a prole. Pelo contrário: além de aumentar substancialmente a morbidade de mães e bebês, as crianças nascidas de cesariana tendem a desenvolver, ao longo da vida, inúmeras patologias que não acometem os infantes que nascem de parto normal.

Sob o enfoque da sustentabilidade, também foi demonstrado que as cirurgias cesáreas são extremamente mais dispendiosas que os partos naturais. Este custo não é só econômico, mas também ambiental. Há medicamentos, internações prolongadas, materiais descartados e resíduos oriundos deste tipo de cirurgia abdominal. Já no parto natural, sem intervenções desnecessárias, o resíduo e o descarte são praticamente inexistentes.

Muitas mulheres, agora mães, gostariam de ficar próximas ao filho. O cheiro, o contato com a criança e o convívio em proximidade, trariam inúmeros benefícios para a criança nos primeiros meses de vida. Uma fase em que o bebê está ainda descobrindo que não se encontra mais dentro do ventre da mãe e que eles são, na verdade, duas pessoas distintas. Além disso, o toque e a conexão através do chamado “skin to skin”, que pode ser facilitado através da cama ou cômodo compartilhado, favorece o aleitamento materno, tornando simples e fácil o acesso do infante ao peito da mãe.

No entanto, por várias razões, apontadas neste trabalho, é muito frequente que a mãe seja separada do filho, muitas vezes, precocemente. A civilização ocidental de consumo pressiona pela independência de ambos, além de tentar infligir na mãe, produtos e serviços que seriam “necessários” e “indispensáveis” para a criação da prole. Da mesma forma que foi tratado nos tópicos anteriores, tais atitudes não são sustentáveis, já que imersas nos ciclos de consumo que tornam objetos como berços, “babás eletrônicas”, etc., produtos que seriam imprescindíveis para a criança, quando na verdade, não os são.

A alimentação da criança também não poderia ficar imune às influências de consumo das civilizações contemporâneas. A criança, assim, ao começar a receber alimentos sólidos se depara, muitas vezes, com produtos processados e industrializados, impregnados de aditivos químicos, altos teores de sódio e de açúcar refinado.

Muitas vezes, assim, o primeiro contato do infante com uma alimentação que não seja o leite, se dá através da abertura de um recipiente hermeticamente fechado, com o logotipo de uma grande indústria alimentar ou farmacêutica.

Foi demonstrado também, neste trabalho, que notoriamente, uma alimentação que tenha por base produtos “in natura” ou nutrições ditas “caseiras” são inigualavelmente melhores, do ponto de vista nutricional, do que um alimento industrializado.

Com ênfase em sustentabilidade, também se verificou que o processamento de alimentos degrada o meio ambiente de inúmeras formas: desde a demanda de alimentos (em geral através de grandes plantações em monocultura), passando pela produção, envolvendo maquinários e tecnologia para a sua manufaturação, até o transporte, que necessita do uso de combustíveis, que em geral, derivam de energias não renováveis.

As condutas originais, relativas à maternidade, aqui tratadas, possuem embasamento conceitual no Ecofeminismo. A crítica Ecofeminista que é feita ao fato de haver uma grande “valorização” e “engrandecimento” a tudo que for tecnológico e um “desmerecimento” e “descrédito” a tudo que for primitivo e original se coaduna perfeitamente com o tratado neste trabalho.

Assim, o leite artificial, a cirurgia cesárea, o desencorajamento ao exercício da cama compartilhada, bem como a nutrição embasada em alimentos processados seriam, assunções que as civilizações ocidentais utilizam, a fim de convencer mulheres/mães que práticas “modernas” seriam melhores que condutas primitivas e instintivas relacionadas à maternidade.

Tais condutas, no entanto, não só não trazem benefícios, como também não são sustentáveis, já que não respeitam os ciclos naturais dos ecossistemas, demandam grande produção e transporte e produzem, como consequência, resíduo e descarte.

As quatro atitudes aqui relatadas caminham juntas no sentido da sustentabilidade. Assim, o aleitamento materno, o parto natural, a cama ou cômodo compartilhado e a alimentação que evite alimentos industrializados são todas consequências de um mesmo princípio: o fato de que um retorno às práticas ancestrais, relativas à maternidade, não só traz benefícios para a prole, como também traduz vantagens para o meio ambiente.

Um retorno as origens irá garantir, assim, o melhor nascimento e criação que sua prole poderia ter, além de assegurar também um maior respeito e cuidado com o meio ambiente e ecossistemas que a rodeiam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miran e CASTRO, Mary Garcia. **Gênero e Meio Ambiente**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

ADAMS, Carol J. **Sexual Politics of Meat**. A feminist-vegetarian critical theory. Estados Unidos: Continuum, 2010.

ALMINO, João. **Naturezas Mortas**. A Filosofia Política do Ecologismo. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1993.

AGUINAGA, Margarita. **Ecofeminismo: mujer y pachamama, no solo es posible una crítica al capitalismo y al patriarcado**. Revista America Latina em Movimiento. Buenos Aires, 2010. Disponível em: <http://corresponsalesdelpueblo.bligoo.com.ve/media/users/7/399988/files/27766/Ecofeminismo.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2015.

ANGELIN, Rosângela. **Mulheres, ecofeminismo e desenvolvimento sustentável diante das perspectivas de redistribuição e reconhecimento de gênero. Estamos preparados?** In: Revista Eletrônica Direito e Política: Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI. Itajaí, v.9, n.3, 3º quadrimestre de 2014. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica>. Acesso em: 21 dez. 2015.

ARRUZZA, Cinzia. **Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo**. Outubro Revista.. Nº23. p. 38. Disponível em http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf. Acesso em: 03 jul. 2015.

BAKER S. M.; GENTRY J. W.; RITTENBURG T. L. **Building Understanding of the Domain of Consumer Vulnerability**. Journal of Macromarketing, v. 25 No. 2, 2005.

BALL, H. **Reasons to bedshare: why parents sleep with their infants**. Journal of Reproductive and Infant Psychology. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0264683021000033147>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BEAHM, Janine. **A Mother's Love: A Narrative Analysis of Food Advertisements in an African American Targeted Women's Magazine**. Florida, USA: University of South Florida, 2012.

BEAVOUIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4ª edição, 1970.

BLAIR, Peter; FLEMING, Peter e SMITH, Iain. **Babies sleeping with parents: case-control study factors influencing the risk of sudden infant death syndrome**. Revista BMJ. 1999, p. 1. Disponível em: <<http://www.bmj.com/content/319/7223/1457.short>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

BOFF, Leonardo. **Ecologia. Grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática S.A, 1995.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães e MACHADO, Márcia Tavares. **Amamentação: um resgate histórico**. Cadernos ESP. Vol. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <<file:///C:/Users/home/Downloads/4-9-1-PB.pdf>>. Acesso em 04 dez. 2015.

CASTORIADIS, Cornelius. **Uma sociedade à deriva**. Paris, França: Editora Ideias e Ideias, 2007.

CECATTI, José Guilherme. **Crenças e crendices sobre as atuais intervenções durante o trabalho de parto e parto no Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 30, supl. 1, p. S33-S35, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2015.

CHAVES, Ricardo Lêdo. **O nascimento como experiência radical de mudança**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 30, supl. 1, p. S14-S16, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2014001300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 abr. 2015.

COTTINGHAM, John. **A filosofia de Descartes**. Tradução de Maria do Rosário Sousa Guedes. Lisboa: Edições 70, 1986.

CUOMO, Chris J. **Feminism and ecological communities**. An ethic of flourishing. London: Routledge, 1998.

DAVIDSON, Debra e FREUDENBURG, Wiluam. **Gender and Environmental risk concerns: A review and analysis of available research**. Disponível em: <http://eab.sagepub.com/content/28/3/302.short>. Acesso em: 21 jan. 2016.

DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea e KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011.

DERANI, Cristiane. **Direito Ambiental Econômico**. Texas: M. Limonad, 1997.

DOMINGUES, Rosa Maria Soares Madeira . **Processo de decisão pelo tipo de parto no Brasil: da preferência inicial das mulheres à via de parto final**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 30, supl. 1, p. S101-S116, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2015.

DOWNE, Soo. **Reduzindo intervenções de rotina durante o trabalho de parto e parto: primeiro, não causar dano**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 30, supl. 1, p. S37-S39, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2015.

EATEN, Lorentzen. **Ecofemism and globalization: exploring culture, context and religion**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

EISLER, Riane apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000.

FINCATO, Denise. **A Pesquisa Jurídica sem Mistérios: Do Projeto de Pesquisa à Banca**. Porto Alegre: Notadez, 2008.

FOLADORI, Guillermo. **Limites do Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINNEKEN, Jeroen. **Prolonged Breastfeeding as a Birth Spacing Method** in Studies in Family Planning. Vol. 5, n. 6, 1974. p. 201-2016. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1965371?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GRAY, Elizabeth Dodson. **Green Paradise Lost**. Estados Unidos: Roundtable Press, 1981.

GRIFFIN, Susan. **Woman and Nature: The roaring inside her**. New York: Harper and Row, 1978.

GRUEN, Lori. **Toward an Ecofeminist moral epistemology**. In: Ecological Feminism. New York: Routledge, 1994.

GRUN, Mauro. **Ética e educação ambiental: A conexão necessária**. 11^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

HA, Tania e WILLIAMS, Kathryn. **Does becoming a mother make women “greener”?** Disponível em: <<https://theconversation.com/does-becoming-a-mother-make-women-greener-19390>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

HARDING, Sandra. **Rethinking Standpoint Epistemology: What is strong objectivity?** In: *Feminism Epistemologies*. New York: Routledge, 1993.

HASTIE, Carolyn. **The birthing environment: A sustainable approach**. In: DAVIES, Lorna; DAELLENBACH, Rea; KENSINGTON, Mary. **Sustainability, midwifery, and birth**. Londres: Routledge, 2011.

HENRIQUES, Patrícia; SALLY, Enilce e BEILER, Renata. **Regulamentação da propaganda de alimentos infantis como estratégia para a promoção da saúde**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, volume 17, número 2, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232012000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jan. 2016.

HRDY, S.B. **Mother Nature: Natural Selection and the Female of the Species**. Londres: Chatto & Windus. 1999.

HORTA, Bernardo e VICTORA, Cesar. **Long-term effects of breastfeeding: a systematic review**. World Health Organization, Geneva; 2013. Disponível em: <http://biblio.szoptatasert.hu/sites/default/files/Long-term_effects_of_breastfeeding_WHO2013.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016.

LOPPENBURG, Jack; LEZBERG, Sharon e HENDRICKSON, John. **Tasting food, tasting sustainability: defining the attributes of an alternative food system with competent, ordinary people**. Disponível em: <http://sfaajournals.net/doi/abs/10.17730/humo.59.2.8681677127123543>. Acesso em: 21 jan. 2016.

KNOPLEC, Carla. **Parir é uma festa**. Revista Veja. São Paulo, 13.05.2014. Disponível em: <<http://vejario.abril.com.br/materia/servicos/festa-na-maternidade/>> Acesso em 09 set. 2015.

LAHAR, Stephanie. **Ecofeminist Theory and Grassroots Politics**. In: *Ecological Feminist Philosophies*. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 3ª ed. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEFF, Enrique. *Racionalidad Ambiental. La reapropiación de la naturaleza*. Cidade do México: Siglo XXI editores, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

LUTZENBERGER, José Antônio. **Crítica Ecológica do Pensamento Econômico**. Porto Alegre, RS: L & PM, 2012.

MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo e SHIRATORI, Ludmila. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?** *In* Revista de Estudos Feministas, Florianópolis: 352, maio-agosto/2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n2/15.pdf>> Acesso em: dez.12.2015.

MANDEL, Ernest. **Introdução ao marxismo**. Tradução de Mariano Soares. 7^a ed. Editora Movimento: Porto Alegre, RS, 1982.

MARIN, Jeferson; BATISTA, Ildemar; CAPITANI, Rodrigo. **A efetividade normativa e Direito Ambiental: o hiperconsumo hedonista numa perspectiva sistêmica**. *In*: Revista Direito Ambiental e Sociedade. Vol., 1, n. 1 (jan.-jun. 2011). Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2011.

McKENNA, James; BALL, Helen e GETTLER, Lee. **Mother-infant co sleeping, breastfeeding and sudden infant death syndrome: what biological anthropology has discovered about normal infant sleep and pediatric sleep medicine**. *In*: American Journal of Physical Anthropology. Yearbook of Physical Anthropology Vol. 50. 2007, p. 133-161. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ajpa.20736/epdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

McKENNA, J. **An anthropological perspective on the sudden infant death syndrome (SIDS): the role of parental breathing cues and speech breathing adaptations**. *Med Anthropol*, 1996. p. 20. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/toc/gmea20/10/1>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

MOSKO, S., McKENNA, J., DICKEL, M. e HUNT, L. **Parent-infant co-sleeping: the appropriate context for the study of infant sleep and implications for sudden infant death syndrome (SIDS) research**. *J Behav Med* 1993; 16. p. 589–610. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8126714?access_num=8126714&link_type=MED&opt=Abstract>. Acesso em: 06 dez. 2015.

MERCHANT, Carolyn apud WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000.

MIES, Maria. **Patriarchy and Accumulation on a world scale**. Women in the international division of labour. Londres: Redwood, 1994.

MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 1993.

MOLA, Noreen. **Animals' Agenda** apud ADAMS, Carol J. **Sexual Politics of Meat**. A feminist-vegetarian critical theory. Estados Unidos: Continuum, 2010.

MOSKO, S., McKENNA, J., DICKEL, M. e HUNT, L. **Parent-infant co-sleeping: the appropriate context for the study of infant sleep and implications for sudden infant death syndrome (SIDS) research.** *J Behav Med* 1993; 16. p. 589–610. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8126714?access_num=8126714&link_type=MED&opt=Abstract>. Acesso em: 06 dez. 2015.

NAHAMURA, Suad; WIND Marilyn e DANELLO, Mary Ann. **Review of Hazards associated with children placed in adult beds.** *Arch Pediatric Med.* 1999, p. 153. Disponível em: <<https://www.cpsc.gov/PageFiles/108058/kidbeds.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

NARVAZ, Martha Giudice. **Submissão e resistência:** explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

NUNES, M.; PINHO, A.; AERTS, D., etc. **Síndrome da Morte súbita do lactente: Aspectos clínicos de uma doença subdiagnosticada.** *In: Jornal da Pediatria – Vol. 77, N. 1, 2001. p. 29.* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v77n1/v77n1a09.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2015.

NHANENGE, Jytte. **Ecofeminism:** Towards integrating the concerns of women, poor people and nature into development. Maryland: University Press of America, 2011.

NUNES, M.; PINHO, A.; AERTS, D., etc. **Síndrome da Morte súbita do lactente: Aspectos clínicos de uma doença subdiagnosticada.** *In: Jornal da Pediatria – Vol. 77, N. 1, 2001. p. 29.* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v77n1/v77n1a09.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2015.

NYE, Andrea. **Teoria Feminista e a Filosofia do homem.** Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1988.

ODENT, Michael. **A cesariana.** Paris: Editora Saint Germain, 2004.

O'DONOHUE, Stephanie; HOGG, Marga; MACLARAN, Pauline; MARTENS, Lydia e STEVENS, Lorna. **Motherhoods, markets and consumption:** the making of mothers in contemporary western cultures. New York, NY: Routledge, 2014.

OELSCHLAEGER, M. **The idea of wilderness:** From prehistory to the age of ecology. Nova Haven: Yale University Press, 1993.

O Renascimento do Parto. Eduardo Chauvet. Chauvet Filmes e Master Brasil Filmes em associação com HTRON. 2013. 90 min.

OST, François. **A Natureza à margem da lei:** A ecologia à prova do direito. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

PASSANHA, Adriana; CERVATO-MANCUSO, Ana e SILVA, Maria. **Elementos protetores do leite materno na prevenção de doenças gastrintestinais e respiratórias**. Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Hum. 2010; 20(2): 351-360. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/viewFile/19972/22057//>>. Acesso em: 09 jan. 2016.

PALMER, Gabrielle. **The Politics of Breastfeeding**: When breasts are bad for business. Londres: Printer & Martin, 2009.

PELLIZZOLI, M. L. **Correntes da Ética Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **A Emergência do Paradigma Ecológico**: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI. 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe; PEREIRA, Mariana Mioranza Koppe. **Hiperconsumo e a ética ambiental**. In: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe & HORN, Luiz Fernando Del Rio. (Orgs.). *Relações de consumo e meio ambiente*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

PEPPER, David. **Ambientalismo Moderno**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

PLUMWOOD, Val. **Environmental Culture**. The ecological crisis of reason. London: Routledge, 2002.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da Natureza e a Natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REA, Marina Ferreira. **Substitutos do Leite Materno**: Passado e Presente. In: Revista de Saúde Pública, São Paulo, 24 (3). 1990. p. 241. Disponível em: <<file:///C:/Users/home/Downloads/23740-27431-1-PB.pdf>>. Acesso em: 04/12/2015.

REMER, Molly. **Breastfeeding as an ecofeminist issue**. Pathways to family wellness. Disponível em: <http://pathwaystofamilywellness.org/The-Outer-Womb/breastfeeding-as-an-ecofeminist-issue.html>. Acesso em: 17/01/2016.

RUETHER, Rosemary. **Integrating Ecofeminism, globalization and world religion**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

_____. **New woman new earth**: Sexist ideologies and human liberation. Boston: Beacon Press, 1995.

SACHS, Ignacio. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SAFFIOTI, H. **Movimentos sociais: A face feminina**. In N. V. Carvalho (Org.), A condição feminina (pp. 143-178). São Paulo: Vértice, 1988.

SALLEH, Ariel. **Ecosocialismo-Ecofeminismo**. Revista Nueva Sociedad. Nº122, 1992. Disponível em: <http://nuso.org/media/articles/downloads/2190_1.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z**. Como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso. 3 ed. Revista e atualizada, Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SANDRE-PEREIRA, Gilza. **Amamentação e Sexualidade**. In: Revista de Estudos Feministas. Vol. 11. Número 2. Florianópolis. Julho/Dezembro 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000200007>. Acesso em: 03 dez. 2015.

SCHAFER, Martina, JAEGER-ERBEN, Melanie e BAMBERG, Sebastian. **Life event as windows of opportunity for changing towards sustainable consumption patterns?** Journal of Consumer Policy, 2012, Volume 35. p. 65. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007/s10603-011-9181-6>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

SEVELSTED, Astrid; STOKHOLD, Jakob e BENNELYKKE, Klaus. **Cesarean section and Chronic Immune Disorders**. American Academy of Pediatrics, novembro, 2014. Disponível em: <<http://pediatrics.aappublications.org/content/early/2014/11/25/peds.2014-0596..info>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

SHIVA, Vandana. **Staying alive**. Women, Ecology and Survival in India. Londres: Zed Books, 1988.

SIDEL, Ruth. **Women and Children Last**. Nova York: Penguin, 1987.

SILVA, Giselia Alves; BALABAN, Geni e MOTTA, Maria Eugênia. **A prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de diferentes condições socioeconômicas**. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, volume 5, número 3, ago. 2010.

SILVA, Isília. **Enfermagem e aleitamento materno: combinando práticas seculares**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, volume 34, número.4, dezembro de 2000. p. 362-9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n4/v34n4a07>>. Acesso em: 09 jan. 2016.

STURGEON, Noel. **Ecofeminist Natures: Race, gender, Feminist theory and Political action**. New York: Routledge, 1997.

SWAIN, J. E.; TASGIN, E.; MAYES, L. C.; FELDMAN, R., TODD CONSTABLE, R. e LECKMAN, J. F. Maternal brain response to own baby-cry is affected by cesarean section delivery. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, vol. 49, p. 1042-1052. doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.01963.

TAYLOR, Janelle; LAYNE, Linda e WOZNIAK Danielle. **Consuming Motherhood**. Londres: Rutgers University Press, 2004.

THOMAS, S. G. **Buy, Buy Baby**: How consumer culture manipulates parents and harms young minds. Orlando, Flórida: Houghton Mifflin Harcourt, 2007.

VICTORA, Cesar; HORTA, Bernardo e QUEVEDO, Luciana. Association between breastfeeding and intelligence, educational attainment, and income at 30 years of age: a prospective birth cohort study from Brazil. **Revista "The Lancet Global Health"**, vol. 3, n. 4, abril 2015. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X\(15\)70002-1/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(15)70002-1/fulltext)>. Acesso em: 09 jan. 2016.

WALBY, Sylvia. **Theorizing patriarchy**. Oxford: Blackwell, 1990.

WALL, Chloe. **The Nature of Knowledge**: Toward an Ecofeminist Epistemology. In: *Metamorphosis*. Canadá: Council of Public Liberal Arts Colleges (COPLAC), 2002.

WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy**. Estados Unidos: Rowman & Littlefield, 2000.

VERPLANK, Bas; WALKER, Ian e DAVIS, Adrian. **Context change and travel mode choice**: Combining the habit discontinuity and self-activation hypotheses. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494407000898>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

ZELEZNY, Lynnete; CHUA, Poh-Pheng e ALDRICH, Cristina. **New ways of thinking about environmentalism**: elaborating gender differences in environmentalism. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0022-4537.00177/abstract>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

WORLD COMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Our Common Future**. Oxford: Oxford University Press, 1987. p. 43.

Homepages

ACADEMIA AMERICANA DE PEDIATRIA: Disponível em: <<http://www.onondagachildfatalityreview.com/pdf/AAP-guidelines.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde Brasileiro. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf>. Acesso em: 21/12/2015

BRASIL. Ministério da Saúde Brasileiro. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/pacsauade/not_03082009.php>. Acesso em: 03 dez. 2015.

CIDADE VERDE. 20/10/2015. Disponível em: <<http://cidadeverde.com/noticias/204923/mae-e-constrangida-por-amamentar-em-restaurante-na-zona-leste-e-grupo-faz-mamaco>>. Acesso em: 03/12/2015.

CONSULTOR JURÍDICO: Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2015-set-05/faculdade-indenizar-aluna-foi-proibida-amamentar>>. Acesso em 03.12.2015.

DOUTOR SEARS. Disponível em: <<http://www.askdrsears.com/topics/health-concerns/sleep-problems/faqs-about-sleep-problems/safe-co-sleeping-research>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Disponível em: <<http://www.agencia.fiocruz.br/brasil-%C3%A9-campe%C3%A3o-em-cesarianas-no-mundo-revela-estudo-da-fiocruz>>. Acesso em: 12 abr. 2015

HEINZ PAPINHAS: Disponível em: <http://www.heinzpapiinhas.com.br/?page=sache>. Acesso em: 15 jan. 2016.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio Online**. Disponível em: <http://dicionariodoaurelio.com/sustentavel>. Acesso em: 05/01/2015.

NATIONAL HEALTH SERVICE: Disponível em: <http://www.institute.nhs.uk/quality_and_value/high_volume_care/focus_on%3A_caesarean_section.html>. Acesso em: 12 abr. 2015.

NESTLÉ NUTRITION. Disponível em: www.nestlenutrition.com.br. Acesso em: 05/12/2015

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. Disponível em: http://www.who.int/nutrition/topics/exclusive_breastfeeding/en/. Acesso em: 03/12/2015.

PEDIATRIA INTEGRAL: Disponível em: <www.pediatriaintegral.com.br>. Acesso em: 05 dez. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA - SBP. Disponível em: <www.sbp.com.br>. Acesso em: 05 dez. 2015.

UNITED NATIONS. Gender equality and sustainable development. World Survey on the role of women in development 2014. Disponível em:

<http://www.unwomen.org/~media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2014/unwomen_surveyreport_advance_16oct.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016.5